



VERUS
EDITORA

Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* DO CALENDÁRIO

JUNHO

Audrey Carlan



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Audrey Carlan

A
garota DO
CALENDÁRIO



JUNHO

Tradução
Andréia Barboza

Editora

Raíssa Castro

Capa e projeto gráfico**Coordenadora editorial** André S. Tavares da Silva

Ana Paula Gomes

Diagramação

Daiane Cristina Avelino Silva

Copidesque

Lígia Alves

Foto da capa

© Valua Vitaly/Shutterstock (casal)

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Título original*Calendar Girl: June*

ISBN: 978-85-7686-549-0

Copyright © Audrey Carlan, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedito Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário: junho [recurso eletrônico] / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.
recurso digital (A garota do calendário; 6)

Tradução de: Calendar Girl: June

Sequência de: A garota do calendário: maio

Formato: epub



Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-549-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título. III. Série.

16-35127

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Lisa Colgrave Roth

Junho é dedicado a você, anjo,
porque é uma parte providencial da jornada de Mia,
assim como você é da minha.

Quando você se juntou a minha equipe de marketing,
eu não fazia ideia de que estava recebendo uma bênção.

Sua divulgação sem fim, apoio e amizade
me ajudaram um milhão de vezes.

Com amor e gratidão por tudo o que você é.

SUMÁRIO

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[A garota do Calendário | Julho](#)

[Agradecimentos](#)



O mês de junho em Washington era opressivo. O ar úmido fazia a roupa parecer uma segunda camada de pele, abafada e miserável. Fiquei imaginando que, se puxasse a camiseta para longe do peito, acabaria arrancando um pouco da carne com o movimento.

Ao colocar o pé para fora do aeroporto, deparei com um céu encoberto e sem sol. Depois de ter passado o último mês no Havaí, eu tinha perdido o costume de encarar aquele tipo de cenário.

Examinei as filas de automóveis à espera. Havia um cara alto em frente a um carro executivo preto, segurando um cartaz que dizia “Saunders”. Imaginei que fosse minha carona.

— Sou Mia Saunders. — Estendi a mão e o motorista a apertou.

— James, seu motorista. Vou levá-la aonde quiser durante sua estadia com os Shipley.

Ele pegou minha bagagem e a colocou no porta-malas antes de abrir a porta para mim. Entrei no veículo, tentando impedir que minhas pernas suadas marcassem o couro liso. A saia delicada que usei no avião me pareceu uma ótima escolha quando me vesti de manhã. Eu deveria ter colocado uma legging. Passei a palma da mão na parte de trás das pernas, desejando ter uma toalhinha.

— É sempre úmido assim aqui? — perguntei, pegando o celular de dentro da bolsa e apertando o botão de ligar.

— Em junho? Pode esquentar horrores, chover ou fazer um tempo ameno. Provavelmente a senhorita vai experimentar de tudo este mês. Tenho de admitir que o clima anda excepcionalmente quente este ano.

Meu telefone vibrou, toques rápidos indicando que mensagens haviam chegado enquanto eu estava no avião.

O remetente da primeira estava gravado no meu celular como Samoano Sexy.

Garota, você tem algumas explicações para dar. Você fugiu. Não foi legal.

Rolei a tela para ver as outras. Aparentemente, Tai não tinha se acalmado depois da primeira mensagem.

O presente... sem palavras.

Estou muito bravo por você ter roubado o meu beijo de despedida.

Foi então que meus dedos começaram a digitar rapidamente.

Beije o seu “para sempre”. Isso vai curar tudo que te aflige.

Uma risada nada suave escapou, e os olhos do motorista encararam os meus pelo retrovisor. Ele ergueu as sobrancelhas, eu balancei a cabeça e voltei a checar as mensagens.

A próxima era de Wes.

Você vai falar comigo em algum momento? Já faz um mês. Não me faça ir atrás de você.

Meus dedos voaram sobre o teclado novamente. Não há outra forma de descrever quão rápido eu digitei a resposta mais sarcástica possível.

Tenho certeza que a Gina te manteve ocupado. Eu vi vocês dois bem felizes, se beijando na capa de uma revista de fofocas.

Depois de vinte minutos ruminando minha própria irritação e olhando a cada dois segundos para o celular, ele finalmente respondeu. Wes, não Tai, mas eu ignorei, tentando me acalmar. Em vez de ler a mensagem, voltei a pensar no meu samoano sexy.

Com sorte, a essa hora, Tai estava se preparando para seu primeiro encontro com Amy. Meu coração acelerou ao pensar que o universo a jogou em seu colo. Literalmente. Ela caiu em cima dele durante o jantar naquela noite. Eu realmente esperava que ela fosse a mulher da vida dele. Fiz uma anotação mental para telefonar em mais ou menos uma semana a fim de descobrir o progresso dos dois. Algo me dizia que era ela o “para sempre” dele. Quanto a mim, não sabia quando teria a mesma sorte. Definitivamente, não aconteceria antes que este ano acabasse. Enfim, pensar em Tai ou no futuro não me ajudou a esquecer o desejo ardente de ler a mensagem de Wes.

Com ciúme?

Será que dá para castrar um homem a mais de quatro mil quilômetros de distância? Talvez, se eu contratasse um matador de aluguel. Eu tinha um dinheiro no banco para emergências. Aquilo me fez rir por dentro. Decepar seu membro usando a grana que ganhei por ter *transado* com ele.

Que tipo de jogo ele estava fazendo? Eu deveria responder ou deixá-lo

esperando? Obviamente, ele não gostou da pausa forçada de um mês. Bem feito! Ele estava traçando o modelo de perfeição Gina DeLuca enquanto eu trepava com meu samoano sexy.

Não. Importa.

Eu poderia dizer isso a mim mesma várias vezes, mas o resultado ainda me daria um tapa na testa. Era impossível parar de me importar. Wes *sempre* importava. Não saber o que ele estava fazendo, e com quem, me dilacerava, como carne sendo devorada por uma piranha.

Tive momentos incríveis com Tai. Divertidos. Ele fez cada dia ser mais emocionante que o outro, e as noites serem mais apimentadas do que imaginei ser possível. Era fácil deixar em segundo plano meus problemas com Wes, porque eu estava ocupando a mente com coisas que uma jovem de quase vinte e cinco anos deveria aproveitar. Só que agora isso não estava funcionando.

— Ainda demora muito? — perguntei a James.

Ele acenou com o quepe.

— Sinto muito, senhorita. O trânsito a esta hora é terrível.

Quarenta e cinco minutos. Tempo de sobra. Se Wes queria conversar, eu lhe daria isso. Tecnicamente, e apesar de tudo, éramos amigos.

Peguei o celular e digitei seu número, fingindo uma calma que não sentia.

— Ela está viva! — O sotaque californiano de Wes chegou ao meu ouvido, atijando sérias vibrações instantaneamente.

— Estou morrendo de rir. Que porcaria é essa sobre eu estar com ciúme? Você sabe que eu não estou. — *Mentira.*

Wes respirou lentamente, talvez suspirando. Ouvi os ruídos do mar ao fundo. Ele devia estar na praia, talvez tivesse acabado de surfar. Escutar aqueles sons reconfortantes, ainda que entrecortados pelo telefone, fez meu coração doer de vontade de estar em casa.

— Eu imaginei que, se te provocasse, você me ligaria.

— Wes, o que está pegando? — Mesmo para os meus ouvidos, aquilo soou malicioso e um pouco mal-intencionado, o que não foi proposital.

— Me diga você. Se divertiu no Havaí? — O tom de Wes parecia refletir o meu.

Pensei em Tai e me vi lambendo suas tatuagens, do ombro até o peito, costelas, quadril e coxa. Pelo mês todo, aquele tinha sido meu passatempo favorito. Apetitoso. Um “sim” ardente escapou da minha boca antes que eu pudesse filtrar o pensamento.

Ele riu.

— Bom assim, é? Cliente ou caixara? — A tensão entre nós se amenizou um pouco.

Fechei os olhos.

— Isso importa?

— Tudo que tem a ver com você me importa. Não entendeu isso ainda? — O tom era sincero, mas mergulhado em pesar. Ele estava falhando miseravelmente em agir como se nada estivesse acontecendo, e nós dois sabíamos disso.

— Wes...

Ele respirou fundo.

— Não. Não vou fingir que não estou chateado por você ter transado com quem quer que seja no Havaí, e ainda assim estar puta comigo por fazer o mesmo com a Gina.

Ele tinha razão. Total. Mas esse é o problema do coração e da mente. Eles raramente se equilibram ou mostram uma visão realista das coisas. Os argumentos dele poderiam fazer mais sentido que os ensinamentos de Deepak Chopra, porém não mudavam os fatos. Wes estar com Gina doía. Muito. Estávamos nos magoando e não conseguíamos encontrar uma boa maneira de contornar isso.

Minha garganta estava tensa, com um nó, quando respondi:

— Olha, Wes, desculpa. Eu entendo o que você está dizendo. Entendo mesmo. Você está certo.

— Isso significa que você vai voltar pra casa? — Havia uma ponta de esperança em sua pergunta.

Casa. Onde eu estaria em casa? Na Califórnia, no apartamentinho onde eu não punha os pés fazia cinco meses? Em Vegas, na casa em que cresci? Ou na costa de Malibu, nos braços de um homem dos sonhos que provavelmente tinha muito mais do meu coração do que eu gostaria de admitir?

Umedeci os lábios e bufei alto.

— Wes, você sabe que eu não posso fazer isso.

Ele gemeu baixinho, enfiando uma faca em meu estômago.

— Não é verdade. Você pode. Mas não quer. — Ele enfatizou cada frase.

Balancei a cabeça, tentando me livrar das emoções que corriam uma maratona em minha mente.

— Não posso deixar você pagar a dívida do meu pai.

— Mais uma vez. — Ele suspirou. — Você pode. Mas não quer — repetiu. Ele parecia cansado, as palavras pesando. E era tudo culpa minha. Eu estava fazendo isso com ele, conosco. Nossas conversas eram cada vez mais difíceis, e eu ainda tinha metade do ano para passar. Não sabíamos em que pé estaríamos ao fim desse período. Até agora, não estávamos indo muito bem como amigos. Constantemente magoávamos um ao outro, sem nem precisar tentar.

Uma pausa enorme permaneceu entre nós enquanto eu pensava, sem sucesso, no que dizer.

— Quando eu vou poder te ver de novo? — ele rompeu o silêncio.

Ele ainda queria me ver? Eu não entendia aquele homem. Droga, eu não entendia a maioria dos homens, especialmente aquele.

— Hum, não sei. Acabei de desembarcar em Washington. Vou ser a namorada-troféu de um senhor.

A risada de Wes vibrou através da linha.

— Um coroa? Pelo menos eu sei que você não vai se entregar para um velhote com receita de Viagra.

— Isso não foi nada gentil! — repreendi, em tom de brincadeira. — Além do mais, ele tem um filho gato que é senador. Você sabe, homens poderosos e eu...

A risada de Wes morreu na hora; o breve momento de paz havia se quebrado. A tensão cresceu novamente.

— Você está brincando? — ele perguntou.

Anzol. Linha. Isca.

— Não.

— Você me fode — ele gemeu.

— Com prazer — respondi, sem pensar.

— Quando? — ele não perdeu a oportunidade.

— Quando a gente se encontrar de novo, bobinho.

— E quando vai ser isso? — ele continuou a questionar, mas eu não tinha mais certeza se ainda estava brincando. Aquela coisa entre nós ziguezagueava, se retorcia e virava. Nunca era fácil manobrar.

— Não sei. Acho que quando tiver que ser — arrisquei.

— Por que eu? — Sua voz soou aguda e frustrada, como a de alguém que olha para o céu, estende os braços e grita com seu criador. — Por que raios eu tinha que ficar de quatro por uma maluca como você? — Então ele riu alto, soltando aquela bela risada gutural que era só dele, fazendo meu coração bater tão forte que parecia querer estourar no peito.

Dei de ombros, mas ele não podia ver.

— Se o universo te der uma mão de merda, aposte contra o dealer. Tchau, Wes.

Em vez de esperar que ele se despedisse, encerrei a chamada e respirei fundo várias vezes para me acalmar.

É hora de voltar os olhos para a recompensa, Mia. Warren Shipley. Seu próximo cliente.



Warren Shipley não me esperou na entrada de sua mansão. Não. O homem que estava no topo dos degraus de pedra quando deixei o carro parecia saído da revista *GQ*. Aaron Shipley, senador democrata da Califórnia, se recostou na coluna branca. Eu sempre estive rodeada de homens bonitos. Estive com machos alfa gigantes que

poderiam cortar madeira com as mãos, mas ainda não tinha visto um homem que usasse um terno como ele. Pura perfeição.

O tecido cinza-escuro emoldurava os ombros largos, a cintura fina e as pernas longas, como se tivesse sido feito sob medida. Provavelmente tinha. Seus olhos estavam escondidos atrás de Ray-Ban pretos. O cabelo loiro-escuro estava penteado de um jeito despojado, como se ele tivesse acabado de sair da cama, conferindo aquela aparência tão na moda atualmente. Nele funcionava, e muito bem. Dava um ar arrumado com um toque de extravagância. Uma combinação letal para uma garota como eu. Bem, para qualquer garota.

Tão elegante quanto um jaguar, ele desceu lentamente do topo da escada de pedra até o caminho de cascalho logo abaixo. A maioria das mulheres tentaria encontrá-lo no meio do percurso, subindo alguns degraus. Mas eu não era como a maioria, e ele, definitivamente, não era como a maioria dos homens. Gostei de ficar observando-o se mover. Havia um ar de autoridade que se agarrava a ele como uma colônia fina e marcante. Ele andava com graça e agilidade, exalando tanto poder que quase derreti ali mesmo. A queixa anterior sobre a umidade não era nada em comparação com o suor que eu sentia se formar na nuca, uma única gota escorrendo pela coluna, atirando faíscas de desejo por todas as minhas terminações nervosas.

— Você deve ser a srta. Saunders. — O tom era direto, mas acolhedor. No momento em que nossas mãos se tocaram, senti uma descarga elétrica na palma. Tentei me afastar. Ele agarrou minha mão com mais força. — Curioso. Eu raramente sinto a essência de alguém com apenas um toque.

— Essência?

Um sorriso misterioso surgiu naqueles lábios feitos para beijar. Não eram nem muito finos nem muito grossos. Como a Cachinhos Dourados e seus três ursos, aqueles lábios encaixariam nos meus perfeitamente. Ele ainda não tinha soltado minha mão. Em vez disso, ele a virou, mantendo nossas palmas coladas. A mera sensação de pele contra pele foi o suficiente para me fazer salivar por mais. Ele ergueu os óculos até a cabeça, um movimento moderno demais para um político. Homens como ele deveriam ser maçantes, chatos, totalmente voltados para o governo e blá-blá-blá... Meus pensamentos foram interrompidos pela profundidade daqueles olhos castanhos queimando nos meus. Pareciam chocolates Kisses, da Hershey's, *me* fazendo derreter. Suspirei enquanto seu polegar acariciava o topo da minha mão.

— Sua essência é a sua força de vida, seu magnetismo. Quando você me tocou, eu senti a carga. Você sentiu? — Anuí, atordoada, olhando para aquelas íris achocolatadas, focando em seu nariz reto, nas maçãs do rosto salientes e no queixo esculpido. — Quando pressiono nossas palmas com mais firmeza — ele colocou a outra mão sobre o dorso da minha, apertando-a —, é muito mais forte. — Sua

sobrancelha se arqueou, ao mesmo tempo em que umedecei os lábios. Aqueles olhos foram diretamente para minha boca, e meus joelhos fraquejaram.

Precisei de toda a força que possuía para não lambe os lábios novamente.

— Venha — ele disse, e eu juro que a palavra enviou um raio de eletricidade diretamente para meu centro de prazer, que pulsava incessantemente. Ele falou mais alguma coisa, mas eu perdi o controle após o seu comando. Ele soltou minha mão e estendeu a sua para tocar minha bochecha. Ah, cara, agora eu gostei um milhão de vezes mais, mas isso me forçou a me concentrar no que estava acontecendo ao redor. — Mia, você está bem? — Seu olhar percorreu o meu rosto. Preocupação e interesse predominavam na linha que surgiu entre suas sobrancelhas. — Pedi que você me acompanhasse. Meu pai está à sua espera.

Pisquei algumas vezes e voltei a me concentrar.

— Ah, sim. Desculpe. — Balancei a cabeça, tentando afastar a névoa de luxúria restante. — Foi uma viagem realmente longa. Eu estava no Havaí e vim direto para cá, com duas conexões no meio. Fiquei acordada a noite toda. — Conexões que significaram corridas loucas até o portão de embarque, para não perder o avião. Eu queria matar tia Millie por reservar voos com intervalos de apenas cinquenta minutos. Pausas para um xixi estavam completamente fora de questão, e o comandante não permitia que os passageiros usassem o banheiro antes da decolagem, muito menos até estarmos a certa altitude. E o último voo durou várias horas, só pousamos na manhã do dia seguinte. Não foi a melhor viagem da minha vida.

Aaron estalou a língua.

— Deve ter sido horrível. Vou apresentá-la ao meu pai e pedir ao James que mostre o seu quarto, para que a gente possa dar uma rapidinha.

— O quê? — Parei no topo da escada e coloquei a mão na testa. — *Rapidinha?*

— Eu falei que vou apresentar você ao meu pai, acomodá-la no seu quarto e deixá-la dar uma dormidinha. A mudança de fuso é complicada.

— Ah, dormidinha. — Fechei os olhos e ri por dentro.

— O que você tinha entendido? — Ele sorriu, mostrando uma fileira dos dentes mais belos que eu já tinha visto em um homem. Aaron poderia facilmente aparecer em capas de revista. Ah, espere. Ele já aparecia. Deixa pra lá.

— Achei que você tinha dito que nós poderíamos dar uma rapidinha. — Eu ri e ele se deteve, dessa vez no topo da escada, ao lado da porta da frente.

Um sorriso malicioso surgiu em seus lábios.

— Bem, pode-se dar um jeito, embora eu ache que o meu pai não ia gostar que eu enfiasse a mão no pote de biscoitos antes de lhe oferecer uma refeição adequada e um encontro. — Ele piscou e segurou minha mão. Aquela mesma chama de excitação apareceu, atizando a energia magnética novamente.

Aaron se virou, me olhando de lado enquanto me conduzia pela porta da frente.

— Você sentiu isso?

Senhor, eu queria não ter sentido. Em vez de mentir, fechei os olhos, preendi a respiração e concordei.



Olhando de fora, imaginei que a mansão fosse incrível. Mas minha imaginação nem chegava perto do que vi em seu interior. Do vestibulo, saía uma escadaria dupla forrada por um tapete amarelo. Aquilo me fez lembrar da estrada de tijolos amarelos. Dorothy saltitaria por ele antes de chegar a seu destino. Se eu não estivesse morta de cansaço, estaria saltitando também. Aquele lugar era mais que suntuoso. A casa de Wes em Malibu era bonita, vibrante e provavelmente havia custado uma fortuna. O loft de Alec era incrível e bem equipado. A cobertura de Tony e Hector era luxuosa, mas aqui havia outro tipo de riqueza. Quando tia Millie me disse que era dinheiro antigo, eu sinceramente não sabia do que se tratava. Achei que fosse algo relacionado à política, talvez ao governo. Eu sabia que provavelmente seria um lugar bonito, mas me fez sentir como se a rainha da Inglaterra pudesse viver ali no maior conforto. As paredes curvas tinham sancas, e havia janelas gigantescas com cortinas grossas cor de vinho. Meus pés afundaram no tapete, me fazendo desejar tirar as sandálias e caminhar descalça. Só assim eu poderia enfiar os dedos na maciez do veludo.

— Incrível.

Aaron sorriu e olhou em volta, sem parecer impressionado.

— Minha mãe era boa com decoração.

— Ah, é? Ela deve se orgulhar disso. É lindo.

— Ela se foi há muito tempo, mas definitivamente gostava dos admiradores e das revistas de decoração que fotografavam os cômodos. Ela foi capa algumas vezes. Esta casa era o orgulho e a alegria dela, depois que eu saí daqui e fui para a universidade. — Ele sorriu e piscou.

Parecia que o ego de Aaron Shipley estava intacto.

Eu o segui em silêncio, olhando ao redor, até que paramos em frente a um conjunto de portas duplas. Risos soaram por trás delas, mostrando que alguém se divertia. Aaron bateu com força, mas não esperou pela resposta; abriu uma das portas como se tivesse esse direito.

— Ah, Aaron, meu rapaz. Entre, entre. Kathleen e eu estávamos falando sobre o desastre na cozinha na semana passada. — Ele apontou para uma mulher de saia lápis azul-marinho com um avental branco de babados amarrado na cintura e uma blusa de seda creme abotoada até o pescoço, enfiada dentro da saia com precisão. Só podia ser uma funcionária. — O fornecedor do bufê achou que eu queria...

— Pai... — Aaron o interrompeu abruptamente, o que eu achei bastante rude e desagradável. Sua gostosura perdeu alguns pontos. — A srta. Saunders está aqui. — Ele puxou meu braço e eu fiquei cara a cara com uma cópia mais velha do jovem Shipley.

— Bem, você é ainda mais bonita pessoalmente do que no seu perfil. A sra. Milan sabe mesmo impressionar. Ela vai servir perfeitamente, você não acha, Aaron?

Os olhos de Aaron percorreram meu corpo, da cabeça aos pés.

— Sim, definitivamente ela é a candidata ideal para ganhar a atenção dos seus pares.

— Venha cá, minha querida. Sou Warren Shipley — ele falou com jovialidade. Em vez de um aperto de mão, me puxou para um abraço paternal. — Você não é nada do que eu estava esperando. — Ele se afastou e sorriu ao olhar diretamente em meus olhos. Um velho safado e pervertido, naquela posição, estaria olhando para meus seios. Parecia que minha tia havia dito a verdade. Ele não estava interessado em mim daquela forma. — Obrigado por ter vindo. A situação é peculiar, mas a sra. Milan me garantiu que você seria uma excelente candidata. Só pela sua aparência... já posso dizer que eles vão comer na palma da minha mão.



— Como assim, “só pela minha aparência”? — Minhas sobrancelhas se estreitaram por vontade própria.

Aaron bufou atrás de mim e colocou a mão em minhas costas... muito baixo. Baixo o suficiente para sentir a curva do meu bumbum através da saia. Em seguida, bateu em meu traseiro e me contornou, cruzando os braços e se sentando na beirada da mesa do pai.

Eu estava prestes a esganá-lo por bater na minha bunda como se eu fosse propriedade sua, mas ele aproveitou aquele momento para explicar:

— Meu pai te contratou porque você é jovem, linda e vai ficar incrível em um vestido de festa. Você já ouviu o termo “namorada-troféu”, certo? — Seus lábios franziram e os olhos deslizaram pelo meu corpo. Eu queria odiar a maneira como ele me fez sentir, mas não podia. Tinha algo a ver com o fato de a admiração escancarada ser proibida para alguém de seu calibre e status. Um político rico avaliando uma acompanhante era sexy demais.

— Então eu vou fingir ser o que sua, sr. Shipley? — Olhei para o homem mais velho, em busca de esclarecimentos.

Warren Shipley encarou Kathleen, que baixou o rosto e desviou o olhar. Uma expressão de dor cruzou suas feições delicadas.

— Acho que vou me despedir e deixar vocês discutindo negócios. — Sua voz tremeu enquanto fazia uma retirada precipitada. A mulher saiu da sala tão rápido que nem sequer ouvi seus passos. Imaginei que os criados da casa aprendiam a ficar calados e a não perturbar.

O pai de Aaron levantou a mão para dizer alguma coisa à mulher, mas o filho segurou a mão dele e a empurrou de volta para a mesa, onde eles estavam reclinados. Warren endireitou os ombros e virou a cabeça.

— Minha querida, os homens com quem eu negocio, assim como eu, são membros do One Percent, o um por cento mais privilegiado da nossa sociedade. Eles têm mais dinheiro do que milhares de pessoas poderiam precisar na vida, e usam esse dinheiro para controlar grandes negócios. Só estou entrando no jogo deles. — Isso me confundiu, pois o One Percent que eu conhecia era uma gangue de motoqueiros dos arredores de Vegas.

Coloquei as mãos no quadril e apoiei o peso do corpo em uma perna.

— Isso não explica o motivo pelo qual eu estou aqui.

Warren pigarreou e esfregou a mão na sombra de barba que aparecia em seu queixo. Ele parecia extremamente desconfortável com a continuação daquela conversa.

— Você está aqui para ser a prostituta do meu pai — Aaron confirmou descaradamente, sem o mínimo de tato na voz.

Eu me endireitei e cruzei os braços sobre o peito instantaneamente.

— O quê? Eu não faço sexo com os clientes a menos que *queira*. — Dei ênfase ao último verbo.

— Não, não, não, minha querida. Eu não quero isso... — Warren pareceu tão desconfortável quanto eu me sentia e olhou para Aaron como se estivesse pedindo ajuda para se explicar. O filho revirou os olhos e se levantou.

— Mia, esses homens sempre têm uma mulher a tiracolo. Normalmente elas são vadias interesseiras. Isso significa ficar bonita, pegar o máximo de dinheiro que conseguir e transar com os homens onde e quando eles quiserem.

— Meu Deus, filho. Precisa ser tão grosseiro? — Warren se levantou e se aproximou de mim. Seus olhos estavam repletos de alguma coisa semelhante a vergonha. — Mia, não vou tratá-la mal, mas eu preciso entrar no jogo desses homens para avançar em meus planos de construção e no novo projeto. Todos eles têm mulheres bonitas e muito jovens como acompanhantes. É algo nojento relacionado a status. Eu não gosto disso, mas vou fazer o que for preciso para avançar com o meu trabalho. Para isso, preciso do apoio de várias pessoas muito importantes do mundo dos negócios e da política. Sem esse apoio, todos os planos podem ser arruinados.

— Parece que você já investiu bastante nisso.

— Sim, dinheiro e tempo. Mais do que eu gostaria de admitir — ele confirmou.

Mais uma vez, Aaron balançou a cabeça.

— O meu pai é um justiceiro moderno. Ele está construindo um centro de operações para oferecer serviços médicos a países de terceiro mundo. Para isso, precisa que se abra o comércio com países que oferecem vacinas específicas por uma fração do custo. Ele precisa ter acesso ao governo desses países, além de imunidade para viajar para esses lugares. Vai precisar de permissões especiais para que a organização possa entrar e sair dos Estados Unidos enviando médicos e profissionais da área da saúde, entre outros. É muito parecido com o trabalho da Cruz Vermelha, do Lions International e dos Médicos sem Fronteiras.

— Você quer ajudar a salvar pessoas em países de terceiro mundo? Não vejo por que isso seria um problema. Os representantes do governo não deveriam estar felizes com a possibilidade de ajudar, especialmente quando isso não é feito às custas do contribuinte?

Warren segurou minhas bochechas, olhando profundamente em meus olhos. Suas

íris castanhas eram calorosas e gentis.

— Alguns estão, meu doce. Alguns estão. Mas existe muita burocracia. Mais do que você pode imaginar. — Ele deixou as mãos caírem e deu um passo para trás, apoiando-se na mesa. — Para vencer essa burocracia, eu preciso que alguns homens poderosos estejam dentro. Também existem alguns que querem favores especiais da nossa família, que nós não temos como conceder. — Voltou o olhar para Aaron, que inspirou e abaixou a cabeça. Warren não ousaria colocar em risco a posição política do filho com seu plano. Então, percebi que Warren Shipley era um bom homem. Mas ainda não havia deliberado a respeito do filho.

Dei de ombros.

— E onde eu entro nisso?

Foi quando Aaron se aproximou de mim e segurou minha nuca. Sua mão estava quente e fez a quantidade certa de pressão.

— Nos eventos e reuniões. Esteja sempre linda, sorria, abrace meu pai como se fosse seu brinquedo novo e pronto: seu trabalho estará feito. — Eu queria ter uma daquelas placas enormes com a frase “Isso é fácil” para mostrar.

— E quanto a você? — Umedeci os lábios. Mais uma vez, ele me olhou com uma intensidade que eu apreciava. Se seu pai não estivesse lá, tenho certeza de que eu estaria pressionada contra a parede mais próxima, com seus lábios sobre os meus.

Aaron fez um zumbido com a garganta. Um ruído que eu pude sentir por todo o corpo, até os dedos dos pés. Ele se inclinou perto do meu rosto, tão próximo que senti sua respiração quando ele sussurrou em meu ouvido:

— Eu? Bem, posso correr atrás do brinquedinho sexy do meu pai em particular. — Suas sobrancelhas se ergueram antes que ele recuasse e piscasse.

Estendi as mãos e as bati nas coxas.

— Quando começamos?



Poucos dias depois, em um evento de caridade com o sr. Shipley, eu olhava ao redor feito uma gazela selvagem presa na mira de um caçador. Observar o salão me fez lembrar de Malibu com Wes, em um de seus eventos abarrotados, só que esse era muito mais requintado. Lá eu tinha Wes para me fazer sentir à vontade, fazer de conta que eu me encaixava. Desta vez, não era assim. Mentalmente me dei uma boa dose de autoconfiança, mantendo o foco em meus objetivos e me preparando para a batalha. Esta noite eu não estava usando paetês, mas uma peça desenhada por Dolce & Gabbana como um favor ao sr. Shipley. O vestido tinha as costas nuas até acima do bumbum, mas cobria tudo na parte da frente. Warren ficou vermelho e não disse nada a respeito do closet repleto de roupas de grife. Eu havia tirado fotos das roupas e mandado para Hector, meu melhor amigo gay em Chicago. Sua resposta foi algo

como: “*Chica*, você está com o universo nas mãos. Como eu faço para ganhar um bilhete para o paraíso?”

Olhei para o salão e fiquei chocada com o número de homens com mais de cinquenta anos, usando ternos elegantes e acompanhados por mulheres com idade para ser suas filhas — talvez até mesmo netas. Discretamente, peguei o celular e tirei uma foto da sala gigante, incluindo meu cliente. Era um evento de caridade de um dos “amigos” de Warren. Uso o termo entre aspas porque, como ele mesmo admitiu, pouquíssimas pessoas do One Percent eram realmente amigas. E as amizades se estendiam apenas até o próximo negócio. Se o acordo não as levasse para mais perto de um objetivo nem trouxesse dinheiro para seus bolsos, aquela relação já não tinha valor algum. Não eram mais bons amigos. Honestamente, aquilo me enojava, mas eu estava sendo paga para estar ali. Hipocrisia era algo em que eu estava trabalhando.

Enviei a imagem para Ginelle, com a seguinte mensagem:

Dê uma legenda para essa foto.

Fácil! “Traga sua filha para um dia de trabalho em Capitol Hill!”

Quase não consegui me segurar. A risada borbulhou tão rápido que acabei engasgando com o champanhe, me forçando a oscilar em meus saltos agulha. Meu Deus, eu amava aquela mulher.

— Cuidado aí. — Um senhor me segurou pelo braço. — Essa bebida que você está tomando é boa. Acho que existem formas piores de sufocar até a morte do que com um champanhe de quinhentos dólares. — Ele riu enquanto meus olhos lacrimejavam. Acabei cuspidando o líquido na planta à minha frente. Tossi, tentando me orientar. Um garçom passou por mim naquele momento com copos de água. O homem grisalho roubou um e me entregou. Bebi a água com gratidão, por cima do champanhe que tinha descido pelo lugar errado.

— Me desculpe. — Limpei a garganta e fiz um biquinho, mostrando minha melhor expressão amuada.

O homem, que devia ter pelo menos sessenta e cinco ou setenta anos, balançou a cabeça e acariciou minha bochecha, como se eu fosse seu animal de estimação favorito.

— Não se preocupe, menina. Quem está bancando você?

Em um minuto ele parecia um avô, no seguinte um verdadeiro predador. Sem perceber, minhas sobrancelhas se estreitaram.

— Não tenho certeza do que você quer dizer.

— Não seja sonsa. Você veio com quem? — Ele lambeu os lábios secos e rachados. O velho respirou com a boca aberta, e o cheiro de bebida e charuto soprou sobre mim. Eu me encolhi, engolindo a necessidade de vomitar.

Alguém limpou a garganta atrás dele.

— Acredito que você tenha encontrado algo que me pertence. — O rosto de Warren Shipley se torceu em uma careta, e seus olhos estavam duros como pedra enquanto encaravam a mão do homem segurando meu braço.

— Warren, eu não sabia que você finalmente tinha pegado uma cabritinha. — O homem sorriu e seus olhos traçaram, sem limites, minhas curvas. — E que espécime perfeito. Você compartilha? — O tom era bajulador. Segurar o vômito estava cada vez mais difícil.

Warren riu alto. Uma enorme gargalhada, que podia ser ouvida em toda parte.

— Receio que não, meu velho amigo. Fiquei um pouco egoísta na minha idade, Arthur.

O homem soltou meu braço. Instintivamente esfreguei o local. Warren observou o movimento com a mandíbula apertada. Ele se aproximou e colocou a mão ao redor da minha cintura.

— Esta é a Mia, que está sob os meus cuidados. Mia, Arthur Broughton. — Warren apertou minha cintura e eu estendi a mão.

— Prazer em conhecê-lo, sr. Broughton. — Eu me aconcheguei a Warren por medida de segurança. Ele me puxou para perto, seu corpo um pilar de força e firmeza. Uma força que desmentia sua idade.

Warren se inclinou e beijou minha têmpora.

— Mia, você parece estar com sede. Vá pegar uma bebida. Encontro com você em um instante. — Concordei e ele bateu de leve em meu traseiro. Não da mesma forma que Mason, meu antigo cliente e amigo, fazia. Foi mais como um carinho. Pelo menos ele não me apalpou, como alguns daqueles homens.

Segui através do desfile de velhos colados a corpos firmes de mulheres consideravelmente jovens. Eu quase podia imaginar minúsculas algemas prendendo aquelas mulheres, assegurando que elas nunca ficassem longe da carteira de seus homens. Que nojo.

O barman me ofereceu mais uma taça de champanhe. Bebi de uma vez, coloquei a taça sobre o balcão e pedi outra.

— Vai com calma, tigresa. Melhor não cair de bêbada e arruinar a imagem do meu pai — Aaron disse enquanto se sentava no banquinho a meu lado.

Balancei a cabeça e franzi os lábios.

— Não entendo o que estou fazendo aqui.

— Você já está fazendo o seu papel. Está bonita, mostrando a esses velhos que o

meu pai é um deles. Viu como ele está todo animado conversando com Arthur Broughton?

Eu me encolhi ao ouvir o nome do cara que tinha agarrado meu braço.

— Sim.

Aaron apontou para os dois.

— Ele é o dono dos portos pelos quais o meu pai deseja trazer os medicamentos. Em todos os países onde ele opera, a autoridade portuária come na mão dele. O meu pai precisa desse cara para aportar os navios.

Expirei, empurrando o peito para fora, e endireitei os ombros.

— Mas por quê? O que ele está fazendo é bom, solidário e filantrópico.

Aaron riu.

— É, mas não gera lucro, além de ser perigoso levar americanos a esses países para criar as instalações médicas lá. E estou usando o termo “instalações” de forma genérica. Estão mais para tendas. E este é só o primeiro passo. Isto é, se ele conseguir que o Arthur concorde em autorizar os navios a entrarem e saírem, além de ceder o lucro gerado para essa causa. Não é uma tarefa fácil. Ele também tem que conseguir apoio das empresas de navios de carga, médicos, missionários, forças armadas etc. Tem muito mais coisas em jogo do que você imagina.

Uau. Warren era realmente um super-herói dos tempos modernos. Levando medicamentos para países do terceiro mundo, assumindo riscos pelo bem da humanidade. Isso era extremamente poderoso, e pela primeira vez me senti bem por estar com aquele cliente.

— Então, como eu posso ajudar?

Aaron levantou a mão e acariciou minha bochecha com o polegar.

— Você pode relaxar. Já está fazendo dele um dos grandões só por estar aqui com o seu belo brinquedo. — Tenho certeza de que meus olhos cuspiram fogo quando ele disse isso, pois Aaron riu e emendou rapidamente: — Não que a gente ache que você é um brinquedo. Nossa, ela é sensível.

Revirei os olhos e bufei.

— Desculpe. Talvez eu esteja um pouco deslocada. Isso é diferente do que estou acostumada a fazer.

Ele se inclinou um pouco mais para perto, o suficiente para que eu pudesse sentir o cheiro das notas doces de maçã e couro de sua colônia.

— E o que você está acostumada a fazer? — Seu tom era sedutor e falou diretamente com a mulher dentro de mim.

Inclinando um ombro nu e olhando por cima dele, bati os cílios.

— É diferente para cada um.

— É mesmo? E se eu quisesse testar alguma coisa *diferente* enquanto você estiver aqui... você estaria interessada? Comigo. Não com o meu pai.

Mordisquei o lábio e inspirei, fazendo um ruído. Inclinando a cabeça, olhei diretamente naqueles olhos cor de chocolate. Esse homem não era tímido. Desejo, luxúria, tesão e cobiça traçaram suavemente cada centímetro de minha pele quando ele olhou para mim. Arrepios de excitação ondularam em meu peito para descansar entre minhas pernas. Ele moveu a mão para meu joelho, fazendo círculos lentos sobre a pele nua. A sensação de alguns segundos antes estava se transformando em um turbilhão de energia nervosa. A expectativa era um jogo divertido, que o atraente Aaron Shipley parecia gostar de jogar. Ele era definitivamente habilidoso na arte da sedução. Fui seduzida... por inteiro.

Antes que eu me perdesse, me inclinasse para a frente e desse uma mordida no lugar onde já sentia uma necessidade atroz de afundar os dentes, Warren voltou. Um enorme sorriso iluminava seu rosto levemente enrugado.

Ele bateu palmas.

— Champanhe, meu rapaz. Temos motivos para comemorar! — anunciou. O barman lhe entregou uma taça do espumante.

— É mesmo, pai? Conte para nós. A expectativa — seus olhos foram para os meus, um olhar que parecia queimar — é sufocante. No bom sentido.

Warren passou a meia hora seguinte discorrendo sobre o acordo que tinha feito com Arthur Broughton sobre os portos. Ele descobriu que Arthur precisava dos benefícios fiscais trazidos pelas obras assistenciais e da publicidade positiva para sua empresa. Arthur tinha enfrentado críticas negativas a respeito de suas práticas comerciais com a Ásia. Oferecer seus portos para exportar equipamentos médicos, suprimentos e profissionais para países com extrema necessidade da medicina ocidental era uma oportunidade que ele não poderia deixar passar.

— Obrigado, Mia. Você está me ajudando a chegar aonde eu preciso com o projeto.

Franzi a testa.

— Como assim? Não fiz nada.

— Pelo contrário. O Arthur estava me evitando porque achou que eu tinha ficado chateado por causa de um negócio que ele fechou com um concorrente da Shipley Inc., o que é totalmente apócrifo. — Aaron assentiu. Fingi que sabia o que significava “apócrifo”, mas imaginei que tinha a ver com alguma coisa falsa ou mentirosa. — Você me deu a oportunidade perfeita de conversar com ele. Nós falamos de você por alguns minutos, depois começamos a tratar de negócios. Deu muito certo. — Ele abriu um enorme sorriso e tomou o resto do champanhe.

Não havia nada que eu pudesse dizer. Todo aquele cenário estava fora da minha zona de conforto. Seguir adiante era a única opção para mim. Levantei a taça, em um brinde simulado.

— Ainda bem que eu ajudei, então. — Ri e terminei a bebida antes de irmos

embora.

A noite tinha sido longa, e as conversas, chatas. As próximas semanas seriam tão sem graça quanto o departamento histórico de uma biblioteca de bairro. Seriam repletas de velhos, assuntos do mundo corporativo e vadias interesseiras. Eu precisava descobrir uma forma de ser mais útil.

Ponderei a respeito enquanto caminhava pelos salões grandes e escuros da mansão, naquela noite, à procura da cozinha. Uma luz suave brilhava no fim de um corredor. Obras de arte e esculturas de diferentes séculos eram exibidas a cada três metros. A casa mais parecia um museu. Não havia fotos da família cobrindo as paredes. Nada de recordações que eu pudesse atribuir à juventude de Aaron. Apenas antiguidades indigestas e artefatos caros que não pareciam ter nenhum valor afetivo. Eram claramente relíquias esquecidas pelos habitantes da casa ou usadas meramente para criar um ambiente de opulência. O que me deixou triste, pois algumas daquelas peças eram verdadeiras joias. Deveriam ser exibidas com destaque, e não utilizadas para preencher o espaço de um palácio quase vazio.

O salão acabou me levando a uma enorme e exuberante cozinha, com aparelhos de inox e uma geladeira com quatro portas de vidro transparente. Atrás de uma delas havia leite, queijo, frutas e vegetais. Coisas que normalmente se vê em uma geladeira. Em outra, havia flores frescas de todas as variedades.

— Ah, não vi você aí — ouvi uma voz melodiosa. Eu me virei e encontrei a governanta da casa, Kathleen.

Sorri e acenei.

— Não estava conseguindo dormir. Ainda não me ajustei à diferença de fuso.

Ela foi até os armários e pegou alguns pratos.

— Você gostaria de um sanduíche?

Minha boca se encheu de água.

— Nossa, com certeza. Só comi pratos gourmet nos últimos dois dias. Um bom e velho misto-quente seria maravilhoso.

Kathleen sorriu suavemente, mas o sorriso não alcançou seus olhos. O tempo todo, aquele par de olhos azuis me observava. Com muita habilidade, ela preparou dois sanduíches, mas não disse uma palavra. Eu sabia que havia algo em sua mente.

— Olha, pode me perguntar o que quiser. Vou responder com sinceridade. Tenho a sensação de que você não sabe por que eu estou aqui.

Ela balançou a cabeça, cruzou as mãos sobre o peito coberto com o roupão e baixou o olhar.

— Sou uma acompanhante. Warren me contratou — continuei, da maneira mais franca possível.

Os olhos de Kathleen se arregalaram. Ela colocou a mão sobre o coração e se abraçou, encostada no balcão.

— Entendo.

Não pude evitar. Ela obviamente tinha uma história com o Shipley mais velho.

— Não é o que você está pensando... — comecei, mas ela recuou até seu traseiro bater na geladeira.

— Não importa o que eu penso. Eu sou... hum, eu sou apenas uma empregada. — Suas sobrancelhas se estreitaram e ela sussurrou novamente: — Sou apenas uma empregada.

Inclinando o quadril contra o balcão, esperei até que ela olhasse para mim. Lágrimas se formaram em seus olhos, partindo meu coração.

— Eu não estou dormindo com ele. Não é assim que funciona.

Ela levantou a cabeça.

— Mas você é uma acompanhante. Acabou de dizer...

Eu a cortei:

— Eu disse que sou uma acompanhante. Contratada para participar de eventos sociais com ele, como sua namorada-troféu. Não sua companheira de cama. Parece que essa posição já está ocupada. — Sorri e ela ficou vermelha.

— Não sei o que você quer dizer. — Kathleen segurou as lapelas do roupão e cobriu ainda mais o peito, mesmo que nenhum centímetro de sua pele estivesse visível.

— Claro que sabe. — Estava muito claro para mim. Em cima da mesa estavam os dois sanduíches que ela fizera. Um era duas vezes maior que o outro. Oh-oh. — Para quem é o outro sanduíche?

Novamente, suas bochechas ficaram vermelhas.

— Estou com bastante fome.

— Sim, eu também fico com fome depois de uma boa rodada de sexo. Vá levar o sanduíche do seu homem. O seu segredo está seguro comigo. — Peguei o prato com o lanche menor e me virei para voltar ao quarto. Um programa de TV na madrugada estava me esperando.

— Mia, ele não quer que ninguém saiba. Isso iria magoá-lo.

Aquilo chamou minha atenção e eu me virei.

— Magoá-lo? Como?

Seus ombros caíram.

— Eu cuidei do Aaron depois que a mãe dele morreu. Ele não entenderia. O pai dele e eu concordamos em não contar nada. — Ela girou o pescoço, mas seus ombros continuavam caídos. — Além disso, eu não sou uma mulher de poses. Todos os homens de negócios têm mulheres que são alguém na vida. Eu não sou ninguém.

Estendi a mão para ela, mas Kathleen se afastou.

— Está tudo bem. Eu escolhi isso. Se eu não fosse loucamente apaixonada por

ele, já teria ido embora. É melhor tê-lo somente à noite do que não ter. — É claro que eu discordava do fundo do meu coração, mas, quando comecei a responder, ela segurou meu braço e se aproximou. — Obrigada pela preocupação, mas você não conhece nenhum de nós. E agradecemos sua descrição.

Ela esperou, mas eu não estava muito certa do que dizer.

— Se é isso que você quer... — finalmente respondi.

— É isso, sim. Obrigada. Até amanhã. O sr. Shipley me avisou que tem uma lista de eventos aos quais ele pretende levar você. Estou feliz por saber o motivo da sua presença aqui. Obrigada pela sinceridade, Mia. É uma característica rara por estas bandas. — Seus lábios formaram aquele pequeno sorriso que eu vira no escritório quando a conheci, no dia anterior, e agora, duas vezes naquela noite. Eu tinha de admitir, aquilo me acalmou. Ela me deixou ali com meu sanduíche e um projeto paralelo em potencial. É claro, eu precisava descobrir se Warren sentia o mesmo que a adorável governanta. Também precisava sondar o que Aaron acharia a respeito de Kathleen e da história deles.

Eu tinha uma forte suspeita de que saber o que o jovem Shipley sentia seria tarefa difícil, mas alguém precisava descobrir. Ri de mim mesma e me dirigi para o labirinto de corredores que me levariam de volta ao meu quarto. Amanhã seria um novo dia.



Meio adormecida, passei pelas portas do que presumi ser a sala de jantar. *Eureka! Encontrei.* Assim que entrei e caminhei pelo espaço, um grunhido escapou dos meus lábios. Kathleen se aproximou, com sua saia lápis, blusa de seda e saltos, parecendo recém-passada e intocada. Seu cabelo loiro-grisalho estava preso em um coque apertado, sem um fio fora do lugar. Eram sete horas da manhã, e seu rosto tinha um pouquinho de maquiagem. Bom gosto e graça, adequados a sua idade, mas eram sete da manhã. Quem ficava tão arrumado assim, cedo desse jeito?

Kathleen me indicou um lugar à esquerda de Warren. Eu me sentei feito um elefante e soprei as mechas de cabelo em minha testa. Warren baixou a ponta do jornal e sorriu.

— Bom dia, Mia. Acredito que tenha dormido bem. — Os olhos dele observaram minha blusa e a calça de pijama de algodão. Claro, eu estava usando a regata rosa-chiclete e a calça listrada multicolorida, parecendo ter exatamente os meus vinte e quatro anos. Eu poderia ser neta daquele homem, e lá estava eu, fingindo ser sua namorada.

Bufei.

— Eu sei que *você* dormiu — falei, com conhecimento de causa. Ele colocou o jornal no colo e apoiou os cotovelos na superfície de carvalho maciço.

— Parece que você ficou sabendo de algumas informações muito particulares. Gostaria de discutir isso? — Seu tom era calmo, sem nenhum indício de preocupação.

Kathleen desviou o olhar quando me serviu uma xícara de café e encheu a de Warren novamente.

— Não especialmente. Será que você gostaria de discutir o motivo pelo qual contratou uma acompanhante enquanto sua namorada serve o café da manhã? — respondi, corajosa, sabendo que estava agindo de uma forma que ia muito além do que poderia ser considerado adequado para uma mulher em minha posição. A última coisa de que eu precisava era perder meu dinheiro antes que pudesse enviá-lo para Blaine, o cretino do meu ex.

Warren fez uma careta, a boca tão apertada que seus lábios ficaram brancos.

— Seria bom se você se lembrasse do seu lugar. Assuntos pessoais não são da sua conta.

Ele tinha razão.

— Peço desculpas. Você está certo. — Eu queria pedir que Kathleen me desse seu perdão, no lugar dos ovos com bacon que ela tinha colocado na minha frente. Em vez disso, abaixei a cabeça e peguei o garfo. Era pesado e sólido. Provavelmente custava mais que o meu aluguel.

Mastigando, me endireitei na cadeira e tentei cuidar da etiqueta. No segundo em que Kathleen saiu da sala, apoiei o garfo sobre o prato e me virei para Warren.

— Olha, me desculpe. — Ele dobrou o *Washington Post* e o colocou sobre a mesa. — Acho que é difícil para mim entender por que eu estou aqui quando você tem uma mulher bonita pronta para fazer o que você precisa.

Seu olhar sustentou o meu enquanto ele parecia pensar no que eu tinha acabado de dizer.

— A Kathleen está com a família desde que o Aaron era um garoto. Ela me ajudou a criá-lo quando ele perdeu a mãe. Só recentemente começamos a ter algo mais. — Warren suspirou. — Francamente, nem tenho certeza de como abordar isso. Ter um caso com a empregada não ficaria bem para mim nem para os negócios. Também não tenho certeza de que Aaron aceitaria. Ele amava a mãe profundamente. Sua morte abalou muito a nossa família.

— Mas foi a Kathleen quem ajudou a manter vocês unidos, certo?

— Sim, com certeza. As coisas teriam sido muito piores sem ela aqui para juntar os pedaços.

— Então você deve a ela, de alguma forma. — Seus olhos arderam com aquele comentário, mas eu continuei: — Ela não me contou nada de propósito. Eu descobri ontem à noite, quando conversamos.

— Estou com a Kathleen há mais de um ano e ela nunca mencionou nada para ninguém. Eu sei que ela é confiável.

— Então por que você não confia nela com o seu coração? Assuma a Kathleen. Ela não merece isso? — Ele passou a mão no queixo enquanto a mandíbula retesava. — Ou talvez você não a ame como ela te ama... Você só a usa para manter o seu pinto em atividade?

Warren se levantou abruptamente e jogou o guardanapo sobre a mesa.

— Não vou permitir que você fale comigo usando essa linguagem rude nem me acuse de algo tão hediondo. Meus momentos com a Kathy são especiais e... espere. Você disse que ela me ama? — Assenti e ele colocou as mãos nos bolsos, balançando para a frente e para trás. — Sério? Ela realmente falou essas palavras? — Ele passou de irritado para pensativo em vinte segundos. Era um novo recorde para minhas habilidades de cupido.

— Sim, ontem à noite. Ela disse que não aceitaria ficar com você escondido se não estivesse loucamente apaixonada.

Desta vez, Warren se sentou pesadamente.

— Estou em maus lençóis.

— Quer dizer que você não sabia? — Tenho certeza de que meu tom era de surpresa, porque era assim que eu me sentia. Eu estava ali fazia dois dias e tinha descoberto que a mulher estava entregue. Como ele poderia estar com ela havia um ano sem saber? Talvez tenha sido o lado político dele, sempre pensando que as pessoas tinham segundas intenções. O mundo seria muito melhor se todos dissessem o que pensam e vivessem de acordo com a regra de ouro.

Warren balançou a cabeça e colocou a mão sobre a boca.

— Esse tempo todo...

— Você poderia estar aproveitando há muito mais tempo.

Com isso, ele soltou uma enorme gargalhada.

— Mia, querida, você definitivamente é carne de pescoço embrulhada em um pacote bonito, não é?

— Carne de pescoço? — Dei de ombros. — Já fui chamada de coisa pior. — Sorri e ele colocou a mão sobre a minha.

— Obrigado. Ainda não sei o que fazer com essa informação, mas sei que preciso continuar com o meu plano. Depois da vitória de ontem à noite, precisamos ir em frente antes que as coisas esfriem. Você entende? Preciso que você faça o que foi contratada para fazer.

— Com certeza. O que você precisar.

— Que bom. Analise esta lista e se programe para os eventos das próximas semanas. O resto do tempo será seu. Acredito que o Aaron tenha se oferecido para lhe mostrar Washington, se você estiver interessada.

Assenti vigorosamente. Eu não sabia quando estaria na capital da nação de novo. Queria conhecer todas as atrações que pudesse.

Novamente, ele acariciou minha mão.

— Vou estar ocupado até sexta-feira, quando teremos um jantar oferecido por embaixadores locais das Nações Unidas para diferentes organizações sem fins lucrativos. No sábado você vai participar de um chá realizado pela amiga atual do Arthur. Vai haver pelo menos dez outras mulheres com quem você precisa fazer amizade. Se você se der bem com elas, serei convidado para os eventos que os parceiros delas vão oferecer. O acesso ao círculo íntimo desses homens é crucial para a próxima fase. Está pronta para o desafio?

Coloquei a mão na testa e bati continência.

— Sim, senhor!

— Definitivamente, carne de pescoço. Nesse intervalo, aproveite para passar um tempo com o meu filho. Parece que ele raramente está por perto, mas, com você aqui, já o vi duas vezes em dois dias. Interessante, para dizer o mínimo.

— Hum, interessante — concluí e terminei o café. — Até sexta, Warren.
— Até lá, Mia.



Para lembrar sempre de você.

A mensagem de Tai era enigmática, até que mais uma chegou, com uma foto. Uma nova tatuagem preta reluzia na imagem, feita no ombro direito, que antes não tinha nada. O símbolo samoano da amizade. O mesmo que deixei para ele na imagem que uma artista local pintou. Tai a tatuou em seu corpo. Para mim. No lado que havia dito que era só dele. Era grande, tribal e uma das coisas mais bonitas que eu já tinha visto.

Abri a lista de contatos e cliquei no botão para ligar. Tocou algumas vezes antes de uma mulher atender.

— Alô, telefone do Tai. — A moça riu docemente.

— Hum, oi. Aqui é a Mia. O Tai está?

— Mia! — ela respondeu com muito entusiasmo. — Querido, é a Mia!

Querido. Aquela mulher o chamou de querido de uma forma que só podia ser interpretada como posse. Cruzei os dedos.

— Quem é? — perguntei, esperando que tivesse adivinhado corretamente.

— É a Amy. Lembra que você me apresentou ao Tai no restaurante, na semana passada?

O desejo de comemorar foi imenso. Silenciosamente, pulei e fiz uma dancinha feliz, socando o ar. Quando já havia dançado o suficiente, me concentrei no telefone.

— Sim, claro. Como vão as coisas? — perguntei, em tom conspiratório. Ninguém poderia dizer que eu não era a típica mulherzinha. Pelo menos em alguns aspectos, como quando queria saber das fofocas.

— Ah, Mia, simplesmente fantásticas. — Sua voz ficou muito baixa. — Estou totalmente... — Ela inspirou. — Só... você sabe... ele é tão... — hesitou novamente.

— Perfeito? — ofereci a palavra, provocando a garota apaixonada.

— Sim. Mia... esta última semana... tem sido surreal. Obrigada. — Sua voz se tornou ofegante, como se ela estivesse emocionada.

Sorri, balancei o braço no ar e olhei pela janela, vendo a paisagem ao redor da mansão.

— Não me agradeça. Foi o destino. Estou feliz que vocês estejam indo bem.

— O Tai quer falar com você. Tchau — ela disse, mas soou como se tivesse gritado em um túnel, a voz desaparecendo, até que ouvi o rosnado mais que bem-vindo.

— Garota, vejo que você recebeu minha mensagem.

— A tatuagem... Tai, que coisa linda.

— Lindo como o que nós tivemos. — Isso me atingiu com força, bem no peito, onde eu podia sentir seus braços me segurando firme, me confortando. — Só porque o que nós compartilhamos mudou, não significa que eu quero esquecer aquilo ou você. Você sempre será bem-vinda aqui em Oahu, como parte da família. Nós somos amigos, Mia. Amigos até o fim. É o jeito samoano. O meu jeito. Compreende?

Anuí, sorrindo muito, embora ele não pudesse me ver.

— Sim, Tai. Eu entendo e amo isso em você, a sua cultura e os seus valores tradicionais. Agora me conte. Como vão as coisas com a Amy?

— Você foi embora há menos de uma semana e já está louquinha pra saber de tudo, não é, garota? — Eu amava a forma como ele pronunciava meu apelido. Era sempre um “garota” rosnado, com um longo “ooo”.

— Algumas coisas nunca mudam. — Nós dois rimos.

— Por enquanto, tudo bem. Acho que você estava certa. Talvez eu tenha encontrado a mulher da minha vida.

Raios de excitação e um frio no estômago me atingiram quando percebi que algo intenso estava prestes a ser dito, estremecendo todos os poros.

— É?

— É. Encontrei o meu “para sempre”. E, Mia, é muito mais do que eu jamais poderia ter sonhado.

Meu peito apertou e o coração bateu forte.

— Ah, Tai, estou tão, mas tão feliz por você. Você merece.

— Assim como você, garota. Quando vai tentar encontrar o seu?

— Não sei, Tai. Não tenho uma mãe que faz previsões e fica me contando o meu futuro, não é?

Nós dois rimos.

— Tai, a Amy sabe? — Peguei uma mecha de cabelo e a coloquei na boca. Hábito nervoso e nojento que eu normalmente controlava. Mas agora não. Nós dois estávamos cientes de que só poderíamos manter nossa amizade se Amy soubesse sobre a nossa relação pelo tempo que estive lá e se lidasse bem com isso.

— Relaxa, garota. Ela sabe. Depois do terceiro encontro, antes de as coisas, hum... você sabe, esquentarem. — Eu ri, mas preendi a respiração, querendo ouvir tudo. — Antes de chegarmos lá, eu contei para ela. Tudo.

— Tudo? O jipe? O mar? A parede? — A vergonha me atingiu e senti o constrangimento tocar minha pele.

— Não. Não sou idiota. Eu fui sincero. Disse a ela que nós dois tivemos uma coisa muito intensa, que mudou a nossa vida, mas que tinha terminado e, no lugar disso, ficou a amizade para sempre. Ela entendeu. Não é ciumenta. O que eu já

experimentei em uma semana com ela é tão certo. Mia... eu vou me casar com essa mulher. Logo. Provavelmente, no ano que vem você vai ter que voltar para cá.

— Vou estar aí, Tai. Eu não poderia estar mais feliz. Isso é muito merecido.

— Obrigado, garota. Gostou da tatuagem? — Sua voz era um resmungo sensual, pescando elogios. Aquilo me lembrou de quando ele pescava outras coisas, apenas uma semana antes, mas tinha mais a ver com tirar minhas roupas, diversas vezes.

— Muito. — Tanto que me deu uma ideia meio louca, mas incrível. Algo que eu jamais tinha feito, mas que ficaria comigo pelo resto da vida. — Obrigada, Tai. Diga à Amy que eu mandei parabéns e me avise quando fizer o pedido. Mas deixe passar pelo menos um mês, tá bom, destruidor de corações?

Ele deu uma risada alta, com aquele timbre samoano do qual senti muita falta, após ficar uma semana sem ouvi-lo.

— Pode deixar. Se cuida e me mande notícias. A cada uma ou duas semanas. Promete.

— Está bem, está bem. Eu prometo.

— Se alguma coisa acontecer com você, Mia, vou estar no primeiro avião para chutar o traseiro do infeliz. Vou te proteger, garota. Se precisar de mim, vou estar do seu lado. A Amy sabe e concorda. O que você está fazendo, o seu trabalho, pode ser perigoso, mas eu entendo. A família vem em primeiro lugar.

— Sim, Tai. Acho que ninguém entende tanto quanto você. A família vem em primeiro lugar.

— Cuide do seu *tama*, garota. — Ele usou a palavra samoana para “pai”. — Mas, até que você encontre um homem para ser o seu “para sempre”, eu vou estar lá. O irmão mais velho que você não teve.

— De amante para irmão?

Ele riu.

— Você entendeu. Promete que vai se cuidar.

— Eu vou me cuidar. Te amo, Tai.

— Te amo, garota. Amigos para sempre.

— Amigos para sempre.

Desliguei e soltei um longo suspiro. Todos ao meu redor estavam seguindo em frente. Todos, menos eu. Eu ainda tinha seis meses para terminar de pagar Blaine e então pops estaria livre. Mesmo que isso não fosse o que eu teria escolhido para minha vida, trabalhar como acompanhante de homens ricos não era tão ruim. Pensando bem, eu realmente tinha muita sorte.

Weston Charles Channing Terceiro. Ri lembrando quanto zombei de Wes por causa do número em seu sobrenome. Ele agia como o filho perfeitamente obediente. Era devastadoramente gostoso, descontraído, trabalhava duro e tirava um tempo para apreciar as coisas boas da vida. Meus momentos com ele foram muito mais do que

eu jamais pensei que fosse possível. Ele fez de uma situação assustadora algo incrível. Aprendi a surfar e percebi que nem todos os homens são iguais.

Os caras com quem estive antes dele, aqueles a quem eu tinha me dedicado, me magoaram e me deixaram cínica a respeito do amor. Wes restaurou minha fé nos homens e na crença de que eu também poderia ter algo que toda mulher no universo sonha ter: amor verdadeiro. Só que eu não poderia tê-lo agora. Com Wes, experimentei fazer amor pela primeira vez, e foi algo que eu jamais esqueceria ou abandonaria. Aquela noite foi o momento mais bonito da minha vida. Finalmente me senti inteira... amada. Não importava o que o futuro me trouxesse, eu sempre teria aquilo.

Alec Dubois, meu francês selvagem, foi o segundo. Meu Deus, ele era lindo. Do cabelo comprido, com o coque masculino, até a barba e o bigode, ele não era nada menos que apetitoso. A lembrança de todo aquele cabelo rico e grosso provocou ondas de desejo ao longo da minha coluna. Olhando para trás, passei a maior parte do mês colada ao seu quadril, mas não me importava. O trabalho que ele tinha feito, a arte que havia criado, mostraria ao mundo um pedaço de mim que jamais fui capaz de mostrar. A mulher vulnerável, imperfeita, solitária, devassa e perdida que eu havia me tornado ao longo dos últimos vinte e quatro anos estava tão claramente visível em seu trabalho. Toda a exposição *Amor a óleo* era sobre mim, e pela primeira vez eu me senti linda. Ele fez com que eu visse a mim mesma sob uma nova luz, e eu gostei. Muito. Na verdade, estava feliz que o mundo pudesse ver isso também e me esforçava todos os dias para fazer jus a essa imagem.

Tony Fasano e Hector Chavez, meus rapazes de Chicago. Estranho. Só de pensar neles, eu me sentia solitária. Com eles, aprendi o que era companheirismo. Aprendi que, não importava como o amor fosse ou quanto ele pudesse ser duro, eu tinha de arregaçar as mangas e assumir o risco. Tinha de ser feito. Se era o que eu queria e se o amor estivesse no meu destino, valeria a pena no final. Aquilo era algo a que eu me agarrava com todas as forças. Eu só podia sonhar que um dia isso seria verdadeiro para mim.

Mason Murphy, o arrogante e sexy jogador de beisebol, que tinha um coração de ouro — se você cavasse fundo o suficiente —, acabou por ser o irmão que eu nunca tive. Ele gostava de fingir que era outra pessoa, da mesma maneira que eu, mas, quando abriu o coração, demonstrou querer o mesmo que todos nós: amizade, companheirismo, um lugar e uma pessoa para chamar de sua. E agora ele tinha tudo isso... com Rachel. Ela seria isso e muito mais para ele. O tempo que passei com Mace me ajudou a perceber que tentar ser algo que eu não era só magoava a mim e às pessoas ao meu redor.

E então havia o meu doce, amoroso e sexy samoano. Caramba, o espaço entre minhas coxas pulsava só de lembrar como ele era longo, grosso e duro. Ele foi, de

longe, o maior que já tive, apesar de Wes e Alec não ficarem muito atrás. Com Tai, tudo tinha a ver com diversão, amizade e sexo. Fiz mais sexo com ele em um mês do que a maioria das mulheres solteiras — e até mesmo as casadas — provavelmente faz em um ano. Não conseguíamos enjoar um do outro. Era como se nós dois tivéssemos algo a provar. No fim das contas, o tempo que passamos juntos cimentou nossa amizade de uma forma que jamais poderíamos ter sem essa conexão física. Eu sabia que, pelo resto da vida, ele estaria lá. Sua cultura e o tipo de amor que ele dava a seus amigos eram abrangentes e eternos.

Lembrar de cada mês do ano e das experiências que passei solidificou minha ideia. Se eu não fizesse aquilo agora, nunca mais faria.

Saindo do quarto, corri pela escadaria e derrapei até parar. James me olhou de sua mesa na sala de estar.

— Srta. Saunders, precisa que eu a leve para algum lugar?

— Preciso! Você tem tempo agora?

Ele inclinou o queixo.

— Claro. — Estendeu a mão, gesticulando para que eu fosse na frente.

Quando já estávamos no carro executivo, peguei o celular, fiz uma busca no Google e encontrei exatamente o que estava procurando.

— Para onde? — ele perguntou enquanto dirigia pelo caminho longo e sinuoso da mansão.

— Um lugar chamado Pins N Needles.

— O estúdio de tatuagem? — retrucou, surpreso.

— Sim. E rápido, antes que eu mude de ideia.



O zumbido baixo da máquina de tatuagem soava em meio ao barulho do estúdio. Algumas estações de trabalho tinham clientes sentados em cadeiras de couro preto, parecidas com a minha. Um cara estava tatuando relâmpagos na lateral da cabeça, onde tinha raspado todo o cabelo. Havia apenas uma fina penugem no meio. Ele tinha alargadores do tamanho de moedas nas orelhas e mais metal no rosto do que na moto esportiva que estacionou ali na frente. A moto era bonita. Me fez sentir falta da Suzi, que estava em casa. Mais uma vez olhei para o homem que achava uma boa ideia tatuar a cabeça.

Enquanto a agulha perfurava minha pele, eu me perguntei o que ele planejava fazer a respeito daquelas orelhas quando chegasse aos setenta anos. Até lá, elas certamente seriam um pedaço de carne pendurado, especialmente se ele continuasse a esticá-las. Acho que aquilo não era algo com que um skinhead de vinte anos se preocupasse. Provavelmente ele nem achava que viveria até os setenta e, por sua aparência, se contorcendo como se precisasse estar em outro lugar naquele exato momento, ele teria uma morte prematura.

Mais à frente, havia uma garota siliconada do tipo Barbie, tatuando o que parecia ser o nome de seu homem na lombar. Ri baixinho por saber que, quando uma pessoa tatua o nome de um homem — ou mulher —, as consequências são desastrosas. Quem faz esse tipo de tatuagem não acha que vai acontecer consigo e pensa que pode desafiar o destino. Não é nada inteligente. O riso fez meu pé balançar, e eu estremeci quando a artista apertou mais meu tornozelo esquerdo. O texto em espiral estava quase terminado, e então ela começaria o dente-de-leão.

A pele do meu pé já estava amortecida. A dor nos primeiros vinte minutos tinha sido uma sensação aguda e perfurante, que incomodava tanto quanto dava prazer. Aquele ditado que afirma que a dor e o prazer são dois lados da mesma moeda é muito real. A esta altura, eu já estava acostumada com ambos. Toda vez que a tatuadora mergulhava a agulha em mais tinta e então pressionava aquela ponta flamejante em minha pele, um pequeno choque de excitação acendia minhas terminações nervosas, como fogos de artifício no Quatro de Julho.

— Mask é um nome incomum, principalmente para uma mulher — falei, tentando iniciar uma conversa com a pequena asiática que trabalhava em minha tatuagem.

O sorriso dela alcançou os olhos. Era como olhar para uma galáxia escura feito

breu com pequenas manchas de luz apenas onde as estrelas explodiram em chamas. Ela usava um batom vermelho e tinha um pequeno aro de prata na lateral do lábio inferior. A herança oriental ficava aparente no belo tom de pele contra a cor negra austera do cabelo, que ela havia prendido para trás em um coque baixo e elegante. Se não tivesse o piercing no lábio e os dois antebraços tatuados, ela se encaixaria perfeitamente em qualquer um daqueles escritórios do centro de Washington.

Mask inclinou a cabeça e focou nas letras que estava tatuando em minha pele.

— É o diminutivo de Maskatun. Mask é mais fácil para os americanos. — Sua voz não tinha sequer uma sugestão de sotaque asiático.

— Você não é americana?

— Sou, sim. Minha família e meus amigos conseguem dizer o nome completo com mais facilidade que os turistas e moradores que vêm fazer tatuagens. — Ela sorriu suavemente.

— Eu acho o seu nome bonito, mas Mask dá a ideia de uma pessoa fodona, então eu gosto mais.

— A minha família é de Brunei, no Sudeste Asiático, mas eu sou americana.

— Acho isso muito legal.

— Obrigada — ela disse e, em seguida, inspecionou seu trabalho, inclinando meu pé na direção da luz. Ao longo de toda a lateral dele, começando cerca de dois centímetros acima do calcanhar e chegando até os dedos, estava o texto que eu tinha escolhido. Quando Mask perguntou o que eu queria, eu soube imediatamente. Escolhemos uma fonte do meu gosto e, agora, aquela parte estava pronta. — Dê uma olhada antes que eu comece o dente-de-leão.

Flexionei o pé e fiz uma careta quando a pele repuxou a carne machucada. Era linda, exatamente como eu havia imaginado.

— Amei.

— Certo, então o dente-de-leão vai ficar aqui. — Ela passou o dedo pela área acima do calcanhar e seguiu até a parte interna do tornozelo, com cerca de dez centímetros. Concordei. — E as letras que você escolheu vão ficar nas pétalas ao vento. Meio ocultas, certo? — Seu olhar encontrou o meu e ela sorriu.

— Isso mesmo.

Desta vez, relaxei e deixei Mask fazer seu trabalho. A sensação de formigamento começou novamente no segundo em que a pistola tocou meu tornozelo. Doeu, enviando uma pontada pela minha perna. Rangi os dentes e esperei que a dor se transformasse em prazer mais uma vez. Após cerca de dez minutos, eu estava mergulhada em pura endorfina.

— O w e o A estão prontos. — Mask apontou para o meu pé, onde duas pequenas pétalas voavam ao redor do texto, ao lado de várias outras. Mas essas duas eram especiais. Uma tinha a letra w, representando o tempo que passei com Wes, e a

outra, um A, para Alec. — Como você quer fazer o T e o H?

— Se possível, eu gostaria que ambas ficassem interligadas de alguma forma, na mesma pétala.

Mask olhou para meu pé, virando-o novamente na direção da luz. Depois, assentiu de forma sucinta e voltou a trabalhar.

— Terminei o M e o T também. Coloquei mais algumas pétalas simples aqui e aqui. — Ela apontou para as pétalas sem letras, intercaladas entre as especiais. — Mas você mencionou que talvez queira adicionar algo no decorrer do ano. Devo deixar algum espaço vazio para isso?

— Sim. Se o ano correr como planejado, talvez eu adicione mais algumas pétalas com outras letras.

— Acho que ficou bom e não parece incompleto, mas, ainda assim, um tatuador pode incluí-las. Preferiria fazer eu mesma. Gosto que as minhas tatuagens sejam minhas, entende?

Levantei as mãos.

— Claro. Eu volto no fim do ano se precisar adicionar qualquer coisa. Prometo.

Estendi a mão e ela a apertou.

— Então é isso. Quer dar uma olhada?

O dente-de-leão estava incrível e realista. Emoldurava o texto de forma muito bonita, mostrando exatamente como eu queria que ele se destacasse e flutuasse com o significado das pétalas. Era possível vê-las ao longo de cada rajada de vento. Cinco das quinze que estavam intercaladas tinham uma letra entrelaçada na haste. Wes, Alec, Mason e Tai tinham uma única letra cada um, gravada na base do caule. Tony e Hector formavam uma combinação de TH na mesma pétala.

A importância de ter um pedaço de cada um desses homens comigo, trilhando aquele caminho diariamente, não havia me escapado. Era algo que eu sabia, em meu coração, que precisava ter para conseguir passar pelo restante do ano. Ter a primeira letra do nome deles pairando ao redor do texto que se tornou meu mantra era absolutamente perfeito. Olhei para o que estava escrito, admirando a declaração que se tornou uma parte da minha vida e da minha verdade, impressa para sempre em meu corpo.

Confie na jornada...



Meu pé doía enquanto eu seguia para dentro da casa e mancava até as escadas, indo em direção a meu quarto.

— Meu Deus, o que aconteceu? Você se machucou? — Kathleen se apressou e me puxou pelo ombro, me embalando contra seu peito enquanto eu subia mancando os degraus que faltavam. Ela me ajudou a chegar ao quarto, o que levou um tempo

enorme. Cada passo doía mais que o anterior e que todo o processo de fazer a tatuagem.

Pulei num pé só quando chegamos ao quarto e aterrissei sobre a cama.

— Qual é o problema? — ela perguntou, inspecionando cada centímetro do meu corpo, até que seu olhar recaiu sobre a área brilhante em meu pé, onde Mask tinha espalhado vaselina. — Ah, nossa. Então você fez isso consigo mesma. — Ela se inclinou para perto e inspecionou a área. — Ficou bonito, e parece que o significado por trás do texto é muito importante para você.

Sorri e fiz uma careta.

— É, sim. Obrigada. Sei lá, eu acordei hoje e soube que tinha que fazer isso. Como não vou precisar ir a nenhum evento pelos próximos dias, agora era o melhor momento — eu disse.

Kathleen assentiu graciosamente.

— Vou trazer chá e biscoitos. Vamos acomodar você. — Ela ergueu uma almofada e a colocou debaixo do meu pé, sendo extremamente cuidadosa. Depois, deu um tapinha num travesseiro e, com dois dedos, me fez reclinar e o ajeitou em minhas costas. — Melhor?

Rindo, inclinei a cabeça e observei aquela mulher encantadora. Qualquer homem que se prezasse a assumiria e a manteria a seu lado, não havendo necessidade de contratar uma acompanhante para impressionar os grandões. Naquele momento, minha opinião sobre Warren não era das melhores, mas não era meu papel julgar.

— Sabe, eu não estou doente. Só fiz uma tatuagem. — Nós duas rimos quando ela alisou o cobertor sobre minhas pernas.

— É verdade, mas você está com dor. Me deixe cuidar de você. Vai ser uma boa mudança de ritmo passar um tempo cuidando de uma moça em vez de dois homens razinzas que acham que podem se virar sozinhos. — Ela piscou e abriu o pequeno sorriso que eu havia começado a reconhecer como sua forma de comunicação. Kathleen era o tipo de mulher forte, mas de um jeito suave. Descobri que eu gostava da maneira tranquila com a qual ela lidava com as coisas. Para mim, ela era a personificação da graça. Talvez eu pudesse aprender com ela.

Quando voltou, ela não estava de mãos vazias. Seus braços estavam cheios de coisas, incluindo vinho em vez de chá, petiscos, revistas e chocolates.

— O que é tudo isso? — perguntei quando ela pousou a bandeja.

— Raramente tenho uma noite de mulheres, e, se você não se importar, eu gostaria de conhecê-la melhor.

Sorri e deslizei para o lado.

— Claro que sim! Me passe uma taça dessa coisa boa.

Seus olhos se iluminaram e brilharam como um diamante.

— E é coisa boa mesmo. Do estoque particular do sr. Shipley.

Meus olhos se arregalaram.

— Tem certeza de que podemos beber? Ele não vai ficar bravo quando vir algumas garrafas faltando?

Ela balançou a cabeça enfaticamente.

— Estou dormindo com o patrão. Tenho minhas maneiras de amansá-lo. Além disso, ele disse que eu poderia pegar o que quisesse, e eu sei que essas estão guardadas há um bom tempo. Ele não gosta de zinfandel tanto quanto eu.

— Ahhh, entendo. Como é que isso funciona? — Suas sobrancelhas se ergueram com a pergunta. — A parte sobre dormir com o chefe. — Eu ri e ela também. Embora eu soubesse muito bem como era rolar nos lençóis com o homem que pagava seu salário. Por outro lado, eu não tinha ficado com nenhum deles por mais de um mês, ao passo que ela estava por perto havia décadas.

Lentamente, Kathleen inspirou e se sentou na cama a meu lado, apoiando-se nas almofadas macias. Bebeu um pouco do vinho e pareceu meditar sobre a questão.

— Não é tão ruim quanto parece. Warren e eu somos amigos há trinta anos. Eu me encantei por ele quando a esposa dele ainda era viva. Então, quando ela morreu, bem... ele precisou de mim. Mas só começamos um relacionamento secreto anos mais tarde. Agora eu durmo com ele a maior parte das noites. — Ainda que o que ela dizia soasse como se eles estivessem em um relacionamento assumido, havia algo que ela estava escondendo.

— Então por que eu tenho a sensação de que as coisas não são como deveriam ser?

Ela encolheu os ombros e suspirou.

— Acho que eu imaginei que, a esta altura, nós já teríamos nos assumido. Que ele não teria vergonha de estar comigo. — Seus olhos ficaram vidrados e ela fungou suavemente.

— Não acho que ele tenha vergonha de estar com você. Mas, vou falar, eu estive nesses eventos, e você com certeza seria um peixe fora d'água. — Olhei para a blusa muito bem passada, o avental de babados e a saia lápis que lhe caía bem. Definitivamente, ela estava muito acima das jovens biscates com quem os homens do grupo de Warren desfilavam. Mulheres como eu. Com esforço, evitei a brincadeira.

— Entendo. — Foi a palavra que ela disse, mas poderia facilmente ter sido um xingamento, só que ela era elegante demais para isso.

Colocando a mão em seu antebraço, segurei-a com força, até seu olhar alcançar o meu.

— Você não entende, mas eu vou te mostrar. — Contorcendo-me, puxei o celular do bolso de trás da calça. Então, abri a foto que havia enviado a Ginelle na semana anterior. — Isso é o que você está enfrentando. — Entreguei o telefone a ela. Por

longos momentos, Kathleen apenas olhou a imagem.

— Essas mulheres são jovens o suficiente para ser filhas deles. — Uma mão ligeiramente trêmula se ergueu na frente da boca. — Algumas, até netas.

Assenti.

— Sim. É por isso que eu estou aqui. — Um olhar horrorizado atravessou seu rosto. — Não, hum... não pelo que você pensa. As razões dele são realmente altruístas. — Foi quando ela fez aquele olhar de “pareço-burra?”, acompanhado de um revirar de olhos. — Tá, é estranho, mas eu entendo. Ele precisa da sua própria perigete. — Corri as mãos no ar, contornando meu corpo. — Para que pareça um deles. Mas é tudo por uma boa razão. Ele tem um projeto que precisa do apoio desses caras ricos e de um grupo de políticos indigestos, para que possa conseguir enviar remédios e vacinas para países de terceiro mundo.

O reconhecimento deve ter sido claro para ela, pois Kathleen começou a acenar com a cabeça e se inclinar para perto.

— É, ele mencionou isso. Está planejando há anos. Sinceramente, achei que ele tivesse desistido. — Então, ela bufou. — No entanto, é mais uma coisa que ele está fazendo em memória *dela*. — O tom quando ela disse a última parte pareceu bastante mordaz.

Meus olhos se estreitaram.

— O que você quer dizer com isso?

Kathleen respondeu de uma forma que eu nunca teria imaginado. Ela levou a taça de vinho aos lábios e bebeu o líquido vermelho até o fim.

— Ketty Shipley.

— Quem é Ketty Shipley? — perguntei, completamente perdida.

— A falecida esposa do Warren.

— Ah, *essa* Ketty Shipley. — Bebi o resto do meu vinho também e esperei um momento. — Então, por que a irritação?

Kathleen esfregou a testa e tirou o grampo escondido. Para minha extrema surpresa, cabelos longos e selvagens caíram abaixo de seus ombros em belas ondas.

Com um aceno de cabeça, ela passou as mãos nos fios algumas vezes e gemeu.

— Não é que eu não gostasse dela. Por um tempo, ela foi minha melhor amiga. Eu não gosto é do fato de ela estar morta há vinte e cinco anos e o Warren ainda ser apaixonado por ela. Você não pode conquistar o coração de um homem quando ele ainda pertence a sua falecida esposa.

Seus ombros caíram e entrelacei meu braço no dela, puxando-a para o meu lado.

— Honestamente, não deve ser tão ruim assim.

— Ah, não — ela disse, irônica. — Então você acha que eu estou de troça? — Com energia, ela se levantou e saiu. Fiquei ali, completamente pasma. O que significava aquilo, afinal? As pessoas mais velhas dizem as coisas mais estranhas.

Alguns minutos se passaram e fiquei preocupada de tê-la ofendido. Repassei a conversa, e, embora tivesse sido constrangedora na melhor das hipóteses, eu não dissera nada que pudesse levá-la a sair correndo do quarto. Antes que eu tivesse chance de repensar o assunto, a porta se abriu e ela entrou, empurrando um carrinho. Do tipo que você vê quando se hospeda num hotel muito chique e o serviço de quarto traz o seu jantar.

— O que é isso? — perguntei, ainda mais confusa.

Num segundo, ela estava ao meu lado na cama.

— Venha, vamos ver juntas. — Ela deu um tapinha no alto do carrinho. — Vou lhe mostrar algo que vai provar o meu ponto.

— Que ponto? — Fiquei de pé e ela me ajudou a sentar no carrinho, me empurrando para fora do quarto, pelo corredor.

— O ponto em que eu digo que ele não esqueceu a Ketty!

Segurando nas bordas do carrinho, me encolhi.

— Se eu disser que acredito em você, promete que não vai me arrastar por esta mansão e sumir comigo? Se você empurrar com muita força, eu posso acabar voando escada abaixo.

Ela parou e me deu um tapinha nas costas.

— Eu costumava correr pela casa com o Aaron nisso o tempo todo. Ele adorava. É perfeitamente seguro, não se preocupe. Além disso, estamos protegidas. Você estaria com a vida ganha se se machucasse enquanto trabalha para os Shipley.

Isso não me fez sentir melhor.

— Não se eu estiver morta! — reagi.

— Relaxe, já chegamos. — Ela parou em um conjunto de portas duplas no fim de um longo corredor e tirou um chaveiro do avental. Quando digo um chaveiro, quero dizer uma argola com tantas chaves que poderiam manter um serralheiro rico por décadas.

Com um movimento rápido do pulso, ela destrancou e abriu as portas. Saí do carrinho me apoiando no pé bom e andei pelo espaço na ponta dos pés. A pele esticada ainda ardia, mas o vinho tinha ajudado.

Quando cheguei ao centro da sala, parei e olhei em volta. O quarto era gigantesco. Parecia ocupar todo o final daquele lado da mansão. Devia ter uns duzentos metros quadrados. Duas paredes estavam repletas de fotos de uma mulher jovem, de olhos azuis e cabelos escuros, desde a adolescência até cerca de trinta anos. Segui lentamente para uma das paredes e toquei algumas das imagens emolduradas. A mulher compartilhava uma semelhança incrível com Aaron. Em algumas das fotos, a jovem o segurava, e ele não parecia ter mais que três ou quatro anos.

Enquanto examinava o restante do espaço, vi uma penteadeira. Uma escova, um pente, maquiagem, loções e perfumes estavam sobre ela, como se esperassem que a

mulher a quem pertenciam fosse se sentar e se preparar para uma noite fora de casa. Do outro lado, havia uma caixa larga de vidro, com pelo menos um metro e oitenta de comprimento por sessenta centímetros de largura. Dentro havia conjuntos incríveis de brincos, colares, pulseiras e anéis, do tipo que pode ser encontrado em joalherias chiques. Eram peças de alta classe, obviamente muito caras, que deviam valer milhares de dólares ou mais.

Mais à frente, o quarto estava repleto de prateleiras com roupas femininas. Nenhuma delas continha sequer uma partícula de poeira, mesmo que estivessem ali há décadas. Estavam penduradas como se estivessem prontas para serem usadas.

Havia mais coisas ao redor das paredes. Livros, bugigangas, fotos de Aaron quando menino. Tudo que faria de uma casa um lar estava naquele quarto.

— Que lugar é este? — perguntei a Kathleen, praticamente perdendo a capacidade de falar quando o choque fechou minha garganta. As palavras saíram em um sussurro ofegante.

Ela se recostou na penteadeira e contornou com um dedo a escova dourada.

— Exatamente o que parece.

Em tom de sarcasmo, respondi:

— Jesus Cristo! Parece um santuário para uma defunta.

— Ketty Shipley vive aqui, ainda que tenha morrido há vinte e cinco anos.



— O que é que vocês duas estão fazendo aqui? — a voz irada de Warren Shipley rosnou atrás de mim e eu me virei.

— Hum, sinto muito, sr. Shipley — Kathleen começou a explicar, mas eu a cortei. Dei de ombros e caminhei na direção dele.

— Warren, me desculpe. Fiquei curiosa. Era a única porta trancada na casa inteira. Agora eu sei o motivo. A Kathleen estava exatamente me dizendo que é inadequado eu entrar no seu espaço privado. — Coloquei um sorriso de desculpas no rosto, olhei para Kathleen e, em seguida, dei um tapinha no peito de Warren, como se o que eu tinha visto não fosse grande coisa. Mas era. Enorme, na verdade. — Seu segredo está seguro comigo — adicionei e fui para o corredor. — Hum, meu pé está doendo. Vou me deitar.

Warren pareceu superar rapidamente o choque de ter sido pego com um santuário para sua esposa morta e me parou, segurando meu braço.

— O que aconteceu com você?

— Nada. — Levantei o pé. A luz do corredor fez brilhar a tinta preta. — Fiz uma tatuagem hoje.

Aparentemente aquele cara se chocava com muita facilidade, pois ofegou e segurou meu pé, dando uma boa olhada na tatuagem. Eu estava ficando cansada de me equilibrar em um pé quando ele me pegou no colo, como se eu fosse uma princesa, e me colocou de volta no carrinho.

— É bem conveniente que este carrinho esteja aqui, não é? — Suas sobrancelhas se retorceram em uma carranca.

— Hum, sim. Eu estava indo até a cozinha fazer algo para comer, mas tentar subir num pé só com um prato na mão teria sido um desastre. — Bati no carrinho de metal e fiquei satisfeita quando ele fez o barulho de um gongo. — Encontrei este bebê e *voilà!* Imaginei que funcionaria como mágica. Além disso, eu posso me sentar nele e empurrar com o pé bom. — Dei meu melhor sorriso com beicinho para combinar.

— Ahã — ele murmurou, mas não parecia convencido. Pelo seu tom, achei que ele não tinha caído em minhas mentiras, mas não me parou.

Kathleen, contudo, não estava para brincadeiras.

— Sinto muito, sr. Shipley. Vou levar a Mia de volta ao quarto dela para que possa descansar.

— Espero você em meu quarto para que possamos discutir isso, Kitten — ele a chamou pelo diminutivo do nome.

Quando estávamos fora do alcance dele, joguei a cabeça para trás e a olhei de cabeça para baixo enquanto ela me empurrava pelos corredores.

— *Kitten?*

Seus lábios se esticaram naquele pequeno sorriso.

— Nada que seja da sua conta. Você só me coloca em apuros.

Isso chamou minha atenção.

— Eu?! — zombei. — Foi você quem quis me mostrar que ele não esqueceu a esposa. Foi culpa sua termos sido pegas! Eu só tentei salvar a sua pele.

Kathleen riu de maneira suave, parecendo o tilintar de sininhos.

— Ah, querida, se eu quisesse ter a minha pele salva, não teria ficado aqui esses trinta anos, não é? Estou perfeitamente satisfeita com a situação da minha pele. — Havia um tom de descontentamento ali. O santuário provava que Warren não tinha esquecido a mãe de Aaron. Talvez algumas pessoas simplesmente nunca superem o primeiro amor. Merda. Eu esperava que não fosse o meu caso. Tive uma porcaria de primeiro amor. Dei muitos mergulhos na piscina de lama que era a minha vida amorosa. Mas tinha esperança de que Deus tivesse piedade de mim e me mandasse o homem certo. O homem que faria tudo aquilo desaparecer e com o qual as coisas seriam apenas... fáceis.

Meu celular vibrou no bolso de trás, muito alto contra o metal do carrinho. Tanto Kathleen quanto eu demos um pulo e, em seguida, rimos da tolice da situação. Tínhamos sido pegas invadindo um espaço secreto. Ela estava me empurrando pela mansão em um carrinho de comida após eu ter marcado meu corpo de forma permanente, e agora estávamos com medo de algo que zumbia no meio da noite. A cena era cômica. Sem dúvida eu poderia ganhar dinheiro na Broadway com aquilo.

Quando chegamos à minha porta, agradei a Kathleen pela carona, fui pulando para dentro do quarto e caí na cama com o celular na mão. Abri o aplicativo de mensagens e vi o nome de Wes.

Sonhei com você a noite passada. Estávamos na piscina de novo. O céu estava escuro, e as estrelas brilhantes. Você estava deitada com as pernas abertas e a minha boca estava fazendo aquela coisa que você adora. Lembra disso? Lembra que eu podia fazer você derreter com facilidade? Fazer você gozar só com a boca? Caramba, que saudade. Do seu gosto na minha língua. Puro mel. Me diz: está pensando em mim agora?

Sim.

Santa mãe dos homens gostosos. Li as palavras de Wes pelo menos umas cinco vezes. Foi o suficiente para que eu me sentisse inquieta, como se meu corpo fervesse de dentro para fora. Ele queria que eu me exibisse. Eu nunca tinha feito sexo por mensagem antes. A ideia era boa. Eu estava com tesão, e ele, obviamente, também. Aquilo machucaria? Uma voz baixa em minha mente dizia que só complicaria as coisas, cutucando meu subconsciente como um pica-pau no tronco de uma árvore.

Toc, toc... toc, toc... toc, toc.

Como a idiota que era, puxei uma arma de chumbinho e atirei no pica-pau, afastando-o do poleiro. Tirei a roupa, ficando só de calcinha e sutiã. Um conjunto rosa sensual com recortes de renda. Ele ia ficar louco com aquela lingerie. Segurando o telefone perto do queixo, cruzei as pernas, me certificando de parecer casual e sexy à luz suave, e tirei uma foto.

O que acha disso?

Mandeí a imagem e comecei a acariciar as coxas com a ponta dos dedos, passando-os para cima e para baixo. Quando cheguei aos seios, eu os segurei e apertei mais forte do que faria normalmente, imaginando como Wes os tocaria. Ele não se cansava do meu corpo e, muitas vezes, quando estava louco de desejo, me agarrava como se eu fosse a última mulher na face da Terra. De forma rude, decidida e viril. Eu adorava aqueles momentos. Eles me faziam sentir desejada e querida, como se nada no mundo pudesse se colocar entre nós.

O celular vibrou e eu me mexi para levá-lo. Ah, senhor de todas as coisas boas e apetitosas.

Agora você me deixou duro.

A imagem que ele enviou era parecida com a minha, mas ele vestia uma sunga, deliciosamente preenchida. Seu abdome estava à mostra, e, naquele momento, eu teria dado qualquer coisa para passar a língua ao longo das elevações daqueles músculos, especialmente aquele enorme que estava erguendo a sunga.

A umidade se instalou entre minhas coxas. Ondas de calor e desejo rugiram através de meus membros. Esfreguei uma coxa na outra, tentando aliviar um pouco a tensão, mas o atrito só aumentou a necessidade.

Queria que você estivesse aqui. Eu cuidaria desse grande problema que você tem aí.

É mesmo? Parece que vamos ter que usar a imaginação. Começando com as mãos. Puxe para baixo as taças do seu sutiã e toque os seios. Nossa, como eles são gostosos e macios. Lembra como era quando eu empurrava o tecido para baixo e os levava até a boca? Eu mordia só o suficiente para você se contorcer. Aperte esses mamilos suaves e rosados para mim. Umedeça a ponta dos dedos e comece de forma leve. Em seguida mais forte, como eu faria.

Ah, minha nossa. O homem estava a mais de quatro mil quilômetros de distância e tinha o poder de me fazer gozar com uma simples mensagem. Perdida na névoa de luxúria em que só Wes podia me deixar àquela distância, empurrei o tecido do sutiã para baixo. Meus seios estavam cheios, pesados e prontos para serem adorados. Fechando os olhos, lambi os dedos e os rodei sobre os mamilos. Então, como ele sugeriu, envolvi o polegar e o indicador em cada ponta e as puxei, esticando-as. Gritei com a sensação que percorreu meu peito, indo parar diretamente entre minhas coxas. O tecido da calcinha estava encharcado, meu sexo apertando nada além de ar, uma sensação de vazio que precisava ser preenchida.

Outra mensagem chegou:

Está molhada, linda? Sensível e pronta para ser comida com força?

Meus dedos se atrapalharam e minha respiração estava ofegante quando digitei a resposta.

Isso é tortura.

Eu sei, baby, mas fique comigo. Deslize as mãos em sua cintura fina. Faça movimentos circulares no umbigo e acaricie a pele da maneira como eu fazia. Lembra como era? É claro que sim. Deslize a mão para baixo, naquele lugar onde eu me perco, mas não entre nesse pedaço do paraíso ainda. Brinque com seu clitóris quente. Aposto que ele está duro como uma rocha para mim. A carne arredondada, pequena e apertada. Se estivesse aí, eu o lamperia até te fazer gozar. Giraria a língua nesse botão quente de nervos e o sugaria com tanta força que suas pernas se apertariam ao redor da minha cabeça, me prendendo lá. Brinque consigo mesma agora.

Estava feito. Completamente perdida na fantasia, fiz exatamente o que ele disse. Acariciei minha barriga, deslizando um dedo molhado ao redor do umbigo, da maneira que ele lamperia o caminho daquilo que ele chamava de paraíso. Minha respiração estava ofegante, vindo em ondas curtas. Eu sentia as mechas de cabelo contra os mamilos que formigavam, projetando-se com a necessidade de serem tocados, chupados e mordidos. Permiti que minha mão percorresse a trilha sobre a

renda lentamente, cobrindo meu sexo. Molhado. Praticamente pingando. Só Wes era capaz de fazer isso comigo. Apenas suas palavras em uma mensagem eram capazes de me transformar num caldeirão de puro desejo. Desejo de que ele me tocasse. Me provasse. Fizesse amor comigo.

Fazendo o que ele pediu, brinquei com meu clitóris. Passei o dedo rapidamente pelo pequeno botão, provocando da maneira que ele sempre fazia antes de chegarmos lá.

Mais uma mensagem:

Estou imaginando o seu gosto e esfregando o meu pau pensando em você, na sua boceta. Seu sexo está quente, doce e succulento como um pêssego maduro. Lembra como eu cobria sua boceta com a boca e te sugava...?

Ah, merda. Suas palavras acenderam um fogo tão quente que eu queimava a quilômetros de distância. Continuei lendo enquanto apertava o clitóris, roçando-o, balançando os quadris para a frente e para trás.

Eu chuparia com tanta força que você iria gritar. E, quando você gozasse, começaria tudo de novo. No momento em que eu terminasse com você, sua boceta estaria implorando para ser preenchida. Está assim agora? Pronta para o meu pau? Aposto que sim. Eu conheço essa boceta gulosa. Ela quer ser preenchida por um pau duro. Não seja tímida. Enfie dois dedos com força, linda. Finja que sou eu, metendo em você nessa primeira vez.

Eu não conseguia parar. Era como se eu fosse uma marionete, e ele, o mestre. Enfiei dois dedos com força, como ele instruiu, e gritei com a pequena ardência pela rápida intrusão. A dor durou apenas um segundo. Foi o suficiente para enganar minha mente e fazê-la pensar que ele tinha entrado em mim — exceto pelo fato de meus dedos serem muito pequenos em comparação ao pacote de Wes. Naquele momento, teria que servir.

Está gostoso com os dedos, linda? Não tão bom quanto seria a sensação de me ter aí. Agora, mova os dedos para dentro e para fora. Com a outra mão, esfregue o clitóris que eu adoro chupar. Se toque até gozar. Goze para mim, linda.

Eu era incapaz de resistir. Meus dedos se moviam no piloto automático, a mente usava as imagens de minhas lembranças. Arrepios eclodiram sobre a pele enquanto uma camada fina de suor fazia cócegas na superfície. Todos os poros ofegaram com a intensidade do prazer que rasgava meu sistema. O calor aumentou até que o gozo começou a se formar em espiral, de dentro para fora, abaixo da cintura, e faíscas de luzes multicoloridas explodiram através das pálpebras fechadas. Conforme o orgasmo tomava conta, agarrava, arranhava e triturava meus nervos, até que a euforia me atingiu e a liberação se estilhaçou através de mim.

Mais alguns movimentos e meus quadris se arquearam. A pele recém-tatuada

gritava em agonia enquanto as últimas gotas de êxtase espiralavam ao redor de cada membro. Finalmente me deixei cair na cama.

Dormiu?

Ri da mensagem de Wes.

Desculpa. Você me conduziu para um voo solo.

Eu estava aí com você, linda. Você não estava sozinha. Eu gozei mais forte do que tenho feito desde Chicago, só imaginando você se tocar pensando em mim.

Foi o que bastou para me tirar da pequena bolha de felicidade que ele tinha criado.

Chicago.

Aquela foi a última vez que estivemos juntos fisicamente. Três longos meses. Desde então, tive uma transa com Alec e um mês com Tai. Durante todo aquele tempo, ele estava com a atriz sensual, a mesma que todas as revistas de celebridades apontavam como a mulher mais bonita do mundo. E meu Wes estava transando com ela. Regularmente. Era questão de tempo antes que ele me deixasse. Talvez eu devesse facilitar as coisas para ele. Deixá-lo antes.

Sendo honesta comigo mesma, eu sabia que não podia deixar Wes partir para sempre. Havia muito entre nós. Coisas não ditas e não feitas, tudo conectado com o peso de uma promessa. Uma promessa que eu não tinha certeza de que poderíamos manter por mais seis meses. Apesar de ter ficado tão pouco tempo com ele, parecia que anos de história pairavam entre nós.

Eu não poderia fazer isso por mensagem. Com um suspiro, apertei o botão “ligar” do celular.

Wes atendeu com um timbre de voz sonolento.

— Ei, moça bonita, achei que você ia me evitar por pelo menos uma ou duas semanas. — Ele riu e o som sexy atingiu minha libido sobrecarregada. Merda, o homem precisava apenas respirar para que eu o desejasse com uma ferocidade inigualável.

— Wes, nós precisamos conversar sobre isso. O que estamos fazendo um com o outro... — Deixei a declaração morrer entre nós.

Ele suspirou alto, fazendo um ruído surdo e profundo. Aquilo me fez lembrar de quando eu estava sobre seu peito nu, ouvindo a batida do seu coração e o som da

respiração entrando e saindo dos pulmões. Um dos lugares mais reconfortantes para estar no mundo todo era perdida em seus braços. Se ao menos o resto do mundo fosse tão acolhedor...

— Não vamos fazer tempestade em copo d'água. Somos duas pessoas que têm carinho uma pela outra, aliviando a tensão.

Bufei.

— Então é assim que você vai jogar?

— Não estou jogando. Nada mudou. Você sabe onde eu estou, eu sei onde você está. Isso não significa que não podemos nos encontrar no meio do caminho algumas vezes para lembrar como pode ser bom.

O homem tinha um argumento.

— Estou tão cansada.

— Qual é o problema, linda?

Wes tinha jeito para me acalmar. Ele me fazia acreditar que aquela coisa entre nós poderia simplesmente ir acontecendo. Por ora, eu precisava confiar nele e no que ele dizia.

— Washington não tem nada além de vadias interesseiras e velhos safados, com muito dinheiro e mais poder ainda.

Ele riu alto.

— É verdade. Então, qual é o problema? O cara com quem você está quer que você seja algo mais que uma acompanhante?

Balancei a cabeça e fiz um som de engasgo, correspondido por sua risada profunda. Amei cada pedacinho dela. Sem nem tentar, ele fez o ar parecer mais leve.

— O Warren é uma boa pessoa. Não está interessado em mim desse jeito.

Wes zombou.

— Acho isso muito difícil de acreditar.

— Não faço o tipo dele.

— Mia, linda, você faz o tipo de *todos* os homens.

Revirei os olhos e mexi no cabelo, inspecionando a tatuagem enquanto pensava no que ele havia acabado de dizer.

— Que seja. Mas estar aqui é estranho. Não estou exatamente certa do meu lugar.

— Como assim?

— Ele me contratou para ser uma namorada-troféu, para que pudesse se encaixar no meio dos outros coroa endinheirados. Todos eles têm uma mocinha a tiracolo. Mas ele tem uma mulher em casa, com quem está há anos, e ainda assim a esconde.

— Hum, que estranho. Por que você acha que ele faz isso?

Dei de ombros.

— Não sei. — A imagem do santuário apareceu em minha mente. — Não tenho certeza se ele superou a morte da esposa. Mas ela morreu há vinte e cinco anos. É

esquisito. Ele está tendo um caso com a governanta e continua guardando segredo sobre isso. Não sei, acho que eu não consigo engolir o fato de ele manter uma mulher como seu segredinho sujo.

— Eu também não. Será que você não consegue fazer o cara perceber que está dando mancada? Você é muito boa nisso.

— Provavelmente vai ser mais divertido que ficar sentada em uma mansão sem nada melhor pra fazer do que sair e arrumar uma tatuagem. — Wes ficou em silêncio por tanto tempo que eu tive de verificar o visor para garantir que a chamada não tinha caído ou a bateria do telefone, acabado. — Wes?

— Desculpa, linda. Eu estava te imaginando com uma tatuagem. Merda, você me deixou duro de novo.

Sorri.

— Talvez possamos fazer algo a respeito.

— Ah, é?

— Sim. Feche os olhos e imagine que estou beijando seu peito e descendo...



— Querida, fique aqui com as outras damas enquanto eu falo de negócios com os homens — Warren disse ao me deixar em uma mesa com outras sete mulheres. Todas elas estavam arrumadas de forma semelhante: vestido justo e curto, cabelos longos e exuberantes, joias nas orelhas, pescoço, pulsos e dedos. Aquelas mulheres eram sustentadas e não tinham problema algum em ostentar esse fato.

Acenei, desajeitada.

— Oi, eu sou a Mia.

Com exceção de uma, todas as outras me fuzilaram com os olhos.

— Olá. Eu sou Christine Benoit, a única casada. As demais aqui são um pouco mal-humoradas. Elas não gostam de compartilhar as atenções, não é mesmo, senhoritas? — ela zombou e franziu os lábios. Em seguida, ergueu a mão para apertar a minha e quase me cegou com o tamanho do diamante na aliança de casamento.

— Que pedra enorme! — exclamei, agarrando sua mão sem delicadeza ou tato. Eu realmente nunca tinha visto um diamante tão grande.

O rosto dela se iluminou enquanto me mostrava a aliança.

— E eu não sei? Meu *papai* cuida bem de mim. Cinco quilates em cima, mais cinco segurando minha princesa aqui. — Ela apontou para o diamante de corte quadrado que estava me cegando. Eu quase precisava de óculos escuros para observá-lo. Os raios de luz que ele refletia pareciam ter vida própria.

— Cale a boca, Christine. Só porque o velho Benoit finalmente colocou uma aliança no seu dedo, não significa que você precisa esfregar na nossa cara.

Olhei para uma morena carrancuda. Como eu já esperava, não havia nenhuma joia gigante em seu dedo anelar. Supus que sua atitude tinha muito a ver com aquilo. Revirei os olhos disfarçadamente, fingindo admirar o anel mais um pouco.

— É lindo, Christine. Você é casada com o sr. Benoit? Vocês vieram do Canadá, certo?

Uma campainha enorme tocou na minha mente.

Ding. Ding. Ding.

Benoit era um dos homens com quem Warren queria conversar. Parece que ele tinha navios ao longo de toda a costa leste do Canadá. Ele me contou que havia um porto em Yarmouth, localizado no golfo do Maine, no sudoeste de Nova Scotia.

Aquele era o local perfeito para o transporte de suprimentos do Canadá para o Reino Unido, onde seriam carregados em veículos de carga que poderiam fazer todo o percurso até Mali, um dos países mais pobres da África. Eu soube que aquele momento não era pura sorte. Minha chance de ajudar simplesmente apareceu na forma de um anel de diamante de dez quilates na mão de uma loirinha.

Os lábios de Christine, cirurgicamente aprimorados, se esticaram num sorriso.

— Sim! Nós somos do Canadá. Meu Francis está aqui a negócios. Eu vi que você veio com o sr. Shipley. — Ela cutucou meu ombro. — Acho que ele é o homem mais bonito de todos aqui... depois do meu marido. — Sua cabeça se inclinou na direção de um homem que não devia ter mais de um metro e setenta de altura. Ainda bem que ela era pequena. Se ficasse perto de mim quando eu estivesse de salto, aquele homem pareceria um anão. O bigode e o cabelo grosso eram grisalhos. Pelo menos ele tinha cabelo. Metade dos homens ali não tinha. Inclinei a cabeça para o lado, olhei para o sr. Benoit e de volta para a mulher, que devia ser pelo menos trinta e cinco anos mais nova.

— Se você não se importa com a minha pergunta, qual a idade do seu marido?

Seus olhos brilhavam tanto quanto o diamante. Não havia preocupação alguma em seu rosto bonito.

— Ele vai fazer sessenta e seis este ano.

— E você?

— Vinte e cinco.

Processei a informação e bebi um gole de champanhe da taça que tinha pegado antes de Warren me entregar aos lobos.

— Você não se incomoda com essa diferença de quarenta e um anos?

Ela abanou a mão.

— Eu não. Ele é tão bom para mim. Me tirou das ruas, me deu um lugar para viver, me ajudou a terminar o ensino médio e depois a faculdade. Agora eu tenho um diploma de bacharel e trabalho na sede da Benoit Shipping Inc. — Anuí, mais uma vez sem me surpreender com sua história. — Sou responsável pelas novas campanhas de marketing. Dividimos o escritório, brincamos de esconder o pepino quando estamos estressados e depois voltamos ao trabalho.

Esconder o pepino.

— Você acabou de dizer “esconder o pepino”?

Ela assentiu, sem se preocupar que alguém pudesse ter ouvido nossa conversa. A expressão “um livro aberto” era perfeita para ela.

— Sim. Quando estamos cansados, entediados ou, você sabe, com tesão, ele me empurra para cima de uma das mesas e me come até eu perder os sentidos. Ele é incrível e me faz gozar mais do que qualquer parceiro que eu já tive. Acho que é porque toma aquela pílula azul. Aquilo o deixa duro como pedra o tempo todo. E

quer saber um segredo? — A moça adorável estava cheia de energia e entusiasmo.

Um segredo. Da mulher que transa com um homem que tem idade para ser seu avô, usa a expressão “esconder o pepino” e tem uma vida sexual extremamente ativa com um velho... Sim, sim, eu queria saber seus segredos. Eu tinha certeza de que eles me deixariam chocada até a semana seguinte.

Christine se inclinou para perto do meu ouvido.

— Estamos esperando nosso primeiro filho.

Sabe aquele momento do desenho *Looney Tunes* em que o Eufrazino bufar e sai fumaça de suas orelhas? Senti como se aquilo estivesse acontecendo comigo ao ouvir que ela estava grávida de um cara com quase três vezes a idade dela. Tudo começou com um zumbido e a necessidade de me sentar. Quando me acomodei, ela tocou minha testa.

— Você está um pouco quente, Mia — disse, parecendo muito preocupada com meu bem-estar.

— Talvez você possa me levar até o banheiro para a gente conversar lá. — Eu precisava ficar sozinha com aquela mulher. Seu marido era dono da empresa de transportes de que Warren precisava para levar as mercadorias para o Reino Unido. Tomei como minha responsabilidade ajudar a fazer aquilo acontecer. Se fazer amizade com a esposa grávida fosse ajudar, eu a traria para o meu time. Além disso, ela era muito simpática, apesar de um pouco sem noção.



— Sabe, essas vacinas e medicamentos vão salvar inúmeras vidas.

Christine suspirou, apoiando a mão na barriga, ainda reta.

— Meu Deus. Temos que ajudar! — disse com convicção.

— Bem, quem sabe você possa falar com o Francis sobre o belo projeto do Warren? — sugeri, pensando que esse poderia ser o melhor caminho.

Ela balançou a cabeça.

— Ah, não. Vou fazer melhor que isso. — Tirou o celular da bolsa, clicou em alguns botões e levou-o até a orelha. — Franny, meu chuchuzinho... — Ela riu. — Claro que eu estou sempre pronta para o seu pau grande, meu amor, você sabe disso. — Pensar em Christine transando com o velho deixou um gosto azedo em minha boca. — Ah, eu sei, meu chuchu, quero com força também. Com muita força. Até meus dentes baterem um no outro, mas preciso falar com você sobre uma coisa.

Esperei enquanto ela compartilhava com ele praticamente tudo o que eu tinha contado sobre o projeto de Warren e como eles poderiam ajudar.

— Sim, meu chuchu, vamos fazer disso a contribuição de caridade deste ano. Eu posso até desenvolver uma campanha em cima do bom trabalho que vamos fazer com a Shipley Inc. — Ela fez alguns “ãhãs” e “humms”, em seguida virou de lado.

Sua mão deslizou do pescoço para o seio e o segurou com audácia. — Sim, eles precisam ser apertados. Pensar em você me comendo aqui e agora está me deixando com muito tesão. Você pode vir até aqui me chupar? O bebê está me deixando excitada. Eu sei que você já me comeu duas vezes hoje... — ela suspirou e, em seguida, lamentou — ... mas eu preciso da sua boca desta vez. — Deu pulinhos e bateu palmas. — Tudo bem, Franny. Estou no banheiro feminino, molhada e pronta. Não me deixe esperando, ou vou começar a brincar sem você.

Então, ela desligou o celular. Seu peito arfava.

— Vamos fazer as remessas para a Shipley. — Eu queria pular em comemoração, mas ela começou a agarrar os seios de forma descaradamente devassa. — Você gosta de ménage? — perguntou, distraída. — O Franny adora quando incluímos uma das minhas amigas. Ele come as duas de um jeito muito bom, e eu não me incomodo em compartilhar, desde que não seja na nossa cama. Lá é só pra nós dois.

Abri e fechei a boca, quase sem poder recuperar o fôlego. Eu realmente não conseguia respirar. Imagens me vinham à mente enquanto eu tentava processar o que ela tinha dito. Christine havia acabado de me convidar para fazer um ménage à trois com seu marido, velho como um avô, no banheiro feminino. Balancei a cabeça.

— Hum, não, obrigada. Mas estou muito animada para contar ao meu, hum, *papai* sobre o envolvimento da Benoit.

— Legal. — Com isso, ela colocou um dedo em cada alça do minúsculo vestido e o deixou cair a seus pés, ficando apenas de calcinha fio dental vermelha. Nada além de um fio dental. *Que merda é essa?* Eu me virei para lhe dar um pouco de privacidade no momento exato em que o velho Francis Benoit entrou.

— Começando sem mim, meu bem? — ele perguntou, avaliando a mulher quase nua e a mim.

— Mal posso esperar. Me dê o seu pau, papai. Eu quero te chupar enquanto você me chupa.

— Mocinha, o que eu lhe disse sobre ficar nua em locais públicos? — ele a repreendeu, embora não parecesse nem um pouco chateado. — Vou cortar a sua mesada pela transgressão.

Ela gemeu.

— Mas eu não pude evitar. Preciso de você.

Aquela foi, definitivamente, a minha deixa.

— Hum, estou indo ver o meu, hum... o Warren — falei, incapaz de chamá-lo de “papai” novamente. Aquilo me deixava enojada.

Quando estava na porta do banheiro feminino, ouvi Christine suspirar e gemer.

— Vou te montar com força. Eu te amo, Franny, te amo. Amo trepar com você.

— Vem cá, meu bem. Isso. Vou te comer até você gozar com força suficiente para te deixar satisfeita pelo resto da noite. Essa gravidez ainda vai me matar — ouvi o

marido dizer com um sotaque canadense forte. Se fosse eu, estaria muito preocupada com a saúde dele. A possibilidade de um ataque cardíaco com certeza o rondava, e, se Francis estava ingerindo o comprimido azul com álcool, além de fazer uma quantidade absurda de sexo selvagem com uma garota de vinte e cinco anos, ele definitivamente tinha algo com que se preocupar.

Quando saí do banheiro, Warren estava esperando por mim. Seus olhos pareciam perturbados quando agarrei seu pulso.

— Vamos sair daqui.

— Por quê? O Francis disse que queria falar comigo a respeito de usarmos seus navios para transportar os suprimentos que eu preciso enviar para Mali.

— Eu sei. Combinei tudo com a mulher dele. Mas eles estão indisponíveis no momento e, se você entrar lá, vão te convidar para participar de uma sessão de sexo explícito — avisei.

Ele se encolheu.

— Entendo. Vamos esperar por eles no bar, então. Você pode me contar tudo o que conversaram. Vamos? — Ele estendeu o braço, como um perfeito cavalheiro. Exatamente como um avô faria com sua neta, e não com sua namorada gostosa. Elegância. Pelo menos eu tinha um homem bom ao meu lado. Embora Francis não parecesse tão ruim, depois que se superava o fato de ele ter desposado e engravidado uma mulher quarenta anos mais nova. Tremi e Warren parou, tirou o paletó e o colocou sobre meus ombros.

— Obrigada.

— Disponha. Agora me conte o que aconteceu.



Aparentemente, conseguir os navios canadenses era importante para iniciar o projeto de Warren. Nós nos sentamos no bar abafado do evento e começamos a beber um uísque muito caro. Até Christine se sentou conosco enquanto bebia seu drinque sem álcool, e parecia feliz. Quando estava com o tesão sob controle, ela era muito divertida.

Próximo das duas da manhã, James, o motorista, precisou segurar Warren e a mim enquanto subíamos os degraus de pedra, cantando uma versão ridícula de “I’m Henry the Eighth, I Am”, tão alto que, quando as luzes do vestíbulo se acenderam, ficamos chocados. Kathleen se inclinou contra o corrimão, com os braços cruzados e os lábios apertados.

— Boa noite? — ela perguntou. Seu tom era indecifrável.

Warren foi até ela com a rapidez de um homem com metade da sua idade. Ele a puxou para seus braços, segurou as mãos dela e começou a dançar, balançando-a de um lado para o outro e inclinando-a para trás. Aplaudi, cambaleei e me segurei em

James, que teve pena de mim e dançou comigo ao redor do vestibulo, com Warren e Kathleen. Nós quatro dançamos até que nossos parceiros nos levassem para a escadaria.

— Ah, espera. Warren, amigo... não esquece de contar para a Kathleen sobre a sua conquista!

Warren riu quando caí sobre James. Sem comentários, ele me levantou e me jogou sobre o ombro, como se fosse um bombeiro. Meu corpo parecia um peso morto. Bati em sua bunda surpreendentemente firme.

— Legal! — falei e lembrei que ainda queria dizer mais alguma coisa. — Espera... — Bati em sua bunda novamente. Ele parou de rir e tentou segurar minhas mãos. — E conte a ela sobre o sexo selvagem que eles fizeram no banheiro!

Warren começou a rir tanto que até se sentou no chão. Eu queria ajudá-lo, mas estava bem tonta para isso.

— Kathy, querida, você não imagina o que o velho Benoit e sua esposa travessa fizeram! — ele disse.

Ela o acariciou no ombro.

— Tenho certeza de que você vai me contar tudo, mas primeiro temos que levar você para a cama.

— Você sabe que eu nunca compartilharia você, certo? — ele perguntou, em um tom sério, e James começou a andar novamente. Bati com força em sua bunda de novo, e desta vez ele retaliou, fazendo o mesmo comigo.

— Dá para ficar quieta? Você é pesada.

Eu me levantei, tentando ver seu rosto.

— Está me chamando de gorda?

— Claro que não. Mas ficar bêbada como um gambá não te deixa leve igual a uma pluma — ele brincou.

Algo parecido com um gemido e um grunhido saiu dos meus lábios e eu falei, parecendo uma criança:

— Mas eles estavam chegando na melhor parte. Ele ia dizer que ama a Kathleen.

James balançou a cabeça e me segurou firme. O tempo parecia voar enquanto ele me levava para o quarto mais rápido do que eu pensava que fosse possível. Avaliar a passagem do tempo não era o meu forte quando estava bêbada.

— Todo mundo sabe que ele ama a sra. Kathleen. E há muito tempo.

— Mas o santuário... — retuquei, a língua solta pela bebida.

— Ele não sabia o que fazer com as coisas da Ketty. Achou que talvez o Aaron possa se casar, ter filhos e querer algumas daquelas coisas. Além disso, ele não queria magoar o filho. Ele é mais sentimental do que deixa transparecer. — James bufou, desabafando. Essas informações mudavam as coisas de forma definitiva. James me colocou na cama, foi até a cômoda, pegou uma camiseta regata e a calça

do pijama e as jogou para mim. — Aqui estão suas roupas de dormir. Por favor, me diga que não precisa de ajuda.

Abri um sorriso sexy.

— Está se oferecendo? — Fiz um biquinho, o uísque me deixando idiota.

— De jeito nenhum. Minha mulher faria picadinho de mim e me jogaria aos cães. Depois que os irmãos dela quebrassem todos os ossos do meu corpo. — Ele riu.

— Ahhh, você é casado? — perguntei e me aconcheguei ao travesseiro.

— Sim, sou casado. Com uma mulher muito má, que significa tudo para mim. Eu jamais seria infiel. — James tirou meus sapatos. — Aliás, legal a tatuagem. Ainda bem que o sapato não ficou em cima dela. Parece que já está quase cicatrizada.

— Isso é bom — falei sobre a esposa, não sobre a tatuagem. E, como toda garota bêbada que perde a cabeça, compartilhei informações pessoais que em circunstâncias normais não teria contado. — Sabe, eu tenho um Wes. — Pensei em quando fizemos sexo por mensagem no começo da semana e meu corpo ficou quente mais uma vez.

— Você tem um Wes — ele repetiu, em um tom repleto de diversão. — Suponho que seja um homem — disse, rindo, e me entregou as roupas que tinha pegado. Na verdade, parecia que estava me batendo na cara com elas.

— Ele não é meu de verdade, mas é mais meu do que de qualquer outra pessoa.

— Entendo. Parece complicado. — Rapaz, ele não sabia da missa a metade.

Finalmente, ele me ajudou a levantar.

— Acho que vou vomitar.

Ele resmungou e me ajudou a ir ao banheiro, onde passei o resto da noite vomitando violentamente. Em algum momento, James foi embora e Kathleen apareceu. Ela colocou uma toalha fria em minha nuca e me acalmou com palavras suaves e carícias leves no cabelo e nas costas. Meus joelhos doíam por ficarem pressionados contra o piso pelo que pareceram horas. Eu tinha perdido totalmente a noção de tempo e espaço. Tudo o que sabia era que parecia estar à beira da morte.

Quando amanheceu, eu estava com uma ressaca do tamanho do Texas. Meu roupão estava pendurado de qualquer jeito nos ombros e eu não conseguia me mexer para arrumar. Parecia haver um trabalhador braçal martelando meu cérebro a cada passo que eu dava. Cheguei à sala de jantar e descobri que Warren não parecia muito melhor. Pela primeira vez, ele usava um pijama de cetim e não um terno. Se eu estivesse com a cabeça boa, teria feito uma piada, mas o humor e a sagacidade tinham me abandonado.

— Você está péssimo — falei, observando-o com um olho só. O outro parecia ter um prego dentro, rasgando a córnea a cada vez que a luz entrava. Mantê-lo fechado funcionava melhor.

Os olhos injetados de Warren me observaram, desde o pijama amarrotado até o

ninho de rato que estava meu cabelo, antes considerado lindo. Agora não. Agora, eu não podia sequer passar um pente nele. Quando tentei, foi como se pequenos gnomos estivessem puxando os fios um por um, tentando arrancá-los pela raiz. Então, aquela era uma zona proibida até que eu aplicasse muito condicionador.

— Já se olhou no espelho? — Warren grunhiu entredentes enquanto colocava a mão na têmpora. — Meu Deus, quanto foi que nós bebemos?

— Hum, aposto que foi mais do que devíamos.

Kathleen entrou com pratos repletos de bacon, salsicha, biscoitos e calda. Aquela era a comida que curava qualquer ressaca. Eu queria me curvar e beijar seus pés.

— Eu te amo tanto! — Olhei para ela com carinho.

Kathleen acariciou minha cabeça como se eu fosse um bichinho de estimação.

— Eu sei, querida. Você me disse isso várias vezes ontem, enquanto jurava não ter feito suíngue com Warren, o canadense e... o que era a última mesmo... ah, sim, a grávida.

Warren engasgou com o café, e eu gemi.

— Me desculpe por isso. Passei do limite. Algo em torno de cinco doses além do limite.

— Você também ficou falando sobre o James.

— Nosso motorista? — perguntou Warren.

— Sim. Você disse que ele é gostoso, legal e que tem uma mulher muito má, que significa tudo para ele. — Os lábios dela se abriram naquele pequeno sorriso que eu tinha aprendido a amar.

Dei uma enorme mordida em um biscoito coberto com calda e apontei o garfo para ela.

— Essa parte é verdade. Ele mesmo admitiu isso!

Os dois riram e voltamos a comer. Warren e eu estávamos humilhados, como os bêbados inúteis que tínhamos sido na noite anterior. Foi, de longe, uma das refeições mais estranhas que tive nos últimos tempos. Depois daquilo, tomei uma ducha e voltei para a cama, para terminar de curar a ressaca.



Uma sensação de cócegas subiu ao longo do meu tornozelo, em seguida em minha panturrilha, como se alguém estivesse passando a ponta dos dedos na pele nua. Eu me virei e lá estava ele, em toda a sua glória bronzeada. A luz atingiu o cabelo loiro desgrenhado. E os olhos? Ah, meu Deus, os olhos brilhavam, como piscinas esverdeadas. Tudo o que ele não disse em voz alta podia ser claramente visto naquelas profundezas sem fim. Eu queria olhar para aqueles olhos pelo resto da vida.

— Você está aqui — sussurrei.

— Estou sempre aqui. — Ele passou um dedo calejado sobre meu peito, onde o coração batia forte. Seu toque era como um fósforo, acendendo e desencadeando uma explosão brilhante demais para ser contida.

Em uma confusão de membros, ele montou em minha cintura e então a boca estava na minha. Ele tinha gosto de terra, mar e todas as coisas bonitas. Mordisquei, chupei e lambi sua pele, como se nunca mais fosse conseguir prová-lo outra vez.

— Wes — falei em seus lábios, minha boca pairando na sua.

— Mia. — Seus lábios se moviam contra os meus, devagar, enquanto ele falava.

Aquilo era tudo o que precisava ser dito. Nossos corpos se moviam instintivamente. Mãos se arrastavam pela pele aquecida. Em um farfalhar de tecido, minha camisola foi retirada, deixando-me apenas com a calcinha encharcada. Braços musculosos me levantaram, até que eu estivesse de joelhos, pairando sobre ele. Sua cabeça estava muito perto do ponto onde eu o queria mais que qualquer coisa. Não precisei esperar muito tempo. Wes levantou a cabeça e cobriu meu sexo com calcinha e tudo, colocando a boca talentosa para trabalhar. Parecia que havia um radar em meu clitóris, pois seus olhos estavam fechados, e, quando ele afastou o tecido para o lado, a língua cobriu a protuberância inchada, lambendo o nó sensível até que eu estivesse me contorcendo no ar. Agarrei a cabeceira da cama, meus dedos se cravando na madeira fina enquanto eu arqueava em sua boca, esfregando a carne molhada em seu rosto. Aquilo só o deixou ainda mais faminto. Wes gostava quando eu perdia o controle.

— Mais — gritei.

— Você vai ter o que eu te der... e vai ser muito. Abra bem as pernas, linda. Quero te provar profundamente — Wes grunhiu e afundou a língua na fenda entre

minhas coxas enquanto puxava as laterais da calcinha até o tecido parecer se desintegrar. Eu gemia e projetava o quadril para a frente enquanto seguia seu comando. Em instantes, sua boca estava em todos os lugares.

Devastando.

Devorando.

Reivindicando.

Com Wes, cada vez era diferente da última. Nós nos perdíamos um no outro de tal forma que parecíamos um só corpo composto de duas almas.

Cócegas formigavam contra meu quadril, girando num padrão circular.

Eu me contraí e inspirei, minha mente tentando trazer algo à tona.

Uma mão forte deslizou por minhas costelas, sobre os seios e segurou minha nuca.

— Volte para mim, baby. Estou bem aqui. — Wes me puxou enquanto se pressionava contra mim, deslizando o peito musculoso no meu e deixando meus mamilos latejarem. Sua boca cobriu um bico rosado. Rajadas de prazer tomaram todos os meus nervos. Uma nova onda de excitação disparou do coração ao meu sexo, me preparando para o passeio. Eu o queria. Precisava dele para preencher meu corpo e minha alma com sua essência.

Wes me inclinou para trás, lambendo o caminho de um seio ao outro. Ele tocou o mamilo com a ponta da língua e o apertou, fazendo-o mudar de um rosa-claro para um tom mais profundo. Segurou o máximo que pôde do seio, apertando o tecido pesado com força. Ele definitivamente gostava de peitos. Costumava adorá-los como se fossem dois deuses.

O tempo pareceu passar. Olhei em volta e o quarto não me era mais familiar. As extremidades da minha visão estavam turvas e nebulosas.

— Ei... Estou bem aqui. Fique comigo. Me deixe te amar.

Balancei a cabeça. A sensação de cócegas se arrastou pela coluna, se perdendo à beira da inconsciência.

— Não sei como — sussurrei, admitindo meu maior medo. Lágrimas se formaram em meus olhos.

— Vou te mostrar. — Ele alinhou seu pau ao meu centro e me penetrou, centímetro por centímetro, até que arqueei para trás, coloquei as mãos em seu peito e deixei aquela conexão nos unir. — É isso aí, deixe acontecer.

Balançando os quadris, fiquei por cima, de joelhos, e o levei de volta para meu interior. Vi quando ele fechou os olhos, embora desejasse que ele não tivesse feito isso. Aqueles olhos me amarravam a ele, tinham poder sobre mim. Quando não estavam lá, as coisas mudavam.

Peguei o ritmo, me movendo para a frente e para trás. Ele gemia e grunhia. O quarto girou quando o prazer atingiu o ápice e eu perdi o fôlego, ofegando muito, montando-o com força. Gritei e abri os olhos. Tudo era um borrão enquanto o êxtase

subia e descia, queimando meu corpo em uma onda tão intensa que eu sabia que acabaria comigo. Acabaria com a paixão, com o prazer, com o... com o sonho.

A sensação de formigamento se transformou em uma mão quente deslizando para cima e para baixo em minhas costas, mas não era de Wes. O prazer disparou com força entre minhas pernas, e o corpo de Wes se curvou, as mãos mantendo meus quadris no lugar conforme ele metia em mim. Gozei com força, subindo e descendo em seu pau enquanto ele despejava sua semente dentro de mim.

— Senti sua falta — sussurrei contra seus lábios, sugando um de cada vez.

Seus olhos se abriram.

— Não vá. Eu preciso de você — ele disse ao mesmo tempo em que ouvi outra voz.

— Acorde, Mia. — Senti uma mão curvada em torno do meu seio nu. Mais uma vez, não era de Wes.

Wes balançou a cabeça.

— Lembre-se de mim.

Abri os olhos e já não estava nua e em cima de Wes. Não. Eu ainda estava nua, mas desta vez uma mão fria cobria meu seio, apertando-o ritmicamente enquanto a outra deslizava por meu corpo, tocando os pelos finos entre minhas pernas.

— Hum, eu gosto disso. Muito sexy. — O tom baixo atingiu meus ouvidos enquanto um corpo pesado me pressionava. O cheiro de maçã e couro permeava o ar. Empurrei com força uma parede de tecido fino.

Aaron se ergueu e os olhos eram poças escuras de luxúria.

— Você está acordada. — Abriu um sorriso enorme e se levantou. Agarrei o lençol e o puxei para me cobrir.

— O que você está fazendo aqui e por que raios estava me tocando?

Aaron deixou o paletó escorregar pelos ombros, o dobrou e o colocou com cuidado no banco ao pé da cama. O lado racional da minha mente não estava funcionando direito, após uma noite de bebedeira e o sonho sensual com Wes.

— Não aja como se não estivesse gostando. — Seu tom era um riso de escárnio. — Eu ouvi você gemendo, suspirando e lambendo esses lábios doces. — Puxou o nó da gravata e a soltou. — Esfregando as pernas sem parar, pronta para ser tomada. Tenho de admitir que foi extremamente sedutor. — Depois de tirar a gravata, ele a colocou sobre o paletó e começou a abrir os botões da camisa.

Pisquei algumas vezes, tentando me situar.

— O que você está fazendo? — Sua camisa estava aberta, expondo o peito largo, o abdome definido e alguns pelos. Se eu não estivesse tão confusa com o que estava acontecendo, e meio adormecida, para não mencionar a ressaca, teria reagido muito mais rápido.

Com a camisa aberta, ele colocou um joelho na cama, e meus olhos se

arregalaram.

— Eu tinha uma reunião marcada com o meu pai, mas ele estava ocupado. Me pediu alguns minutos. — Ele continuou a rastejar pela cama. — Pensei em ser um bom filho e vir ver como estava a nossa convidada. — Aaron me prendeu, colocando um braço de cada lado do meu quadril. — Para o meu deleite, você estava se debatendo na cama, nua, claramente precisando de algo para aliviar a tensão em seu corpo. — Ele passou um dedo em meu braço, do ombro ao pulso, onde eu ainda segurava o lençol. Estremeci, mas não de excitação.

— Aaron... — minha voz tremia e seus olhos se estreitaram — não estou me sentindo bem. Seu pai e eu bebemos demais a noite passada. Preciso dormir. Você não devia ter entrado no meu quarto sem bater.

Ele se inclinou e passou o nariz ao longo do meu pescoço, inalando meu cheiro. Os arrepios aumentaram, atingindo todos os poros, e sinos de alerta soaram altos.

— Eu bati. Você não atendeu.

— Porque eu estava dormindo.

— Eu sei, mas agora não está mais. Agora você está muito acordada e nua. Acho que devemos fazer algo a respeito disso. — Seus lábios pressionaram a pele em meu pescoço. — Humm, você tem um gosto doce. Como puro mel.

Puro mel.

Engoli em seco quando o vômito subiu do estômago até a garganta. Se ele não saísse dali, eu vomitaria em cima dele, o que seria um castigo perfeito pelo que havia feito. Empurrei seu peito com força, saindo da cama, quase sem conseguir alcançar a lata de lixo ao lado da mesa, e botei o café da manhã para fora.

— Meu Deus, você está mesmo mal. — O nojo era perceptível em seu tom.

Ele nem tentou me ajudar quando vomitei, engasguei e tossi. Ouvi o farfalhar de roupas e só pude esperar que ele estivesse se vestindo.

— Kathleen! — Aaron gritou. — Kathleen, venha aqui. A Mia está passando mal — ele continuou, o ruído perfurando minha cabeça já dolorida.

Ouvi um som ao longe, que foi se aproximando conforme Kathleen corria, de salto alto, para o quarto.

— Ah, meu bom Deus. Mia, pobrezinha.

Suas mãos frias em minhas costas eram reconfortantes e bem-vindas. Ao contrário de Aaron, que me tocou sem ser convidado.

— Cuide dela. Vou estar com o meu pai. Até a próxima, Mia — ele disse, friamente, e saiu do quarto. Engasguei de novo. Depois de minutos de tosse seca, Kathleen me ajudou a levantar e ir para o chuveiro.

— Ah, menina. Estou preocupada que você esteja com intoxicação por álcool. Talvez eu devesse levá-la ao médico.

Balancei a cabeça.

— Não tenho plano de saúde. — Na verdade, agora que estava trabalhando para a tia Millie, talvez eu tivesse. Teria de verificar. Mas, de qualquer maneira, eu não iria ao hospital por ter bebido demais. — Está tudo bem. Só preciso dormir e me alimentar. Além de não beber mais por uma década.

Ela sorriu timidamente.

— Tudo bem, querida. Vamos cuidar de você.

Kathleen me ajudou a vestir uma leggings. Insisti em colocar um top e uma camiseta. Aquela tinha sido a última vez que eu dormia nua naquela casa.

— O que o Aaron estava fazendo no seu quarto com você nua e vomitando na lata de lixo? — Kathleen perguntou suavemente. Não havia uma ponta de julgamento em seu tom.

Engoli em seco e suspirei.

— Não sei. Acho que ele está a fim de mim ou algo assim. Mas, francamente, ele não agiu de forma adequada. Me tocar enquanto eu dormia foi assustador. — Um arrepio acompanhou a lembrança.

Seus olhos se arregalaram, e eu soube imediatamente que devia ter mantido a boca fechada. Um rubor começou em seu peito, subindo até o rosto. Ela franziu a testa e apertou os olhos. A pele ao redor dos lábios ficou branca quando ela rosnou:

— Ele a tocou enquanto você estava dormindo?

— Hum, não do jeito que você está pensando. — Bem, tecnicamente sim. O que ela estava pensando era correto, mas não o suficiente para eu fazer algo a respeito.

— Isso é abuso sexual. O pai dele vai ficar furioso! — Seu tom era tão afiado que eu juro que poderia cortar vidro.

Balancei a cabeça e coloquei as mãos em seus ombros.

— Está tudo bem. Foi um pouco inapropriado, sim, mas nós flertamos nas últimas vezes em que nos vimos. Eu já o despachei. Está tudo bem. Não há necessidade de fazer um escândalo. Não vai acontecer de novo.

Seus olhos estavam gélidos e irritados.

— Mia... — ela começou, mas eu a interrompi.

— Não, Kathleen. Eu já resolvi. Não devia ter dito nada. Já cuidei da situação. Não precisa se preocupar. — Mas era mentira. Eu resolveria o assunto assim que estivesse me sentindo melhor e tivesse um momento a sós com o Shipley mais jovem.

Ela respirou fundo e seus ombros caíram.

— Tem certeza? O Warren jamais seria conivente com o fato de um homem tocar uma mulher sem ser convidado.

Assenti rapidamente.

— Eu sei e concordo. Acho que o convite ficou implícito antes, mas ele agiu no momento errado. Foi só isso. Não aconteceu nada. Estou bem e vou conversar com

ele.

Olhei para o rosto dela, me certificando de que ela visse sinceridade em meus olhos.

— Vou cuidar disso, tá?

Com um aceno de cabeça e a respiração lenta, ela me puxou para um abraço.

— Tudo bem. Mas me avise se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa. — Ela acariciou minhas costas como se eu fosse sua filha. Eu me perguntei se ela tinha filhos, mas achei melhor questionar mais tarde, quando as coisas não estivessem tão pesadas.

— Pode deixar. — Apertei seu corpo magro com firmeza, apreciando a sensação maternal.

Quando ela me deixou sozinha, depois de limpar a bagunça que eu havia feito, me sentei na cama e coloquei a cabeça entre as mãos. Até onde aquilo teria chegado? Será que ele teria realmente se aproveitado de mim? A cena toda passou em minha mente como se eu tivesse um botão de avanço e retrocesso. Se eu não tivesse passado mal, ele teria parado? Aboli os pensamentos. Questionar isso não traria nada além de dor de cabeça e dúvidas. Quando tivesse a oportunidade, eu falaria com Aaron. Diria a ele que aquilo foi inadequado e deixaria claro que qualquer coisa que pudesse ter acontecido entre nós, a atração ou o que quer que fosse, havia desaparecido completamente, sem nenhuma chance de voltar.

Agora, por que raios eu estava sonhando com Wes? Só podia ser por causa das mensagens que trocamos na semana anterior e da bebida agindo de forma estranha em meu subconsciente. Certo? O sonho foi tão real. Eu ainda podia sentir as vibrações de excitação quando pensava nas coisas que fizemos.

Gemendo, peguei o celular e liguei para a minha garota.

— Argh, você tem o dom da telepatia ou algo assim? — ela resmungou.

— Qual é o problema? — perguntei, mais alerta agora do que estivera o dia todo. Gin não costumava bancar a coitadinha, como outras pessoas tinham o costume de fazer. Se estava infeliz, ela falava e, com certeza, não guardava as coisas para si por muito tempo.

Ginelle fez uma pausa e estalou a língua.

— Eu só estava sentada aqui, balançando um cigarro entre os dedos e me proibindo de acendê-lo. — Eu conhecia aquele tom. Arrependimento.

Fechei os olhos.

— Gin, amiga, já faz quanto tempo?

— Três meses, duas semanas e dois dias — ela mencionou os números como se estivesse marcando cada dia livre do cigarro, da mesma forma que um alcoólatra faz com a bebida.

— E você está indo muito bem. Não acenda. Você anda tão feliz sem fumar.

Lembra do chocolate com creme de amendoim que você mencionou numa mensagem? Aquele que você comeu e sentiu como se estivesse provando pela primeira vez, agora que o seu paladar está livre dessa porcaria?

Um suspiro pesado soou pelo receptor.

— Sim, foi saboroso mesmo. Ainda não consigo acreditar como é bom. Mas também, quem não gosta de chocolate com creme de amendoim? É a comida mais perfeita do mundo.

— Verdade...

— ... acho que eu nunca provei nada tão bom. Fumar acaba com o paladar — ela disse, enfática.

— E lembre-se: os mais gostosos não querem transar com mulheres que fumam. — Aquela era a minha carta na manga. Gin era doente por homens gostosos e não ousaria correr o risco de estragar sua chance com um deles.

Um gemido longo soou em meus tímpanos. Então, ouvi barulho de cascalho triturado ao longe.

— O que foi isso? — perguntei.

— Eu esmaguei o cigarro. Não posso acreditar que quase acabei com as minhas chances de beijar um cara gostoso. Você é realmente a melhor amiga do mundo.

Inclinei a cabeça para o lado e sorri.

— Ei, alguém tem que proteger você e garantir que continue tendo o melhor do sexo.

— Acho que estou sentindo falta de você e da Maddy.

Meu tom soou preocupado.

— O que está acontecendo?

— Agora que ela está com o Matt, não quer sair comigo. Você foi embora e as meninas do show são umas megeras traiçoeiras. Sei lá... — Sua voz parecia muito triste e oprimida. — Tive momentos incríveis no Havaí com vocês duas. Então você foi para Washington ficar com um coroa, a Maddy voltou para o namorado e eu estou encalhada com uns caras babões no show.

— Está se sentindo sozinha?

Depois de uma longa pausa, ela cedeu.

— É, acho que sim. O ano está demorando para passar. Quando você foi embora para a Califórnia, achei que poderia lidar com isso, pois planejava ir também em algum momento, mas não sei. Às vezes eu me pergunto se nunca vou deixar Las Vegas.

— Você vai, amiga, se quiser. Quando o ano terminar, não importa para onde eu vá, vou te buscar e te levar comigo. O que você acha?

— Mesmo que você escolha ficar com um cara?

Ri alto.

— Sim, mesmo assim. Não precisamos morar na mesma casa, não é?

— Deus me livre de dividir o banheiro com a sua bunda suja. Você é uma bagunceira. Não posso imaginar que exista alguém que queira morar com você.

É por isso que o homem com quem eu estiver vai precisar de uma governanta. Judi vai lidar com esse problema.

— Porra... — xinguei ao perceber para onde meus pensamentos foram.

— O quê? — Desta vez seu tom era aflito.

Fechei os olhos, pensando se queria admitir o que tinha se passado em minha mente. Merda. Ginelle era minha melhor amiga. Ela era a única pessoa para quem eu poderia contar meus pensamentos e que me colocaria de volta nos eixos.

— Quando você falou sobre a coisa do banheiro...

— Não vou me desculpar por isso. É a pura verdade.

— Eu sei que é. Quando você falou a respeito, pensei que o Wes tem a Judi e que ela vai limpar a casa, para que eu não tenha que me preocupar com a bagunça.

Ela suspirou alto.

— Não, nem pense nisso. Como é que você vai aguentar o resto do ano se pensar assim?

Gemi e passei a mão no cabelo.

— Eu sei, e fica pior.

— O quêêêê? — ela disse, prolongando a palavra. — Conta tudo. Vamos.

— Fizemos sexo por mensagem na semana passada, e em seguida eu tive um sonho erótico bem louco — falei muito rápido, como se, dessa forma, aquilo não pudesse me queimar.

— Jura? Sexo por mensagem? Pode me mandar a conversa?

Fala sério. Estou desnudando a minha alma e ela quer ver as mensagens!

— Você está brincando comigo? Oi... melhor amiga, apareça!

— Ah, tá, tudo bem. Desculpa, me perdi. Essa merda é sexy. Enfim, vamos falar sobre isso. Foi bom?

— Sim, mas esse não é o ponto.

— Não, mas foi divertido? — ela continuou.

— Sim, acho que nós dois curtimos.

— E o sonho, foi divertido?

Eu ri e respondi honestamente:

— Foi. — Claro que sim, até eu acordar. Eu não contaria essa parte para Gin. Ela ficaria louca, estouraria o limite do cartão de crédito para vir até aqui e chutar o traseiro de um certo político.

— Você sente que deve algo a ele? Tipo, a sua lealdade? — Pensei naquilo até que ela acrescentou: — Ele vai parar de sair com a atriz?

— Não, não vai. Não que eu saiba, pelo menos. — Só de ouvir Gin mencionar

aquilo, senti como se enfiassem uma faca em meu coração. Um ataque de raiva arrepiou meu couro cabeludo, fazendo meu sangue ferver.

— Mas a moral da história é que você se divertiu com ele?

— Sim — admiti, sem saber direito aonde ela queria chegar com aquilo.

— Então, por que precisa ser algo além disso? É só um pouco de diversão. Você não me disse que aprendeu isso com o Tai no Havaí?

Minha melhor amiga tinha um argumento. Um argumento excelente. Até Wes tinha dito para deixarmos as coisas rolarem. Aproveitar o que tínhamos. Nos lembrar de como era bom. E, cara, tinha sido bom mesmo.

— Você tem razão. Só estou tendo dificuldade para separar as coisas. É que, quando eu estou com um cara, estou cem por cento com ele; quando não estou, não estou. Mas com o Wes... tem sempre algo ali, me assombrando.

— Você ama o cara — Ginelle falou, declarando o que percebia como um fato.

No mesmo instante, o pânico atravessou meu corpo e chegou a meu subconsciente. Até o ar ficou carregado de medo. Incapaz de responder, peguei o caminho dos covardes.

— Gin, amiga, tenho que ir. O chefe está me chamando. Te amo, vadia. Te ligo em breve. Tchau!

Meus dedos tremiam quando apertei o botão de desligar.



Pensei muito sobre o que Ginelle havia dito ao telefone. Eu amava Wes? Claro, eu tinha sentimentos muito fortes por ele. Mais do que jamais admitiria, mas tinha medo de chamar aquilo de amor. Com Alec, Mason, Tony, Hector e até mesmo Tai, essas três palavras — eu te amo — saíam com facilidade da minha boca. Com Wes, não. Por quê? O que me impedia? Acho que, em algum lugar lá no fundo, eu sabia que, se dissesse, os sentimentos de esperança e lealdade se construiriam. Eu não seria capaz de passar por novas experiências, terminar o ano com um cara novo a cada mês e pagar a dívida do pops.

Mesmo que houvesse algo entre mim e Wes, eu não confirmaria de jeito nenhum. Nomear o que tínhamos nos destruiria ou, em último caso, poderia nos aproximar. De qualquer forma, meu destino estava selado e, com mais seis meses para ganhar dinheiro suficiente e pagar a dívida, eu não tinha liberdade para tomar esse tipo de decisão, a menos que aceitasse sua ajuda.

Não importava que Wes quisesse pagar a dívida do meu pai, eu sabia que me arrependeria pelo resto da vida se permitisse isso. Eu ficaria devendo um favor a ele. E se não desse certo? Ele teria pagado um milhão de dólares — bem, quinhentos mil agora — para que eu e minha família ficássemos livres e eu seguisse adiante? Eu não teria como devolver esse dinheiro. Tia Millie me deu a oportunidade de consertar os erros do meu pai e redimir a culpa que eu sentia por ter apresentado pops para Blaine. Eu tinha que aproveitar a chance e manter o compromisso com minha decisão.

Mia Saunders era uma acompanhante. Eu seria acompanhante por mais seis meses, pagaria a dívida do meu pai com o cretino do meu ex, me certificaria de que Maddy estivesse feliz com Matthew e então decidiria o que fazer da minha vida.

Resoluta, fui até o closet e examinei as roupas ali. Uma peça dourada e justa me chamou a atenção. Warren nos levaria a Nova York por alguns dias para que ele pudesse se encontrar com uns caras importantes e falar do projeto. A Shipley Inc. também tinha uma filial em Nova York, o que tornava a viagem ainda mais fácil. Eu havia ido para lá com Mason a negócios, mas, ainda assim, estava muito animada. Eu tinha pouco mais de uma semana com os Shipley antes de partir para o próximo local. O que me fez lembrar que eu ainda não tivera notícias de tia Millie.

Em vez de esperar o telefonema dela, decidi entrar em contato naquele momento.

Digitei seu número enquanto pegava as roupas no closet e as colocava sobre a cama. Kathleen me disse para separar o que queria levar, pois ela se certificaria de que tudo fosse organizado. A forma como ela falou deu a entender que não iria conosco. Eu não sabia por quê. Teria de perguntar a Warren sobre isso. Ele estava um pouco mais aberto comigo desde a noite em que comemoramos o apoio de Benoit e ficamos bêbados.

— Exquisite Acompanhantes de Luxo, escritório da sra. Milan, Stephanie falando. Como posso ajudar? — uma voz alegre atendeu. Revirei os olhos. Toda vez que eu ouvia o nome falso que ela usava, só reforçava quanto o negócio também era falso. Não me interprete mal. Eu era muito grata pela oportunidade de ganhar dinheiro e pagar a dívida do pops, mas não era algo que eu teria escolhido se não precisasse muito.

— Oi, Stephanie. É a Mia, sobrinha da Millie. Ela está?

— Millie? Quem é essa?

Suspirei e bati a mão na testa.

— Me desculpe, Millie é o apelido que eu uso para a minha tia, a sra. Milan — menti.

— Ah! Certo, que divertido. Vou chamá-la. — Sua voz empolgada irritou meus nervos cansados. Se eu pudesse, arrancaria aquele passarinho cantante da sua garganta e deixaria o coitado livre. — A sra. Milan vai falar com você — ela disse quando voltou à linha.

Tive vontade de dizer: “Dã, sou da família”, mas, em vez disso, engoli a ironia.

— Obrigada, Stephanie.

— Disponha! — Ela riu e a linha tocou antes que a voz sensual da minha tia atendesse.

— Mia, boneca, como está a minha sobrinha e acompanhante favorita?

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Agora eu sou sua acompanhante favorita?

— Sim, querida, claro que é. Estamos ganhando um bom dinheiro com seus compromissos mensais. Me fez desejar que tivéssemos feito um planejamento quinzenal e cobrado setenta e cinco a cada período.

Eu era capaz de apostar que meus olhos saltaram das órbitas, como aquelas bolas antiestresse malucas. Bastava apertar o corpo delas e os olhos espirravam para fora.

— Sério?

— Sim. Você não só está reservada para o resto do ano como agora tenho uma lista de espera de seis cavalheiros que gostariam de contratá-la em qualquer um dos meses, se tivermos um cancelamento.

Demorou alguns momentos para que meu cérebro se recuperasse do choque pelo que ela havia dito.

— Que loucura. Não posso imaginar alguém querendo a minha companhia por cem mil dólares, muito menos uma lista de espera de seis homens. Insano.

— Ãhã. Só prova que uma boa companhia é difícil de encontrar. Especialmente com habilidades, não só para ajudar nos negócios, mas que sabe o seu lugar e ainda por cima é linda. Como a capital da nação está te tratando?

Eu me sentei ao lado das roupas que havia separado e toquei em algumas. Eram realmente extraordinárias, feitas de tecidos da melhor qualidade, e serviam em mim perfeitamente. Cada peça me fazia sentir uma confiança que eu não tinha quando usava calça de ginástica e camiseta. Realmente faz sentido o que dizem sobre se vestir para o trabalho que você quer e não para o trabalho que você tem.

— Bem. Warren está feliz, eu acho.

— Ah, ele está. Muito. Seu pagamento chegou com uma semana de antecedência, além do extra de vinte e cinco mil. Há algo que eu deva saber?

— Que porcaria é essa? — Aquilo me deixou perplexa. Não havia motivo para que ele me desse um extra de vinte e cinco mil. — Nós não dormimos juntos. Não faço ideia de por que ele pagou o extra. Talvez tenha sido um erro.

Vários ruídos podiam ser ouvidos ao fundo, enquanto eu segurava o celular com tanta força que minha mão chegou a doer, no ponto em que o aparelho afundava na palma.

— Não. Ah, estou vendo aqui. É um bônus.

— Um bônus? Não entendo.

— As letras miúdas dizem que, se o cliente estiver excepcionalmente satisfeito e quiser enviar verbas adicionais por meio de um bônus por serviços prestados, ele pode. — Ela riu. — Geralmente é assim que nós rastreamos o dinheiro que você recebe quando tem relações com eles, mas ele afirma claramente no e-mail que o adicional deve ser pago por causa de algum negócio que você garantiu sozinha.

— Os Benoit — sussurrei.

— Quem são esses, querida?

— Ah, eu... hum, conversei com uma das esposas. Ela fez o marido concordar com o uso de algo que o meu cliente precisava muito para que o projeto fosse bem-sucedido. Eu não sabia que era tão importante a ponto de ele me pagar um bônus de vinte e cinco mil dólares.

Eu soube imediatamente para onde boa parte daquele dinheiro iria: para o casamento da minha irmã com o homem dos seus sonhos. Eu guardaria pelo menos dez ou quinze mil e me certificaria de que ela tivesse o casamento que sempre sonhou, pago pela família dela, não pela dele. Os Rains eram pessoas incríveis, e, obviamente, eu adorava a ideia de minha irmã ter uma família tão legal, mas ela era *minha* irmã. Minha responsabilidade, até que tivesse a aliança no dedo esquerdo. Eu mal podia esperar para contar a ela!

— Enfim, boneca, você vai se divertir muito com o próximo cliente.

Cruzei os dedos.

— Por favor, me diga que ele é um gato e que vou para um lugar quente.

— Ah, querida, só uma foto fará justiça. Estou enviando agora no seu e-mail. — Ouvi o som das unhas batendo nas teclas novamente. — O nome dele é Anton Santiago, mas escute só... ele é conhecido como Latin Lov-ah. — Ela riu e deve ter tentado cobrir a boca, pois o barulho soou abafado.

— Latin Lov-ah? Amante latino? Por que raios ele é conhecido por esse nome?

— Você viu a foto?

Olhando para a tela, cliquei no viva-voz.

— Certo, você está no viva-voz. Vou verificar o e-mail. — Cliquei em alguns botões, abri minha conta do Gmail e cliquei na mensagem. Uma foto preencheu a tela. Quando dizem que uma imagem vale mais que mil palavras, com certeza é a mais pura verdade. — Ah, um latino delicioso. Esse é o meu cliente? Ele não é...

— Um famoso cantor de hip-hop, sim — ela disse sem rodeios, mas eu mal registrei aquilo. Estava muito ocupada lambendo mentalmente a tela do celular.

A foto era de um homem esbelto usando jeans preto de cintura baixa, que mostrava a roupa de baixo vermelha, com as iniciais M&S escritas. Agora eu sabia que era Mark & Spencer, uma grife famosa do Reino Unido. Hector, meu melhor amigo homem — como ele sempre dizia —, me ensinou o suficiente a respeito de designers para que eu me virasse. A bela peça de algodão abraçava a cintura definida de Anton de um jeito sedutor. Meus olhos viajaram até o abdome muito bem marcado, brilhando de suor, e depois pelos contornos que ostentavam peitorais definidos. O pescoço exibia músculos conforme ele se inclinava no que parecia ser uma barra de flexão. Seus pulsos estavam envoltos em faixas brancas, daquelas que os boxeadores usam para protegê-los.

Tudo aquilo era absolutamente delicioso, mas nada me preparou para o rosto. Anjos poderiam chorar por um cara daqueles. Pele da cor de café com leite, cabelo preto selvagem e olhos castanho-claros me encaravam. A cor era uma mistura de verde e marrom, clara o suficiente para se destacar contra a pele escura, tanto quanto os meus. E eu não estava sendo convencida. Eu ouvia que meus olhos eram incríveis desde que nasci. Se eu sáísse todos os dias, ouviria diariamente estranhos dizerem como eles eram surpreendentes, ou bonitos, ou impressionantes, por causa do tom verde-claro. Esse cara, meu próximo cliente, o sr. Latin Lov-ah, tinha olhos deslumbrantes.

Observei a foto como um todo. Um colar de ouro volumoso estava pendurado em seu pescoço, com um pendente de coração enorme, cheio de diamantes cobrindo a superfície. Em qualquer outra pessoa, pareceria exagerado ou brega. Nele, acrescentava personalidade e se encaixava no personagem do amante latino que ele

dizia ser. Lábios carnudos como os de um querubim exibiam um sorriso sexy, e eu soube, apenas por aquela foto, que pretendia me aproveitar um pouco daquilo.

— Caramba... — falei, com meu melhor sotaque latino.

Millie gargalhou.

— Achei que você gostaria. Estou perdoada pelo coroa bonitão? — ela perguntou, se referindo a Warren.

— Ah, sim. Com essa você se salvou.

— Que bom. Vou enviar os detalhes e fazer os arranjos. Você vai para Miami para este trabalho. — *Miami?* Segurei o grito de comemoração. — Mais alguma coisa? — Millie perguntou.

— Ah, sim, mais uma. Por que ele está me contratando? — A linha ficou muito silenciosa. Deitei de costas na cama. — Tia...

— Ele quer que você seja o destaque do novo vídeo. Algo a ver com o single que ele vai lançar ainda este ano.

— Um vídeo? Um videoclipe? Eu vou ter que dançar e atuar? — A parte de atuar não era tão ruim. Pelo menos era mais próximo do que eu tinha planejado para a minha vida inicialmente.

— Sim, querida. Você vai fazer o que eles quiserem. Não sei, seja sensual, finja amar o sr. Latin Lov-ah, dance, você sabe, o que quer que a moçada goste de ver hoje em dia.

Um barulho parecido com o de um gato moribundo escapou dos meus pulmões.

— Tia, eu não sei dançar.

Ela fez um estalo com a boca.

— Bem, acho que eles vão lhe ensinar, não é? Ele quer você. Viu suas fotos na exposição *Amor a óleo* e parece que comprou uma das obras. Quando viu a campanha de moda praia no Havaí e as fotos com Weston Channing e Mason Murphy nas revistas de fofocas, disse que você era o chamariz ideal para o clipe. Seja lá o que isso signifique.

Balancei a cabeça e respirei fundo, expandindo minhas bochechas com o esforço.

— Certo, vamos ver o que acontece. Apesar de tudo, Miami deve ser divertida.

— Fico feliz que você pense assim, boneca. Preciso ir. Tenho um cliente me esperando.

— Tá. Ah, só mais uma coisa: a Maddy está noiva.

— O quê? Acabei de mandar para ela um mimo pelo aniversário de vinte anos. Um vale-presente da Starbucks que vai lhe garantir café por um ano. Como assim, ela está noiva? — Seu tom de voz era hostil e eu pude entender por quê. Tia Millie não acreditava em casamentos. Droga, nem eu tinha certeza se acreditava depois do que meus pais e tia Millie passaram.

— Ela está apaixonada pelo cara. Estão morando juntos. Conheci ele e a família.

São pessoas muito legais... hum, bem normais. Como uma família perfeita da TV.

— Esses geralmente são os mais fodidos — ela xingou de uma forma que não costumava fazer.

— Eu sei, mas eu tive uma sensação muito boa. Além disso, eles vão terminar a faculdade primeiro. Só vão se casar daqui a alguns anos.

Millie bufou alto, parecendo muito aborrecida com a notícia.

— A menos que ela engravide antes. Aí o sonho de ser cientista e todo o trabalho que você teve para pagar os estudos dela terão sido em vão. *Puf*. Vão desaparecer num piscar de olhos, substituídos por uma coisinha que só chora, mama, faz cocô e te segura pelo resto da vida.

— Uau. É assim mesmo que você se sente? — falei, tentando suavizar o peso daquela conversa.

— Acho que ela é muito nova para se comprometer com um universitário imbecil com os hormônios em ebulição.

Apertei os lábios e pensei na melhor maneira de abordar a questão.

— Vou garantir que ela cuide do fator gravidez e que nenhum imprevisto aconteça. Mas eles vão mesmo esperar alguns anos. Estão morando juntos, o que na verdade me deixou mais tranquila.

— Se o problema for dinheiro, eu mando a quantia necessária para que ela se mantenha durante o ano.

— O problema não é dinheiro, tia. Ela está apaixonada e se sente segura com ele. Ela fica sozinha na casa do pops e o bairro não é lá muito bom. A Ginelle passa por lá, mas, como você mesma disse, ela é jovem e, é claro, linda e ingênua. Não quero que se machuque. Se brincar de casinha com o noivo vai manter a Maddy segura, eu sou a favor.

Tia Millie inalou de forma audível, a respiração soando mais irregular que antes.

— Tudo bem. Eu só me preocupo com ela.

— Eu também, mas está tudo certo. Vou te mantendo informada.

— Por favor, faça isso.

— Te amo, tia Millie.

— Também te amo, minha querida. — E a linha ficou muda.

Putá merda. Eu não tinha previsto que a ligação se tornaria tão desconfortável. Claro, o destaque foi o sexy Latin Lov-ah. Fiz uma nota mental para baixar algumas de suas músicas no iPod, para ouvir no avião e conhecer melhor seu trabalho, antes de me tornar a personagem principal de seu próximo clipe. O único problema era que esta garota branca aqui não sabia dançar. Eu nem sabia o que as pessoas queriam dizer quando falavam de passos de dança. Uma música que ouvi dizia algo como: “Ela vai até o chão... a única coisa que você quer ver é... ela descendo até o chão, chão, chão, chão”. Por que era considerado sexy descer até o chão? Será que a

mulher se sentava ou ajoelhava? Acho que ficar ajoelhada até poderia ser sexy, se a garota fingisse que estava fazendo um boquete, mas eu não podia imaginar que fosse um movimento de dança popular.

Ah, bem... Talvez eu desse uma olhada em alguns dos seus vídeos no YouTube para poder descer até o chão sem me envergonhar.



Quando minhas coisas já estavam em cima da cama, caminhei pela casa enorme em busca de Kathleen ou Warren. Encontrei-o primeiro, em seu escritório. Bati de leve na porta, sem querer parecer intrometida demais.

— Entre — seu resmungo soou pela porta de madeira grossa.

Entrei e ele olhou para cima, parando de escrever.

— Está pronta para a viagem de hoje à noite?

— Sim. Ei, eu tenho uma pergunta, se você não se importar.

Suas sobrancelhas grossas se ergueram. Ele fez um gesto para que eu me sentasse na cadeira em frente à sua.

— A Kathleen vai viajar conosco?

Ele balançou a cabeça.

— Não, por quê?

Desta vez foram minhas sobrancelhas que se arquearam.

— Só acho estranho você não levar a sua namorada junto.

Ele largou a caneta e juntou as mãos, apoiando o queixo na ponta dos dedos.

— Francamente, nunca me dei conta de que ela gostaria de ir.

— Quando foi a última vez que ela tirou férias?

O olhar de Warren se afastou para a janela enquanto pensava no assunto.

— Não me lembro.

— E quando foi a última vez que você a levou para jantar?

Voltou a me olhar.

— Jantar? Ela faz o jantar para mim. Faz parte do trabalho dela. Por que eu a levaria para comer?

Fechei os olhos, exalei lentamente e contei até dez.

— Warren, o que eu vou dizer vai ser duro, mas é para o seu bem, e acho que você pode lidar com isso. — Quando estreitou os olhos, uma linha apareceu no alto do nariz. Ele estava claramente angustiado. — Você não está tratando a Kathleen bem.

Sua expressão chocada me surpreendeu. Aquilo não poderia ser novidade para ele.

— Desculpe, mas não concordo. A Kathleen é quem cuida da casa, dorme ao meu lado todas as noites, compra as melhores flores, comida...

— Isso é tudo para você! — Meu tom foi brusco, e ele abriu e fechou a boca. — Desculpe. — Eu me inclinei para a frente e coloquei a mão sobre a dele. — Warren, você a mantém trancada nesta casa, como parte da sua equipe, não como sua namorada. Você não sai com ela nem compra flores. — Ele abriu a boca para falar, mas eu o interrompi: — Você a deixa comprar flores para a casa. Não é o mesmo que um homem que se importa com você te trazer um buquê de flores escolhido ou encomendado por conta própria.

Ele se recostou na cadeira.

— Continue. Obviamente você tem mais a dizer. Fale.

Umedeci os lábios.

— Ela te ama. Faria qualquer coisa por você, mas você a mantém aqui como se ela fosse um segredo que te causa vergonha.

Seu rosto ficou vermelho.

— Ela disse isso?

— Não com todas as letras, mas foi o que eu percebi. Você fica em casa com ela todos os dias, deixa que ela sirva suas refeições, não come com ela e espera que ela se deite com você todas as noites e fique bem com isso?

— Eu... eu... hum, acho que você me pegou, minha querida. Nem tenho certeza de como responder a isso. — Ele passou a mão pelos cabelos grisalhos.

— É que eu vejo a maneira como você olha para ela. Você está apaixonado, certo?

Sem hesitar, ele respondeu:

— Claro, eu amo a Kathleen. Há anos. Nunca seria infiel a ela.

— Então por que está desfilando comigo por aí, como se eu fosse seu casinho, quando tem uma bela mulher que gostaria de se arrumar e estar ao seu lado, te dando apoio? Além disso, leve-a para sair. Compre um presente. Dê a ela algumas flores, mesmo que sejam do jardim. — Apontei para a paisagem verde além da janela. — Conte para o seu filho sobre ela. Pare de mantê-la escondida. Ela não quer nada além de estar com você, mas estar com você no que *realmente* importa.

Warren assentiu e olhou pela janela. Obviamente, agora sua cabeça estava em outra coisa. Eu só podia esperar que ele considerasse o que eu havia dito e fizesse algo a respeito. Fé era tudo o que eu tinha, e eu acreditava que ele tomaria a decisão certa.

Levantei e me virei para sair.

— Mia? — Os pelos em minha nuca se arrepiaram, e eu esperava que ele não estivesse prestes a torcer meu pescoço por ser incrivelmente intrusiva a respeito de sua vida amorosa.

Eu me virei para enfrentá-lo. Um sorriso suave apareceu em seu rosto bonito.

— Obrigado por ser corajosa o suficiente para colocar um velho homem em seu

devido lugar.

Aquilo lhe rendeu um enorme sorriso.

— Sem problemas.

— Quando encontrar a Kathleen, peça para ela vir aqui.

— Tenho certeza de que ela não terá nenhum problema com isso. — Pisquei e saí do escritório para encontrar sua namorada. As coisas estavam prestes a mudar na casa dos Shipley. Definitivamente, para melhor.



Nova York era tudo o que sempre sonhei e muito mais. A cidade estava cheia de pessoas, luzes, arranha-céus, e a melhor parte... diversidade. Todas as nacionalidades, cores, credos e etnias eram representados em um caldeirão gigante de pessoas. Adorei. Cada segundo de barulho, atrito, corpos pressionados e se empurrando, se movimentando como ratos em um labirinto, tentando chegar ao outro lado do que quer que fosse, era uma experiência nova para mim. Uma parte da minha vida que eu nunca esqueceria, mesmo que tentasse. Havia muita vida para ver e viver naquele lugar vibrante.

— Mia, querida, você vem? — Kathleen perguntou, mantendo aberta a porta de um verdadeiro hotel dos sonhos. O Four Seasons era conhecido pelo preço, que só celebridades e membros do One Percent podiam pagar. Olhando para aquela cidade incrível, eu me apaixonei. Não importava que eu estivesse com um cliente, trabalhando como acompanhante e sendo julgada por aquele grupo como uma prostituta interesseira. Não mesmo. Naquele momento, só conseguia me sentir abençoada por ter a oportunidade de experimentar algo que jamais conseguiria de outra forma.

— Sim — sussurrei, os olhos ainda fixos no espetáculo de prédios que chegavam ao céu, com topos planos e pontudos. A arquitetura única e esculpida conferia a cada construção uma atmosfera complexa, tornando-as únicas naquela longa linha estrutural.

Uma mão se fechou ao redor do meu braço e me puxou.

— Vamos, garota da cidade. A vista da nossa suíte no quinquagésimo andar vai fazer você pirar.

Meus olhos se arregalaram.

— Vamos ficar no quinquagésimo andar?

Ela riu.

— Sim.

— Quantos andares são? — perguntei, dobrando o pescoço para ver o topo do edifício. Não era o mais largo. Mostrava apenas quatro janelas na fachada, mas era charmoso. Definitivamente, o arquiteto passou algum tempo trabalhando no projeto para que parecesse especial. Suas linhas não eram acentuadas. Tinham cantos arredondados, preenchidos de maneira progressiva, da base até o alto.

— Cinquenta e dois. Warren não ficou feliz por não termos conseguido a cobertura, então não mencione isso. — Como se o pensamento fosse surgir na minha mente. — Alguns dos outros homens que vão estar no evento reservaram os dois andares superiores para festas — ela continuou a explicar enquanto me puxava pelo lobby opulento.

Meus saltos batiam ruidosamente no chão de mármore escuro que formava um padrão do tipo teia de aranha, com largas linhas de argamassa branca. Fiquei me perguntando se aquilo não ficava sujo, especialmente em uma cidade onde as pessoas iam e vinham e o clima podia ser imprevisível. Colunas de pedras brancas eram vistas no espaço conforme o mensageiro nos levava até o elevador. Warren já tinha cuidado do check-in e esperava por nós.

Dentro da suíte, fiquei estupefata. Eu nunca tinha visto um quarto tão bonito.

— As acomodações são do seu agrado, srta. Saunders? — Warren perguntou, a diversão evidente em seu tom.

Não havia palavras. O choque ultrapassou minha capacidade de falar. Em vez de responder, só assenti e olhei ao redor. Branco, creme e dourado eram as cores predominantes, dando ao espaço um ar refinado, mas ainda assim reconfortante. Como se uma pessoa pudesse se sentar ali e ficar por algum tempo... talvez para sempre. Janelas cercavam a maior parte da sala, permitindo uma vista agradável da cidade em toda a sua grandeza.

O quarto era brilhante. Havia um piano preto num canto, como se esperasse alguém disposto a tocar suas teclas. Aquilo me fez desejar ter algum talento para música. Não tinha. Tecnicamente, eu sabia cantar. A maioria dos atores sabia e eu não era exceção, mas eu não tinha um dom ou algo assim. Aquilo praticamente me definia em poucas palavras. Pau para toda obra, medíocre na melhor das hipóteses e sem nenhum talento especial.

Kathleen girava pela sala, murmurando “ahs” e “ohs”, completamente fascinada, agarrando-se ao braço de Warren. Ele finalmente estava assumindo aquela relação. Ela irradiava alegria, que parecia explodir em cada poro seu.

Como aquilo me deixava eu não sabia e realmente não me importava. Contanto que os dois estivessem felizes, seguissem em frente e eu recebesse meu pagamento, as coisas estariam perfeitas. Embora eu fosse questionar qual seria minha posição no evento de caridade do dia seguinte e nos próximos jantares. Eu ainda seria a namorada-troféu? Será que ele levaria Kathleen junto?

Todas essas questões foram imediatamente esquecidas quando entrei no banheiro. Era exuberante. Deslizei o dedo ao longo da penteadeira de mármore branco e me sentei na borda da banheira quadrada. Sim, a banheira era quadrada e tão grande que parecia uma cama. Duas pessoas caberiam tranquilamente lá dentro e poderiam aprontar muito ali. No espelho à minha frente, reparei na garota franzindo o cenho e

me olhando fixamente. Não haveria esportes aquáticos para ela naquela banheira magnífica. Suspirando, olhei pela janela, que ia do chão ao teto... *no banheiro*. Eu me perguntei se o vidro só permitia que se visse de dentro para fora. Alguém com uma lente teleobjetiva se divertiria muito com celebridades nuas caso pudesse enxergar algo de fora.

De pé, percebi como estava cansada. Não só da viagem. Cansada de não saber o que eu estava fazendo. Cansada de estar com estranhos, mesmo que eles fossem gentis, extremamente generosos, e a maioria fossem caras gostosos como calda quente de chocolate caindo sobre uma bola de sorvete de baunilha.

Então, como concreto endurecendo na calçada, a realidade me atingiu com força. Minha vida não era de fato minha. Maddy estava morando com um homem que eu tinha visto apenas uma vez. Uma vez! Nem pops permitiria aquilo. E pops... Eu tinha deixado meu pai em coma numa casa de repouso. O que havia de errado comigo? Tudo bem, este ano inteiro era sua culpa, e eu deveria estar chateada com ele. Eu conhecia meu pai. Ele jamais iria querer isso para mim. Bagunçando a minha vida e a da Maddy para quê? Para pagar um idiota com quem transei e achei que amava? Não. Ele deixaria que Blaine o matasse para me proteger de uma vida como aquela. A vida de uma acompanhante.

Balancei a cabeça e me arrastei para o quarto que Warren indicou ser o meu. Deitar a cabeça no travesseiro me fez lembrar de outro momento em que eu havia feito exatamente a mesma coisa, em um quarto a mais de quatro mil quilômetros de distância. Aquele quarto era de um homem que eu não tinha certeza de que poderia realmente me amar, e que eu achava que me deixaria. Ele me machucaria como os outros, destruindo para sempre a última partícula de fé que eu tinha no sexo oposto. Para ser sincera, acho que eu tinha mais medo de que ele não pudesse se comparar ao homem das minhas fantasias mais secretas, um homem que podia ser tudo em um só. Dedicado, amoroso e devotado. Aquele com quem sempre sonhei e que passei a adolescência e o início da juventude procurando, falhando miseravelmente. Agora eu não sabia o que significávamos um para o outro, além de amigos coloridos. Eu sabia que faria o máximo para evitar descobrir. Pelo menos até que o ano acabasse.

O objetivo estava definido e à vista. Blaine estava sendo pago mensalmente, o dinheiro da dívida indo direto para sua conta bancária, o que deixava meu pai, Maddy e a mim seguros. Por ora.



Se um grupo terrorista quisesse destruir a economia dos Estados Unidos, tudo o que precisaria fazer seria mirar em Bryant Park naquela noite. As principais instituições de caridade estavam presentes. Todas tinham estandes no perímetro de cascalho ao redor da área gramada. Fios de luzinhas foram estendidos no alto. Mesas redondas

de bar com toalhas prateadas e lanternas decorativas estavam dispostas a cada três ou quatro metros. Havia homens de todas as empresas importantes que se podiam imaginar. Eu tinha certeza de que vira Trump e Gates perambulando com celebridades, além de uma horda de funcionários do governo. Famosas estrelas de cinema brilhavam, e eu tive de me segurar para não bancar a tiete. Era um verdadeiro banquete de gente rica, *muito* rica.

Enquanto eu observava as luzes, as pessoas e a música, que flutuava pelos alto-falantes escondidos, alguém me pegou no colo, me girou e me espremeu num aperto. O cheiro de colônia misturada a uma pitada familiar de suor masculino atingiu meus sentidos e eu sorri.

— Me solta, grandão! — Chutei e gritei quando meu corpo deslizou ao longo de um peito muito firme e musculoso que eu conhecia bem, mas não intimamente. Suas mãos seguraram meu rosto e os olhos verde-esmeralda que eu adorava brilharam.

O cabelo acobreado refletia as luzes, e eu passei as mãos do seu pescoço até os ombros.

— Sentiu minha falta, gata? — Ele beijou minha testa, como um irmão faz com uma irmã que não vê há muito tempo.

— Mace. — Sorri e o puxei para meus braços, segurando-o com firmeza. Ele era algo familiar num mar de estranhos. Abracei-o apertado, sem planos de soltá-lo.

Mason agarrou minhas mãos com firmeza e me afastou. Os olhos dele, focados em meu rosto, se estreitaram.

— Você parece cansada.

Bufei, suspirando. Incrível que um homem com quem eu tinha passado um mês, e que havia se tornado um dos meus melhores amigos, percebesse aquilo antes de qualquer um.

Eles não conhecem você, uma voz baixinha em minha mente provocou.

— Isso é um jeito educado de dizer que eu estou uma porcaria? — Fiz beicinho.

Os olhos de Mason observaram meu corpo e se detiveram no vestido dourado que abraçava cada curva — e eu quero dizer *todas* elas. Era tão justo que eu não podia usar nada por baixo. Um olhar não muito fraternal cruzou seu rosto.

— Eu não me referia ao vestido, gata. O seu corpo ainda é cem por cento comível.

Empurrei seu peito e fiz barulhos de engasgo.

— Cadê a Rachel? — perguntei e fui saudada por sua silhueta de modelo enquanto caminhava em nossa direção. Mason a observou vindo do bar, segurando duas taças de champanhe. Ela estava usando um vestido branco incrível, muito chique.

— Nunca longe de mim, posso te dizer agora mesmo. — O sotaque de Boston se acentuou quando ele lambeu os lábios e aquele sorriso sexy se transformou em um

aberto, feliz.

— Você é um homem de sorte.

Ele piscou e bateu no meu ombro.

— E eu não sei?

Quando Rachel chegou mais perto, seu rosto se iluminou. O cabelo loiro brilhava sob as luzes, e as bochechas coraram lindamente. Ela entregou as taças a Mason e me puxou para um abraço.

— Mia, meu Deus. O que você está fazendo aqui?

Eu me inclinei para trás e segurei seus braços.

— Eu? O que vocês estão fazendo aqui?

Mason deu de ombros.

— O lance da imagem. É o maior evento de caridade do ano. — Ele passou o braço sobre o ombro de Rachel. — Minha relações-públicas acha que participar desse tipo de coisa só vai solidificar o que eu tenho construído com os meus patrocinadores.

Rachel me entregou uma das taças, que ela provavelmente tinha pegado para Mason, mas ele não pareceu se importar. Estava todo sorridente, olhando para nós duas.

— Ela está certa. — Peguei a taça e bebi. — Obrigada.

Conversamos por um tempo. Eu não fazia ideia de onde Warren e Kathleen estavam. Ele provavelmente estava apresentando sua verdadeira namorada para todos. Eu estava ali principalmente porque não queríamos que Warren ficasse numa posição ruim. Minha presença garantiria que ele não parecesse um canalha, saindo com várias mulheres, o que poderia irritar os Benoit. Acho que isso me fazia parecer dispensável, mas, na realidade, todas as vadias interesseiras ali eram, e isso não era novidade para os homens que eu tinha conhecido anteriormente, exceto o coroa de sessenta e seis anos, sr. Benoit, e a esposa de vinte e cinco, grávida.

Pensar nela a fez aparecer. Christine Benoit acenava para mim do outro lado do gramado.

— Gente, podemos nos encontrar para conversar mais daqui a uma hora? Preciso interagir para o meu cliente.

Rachel me abraçou mais uma vez.

— Mia, eu não tive a chance de lhe agradecer. Nem de dizer quanto o que você fez significou para mim e para o Mace. Nós... bem, nós te amamos como parte da família, tá?

Nós te amamos como parte da família.

Mason me puxou para um abraço enquanto Rachel secava o canto dos olhos com os mindinhos.

— Ela está certa, sabia? — ele sussurrou em meu ouvido. — Nós te amamos

como se você fosse da família. Sempre que quiser dar uma escapada, venha nos visitar. Sempre vai ter uma passagem no seu nome. Tá bom? — Ele se afastou e se inclinou para que nossos olhos se encontrassem. Assenti, emocionada. — Estou falando sério. Mande uma mensagem dizendo que quer vir para Boston e eu vou garantir que a passagem esteja te esperando. Entendeu?

Abri um grande sorriso e beijei sua bochecha.

— Entendi, irmão. — Pisquei e recuei. Ele colocou o braço ao redor da cintura de Rachel, mantendo-a perto. Era uma bela imagem. Tão linda que peguei o celular da bolsa e tirei uma foto para guardar. Um dia, quando tivesse meu canto, mandaria imprimir e colocaria na parede ou num porta-retratos. Uma foto para guardar o momento em que aquelas pessoas me disseram que eu fazia parte da família e que era amada.

Virando-me, acenei.

— Vejo vocês mais tarde, tudo bem?

Ambos acenaram, e eu caminhei pelo gramado até Christine.

Enquanto eu evitava os homens de smoking e as mulheres usando peças da última moda em alta-costura, pensei no que havia sido dito. Eles me amavam e eu era parte da família. Duas pessoas que conheci durante um mês me consideravam parte deles. Como família. Logicamente, não a família em que eu havia nascido. Isso seria impossível. Era a família por opção.

Amigos são a família que você escolhe.

Como Tai, Tony e Hector — todos eles tinham, de alguma forma, se referido a mim como família. Wes e Alec eram totalmente diferentes quando se tratava de nossa conexão. Com os outros caras, a amizade amenizava o desgaste e a preocupação a respeito desta jornada de um ano. O que importava era que eu estava levando aquelas pessoas no coração e na alma. Homens e mulheres que ficariam comigo... que eu gostaria de acrescentar ao que era agora a *minha família*. Eles eram parte da razão desta jornada, tanto quanto a dívida que eu precisava pagar — se não mais. Antes, éramos eu, pops, Maddy e Ginelle. Tia Millie, é claro, estava lá também. Mas essas pessoas eram aquelas para quem eu ligava agora. Para quem eu contava histórias engraçadas ao telefone. Para quem eu enviava e-mails. Em quem eu pensava quando estava em algum lugar ou via algo diferente. Como se faz com pessoas do mesmo sangue, só que melhor, pois elas tinham *me escolhido*.

Com um senso de paz renovado, fui até Christine. A pequena ninfomaníaca grávida era toda sorrisos e cabelo selvagem. Seu vestido acentuava a pequena barriga, onde ela repousava a mão. Puxei seu braço e a virei de lado.

— Caramba. Já dá pra ver sua barriga! — falei e ela anuiu vigorosamente.

Animada, suas palavras vieram rápidas.

— Eu sei! Não é incrível? Aumentou há alguns dias, e de repente já dá para ver a

prova do meu amor e do Franny. Vamos descobrir o sexo na semana que vem!

Por falar em Francis Benoit, ele surgiu de trás da esposa e colocou a mão sobre o ventre dela.

— Como está o meu bem e o nosso pequeno?

Os olhos de Christine se iluminaram como uma centena de velas em um bolo de aniversário. Ficou claro em sua linguagem corporal quanto ela realmente amava o marido, abraçando-o apertado, acariciando a mão dele sobre sua barriga. Era curioso, não convencional e, definitivamente, estranho ver alguém quarenta anos mais velho pendurado no pescoço dela, mas quem era eu para julgar? Tudo bem, talvez eu estivesse julgando um pouco. Em minha defesa, qualquer um em sã consciência faria o mesmo.

— Eu estava acabando de contar para a Mia que nós vamos descobrir o sexo do bebê. — Ele assentiu e beijou sua testa. — Além disso, Mia, da nossa parte está tudo certo para o projeto.

Meus olhos se arregalaram.

— Já?

— Sim, o Franny e eu sabemos como essa causa é importante. Trabalhamos até tarde na semana passada e pagamos hora extra para alguns funcionários, então, da nossa parte, está tudo certo. Quando o produto e as pessoas chegarem, vamos programar a data de envio para o Reino Unido.

— Não acredito que vocês já fizeram tudo isso. O Warren sabe?

— Acabei de contar para ele. Ele estava te procurando, aliás. Está tudo bem entre vocês? — Francis perguntou, estranhamente intrusivo para um homem como ele.

— Perfeitamente bem. Obrigada por perguntar.

Dei parabéns novamente pelo bebê e examinei a área, à procura de Warren. Em vez de encontrá-lo, meu olhar pousou numa perfeição de smoking. Os olhos do senador Aaron Shipley estavam em mim. Por um momento, apreciei o elogio óbvio quando ele desviou de outros convidados, chegando cada vez mais perto. Um copo cheio de um líquido âmbar o acompanhava. Quando estava me alcançando, ele levou o copo aos lábios e bebeu todo o conteúdo. Seus olhos estavam vidrados e frios; todos os vestígios do homem sexy que conheci no início do mês haviam desaparecido. No lugar, estava o predador que tinha me tocado enquanto eu dormia.

Merda.

— Linda, linda Mia. Parece que o seu namorado escolheu preencher o cartão de dança de outra. — Seus lábios franziram quando ele se aproximou e tocou meu quadril, apertando-o com os dedos.

Tentei empurrá-lo, mas ele prendeu um braço ao redor da minha cintura. Fazer uma cena arrancando suas mãos de mim não era uma opção. Ele era o senador da Califórnia e eu não era ninguém, apenas um rosto sem nome que esteve ligado ao pai

dele nas últimas semanas.

— Pode me soltar? — Pressionei seu peito, tentando me afastar. Sem chance. Ele me segurou mais firme.

— Pare, Mia. Acabei de receber a notícia de que o meu pai está comendo a minha babá desde que a minha mãe morreu. Merda, talvez até antes disso. Não estou com humor para as suas brincadeiras.

— Isso não é verdade. O relacionamento deles foi construído ao longo de décadas. Converse com ele, Aaron. Deixe-o contar como aconteceu.

Seus lábios se apertaram numa linha branca. Ele estava caminhando comigo por entre a multidão, seu aperto machucando a pele macia do meu quadril. Olhei por cima do ombro e meus olhos encontraram os de Rachel ao longe. Ela parecia preocupada e colocou a mão no ombro de Mason enquanto eu seguia em frente. Infelizmente, ele estava ocupado conversando com um grupo de homens que pareciam ser seus fãs. Conversar com o arremessador do Red Sox era uma grande coisa, mesmo se você fosse alguém pobre de rico e influente. Sem mencionar o fato de que poderia abrir as portas de novos negócios de publicidade e patrocínio para Mace.

Antes que eu percebesse, estávamos atravessando o gramado, passando pelas barracas dos fornecedores do evento e subindo os degraus de pedra. Ele me levou por entre as colunas da Biblioteca de Nova York. O local estava fechado e escuro. Várias áreas tinham cantos sombrios, que era para onde Aaron estava me guiando.

Finalmente meu cérebro cheio de champanhe percebeu que não estávamos indo dar uma volta. Ele estava me levando para algum lugar com a intenção de pôr em prática algum plano. Virei e consegui me soltar do seu aperto.

— O que é isso, Aaron? — Abri as mãos e olhei em volta. Não havia absolutamente ninguém à vista. Estávamos afastados, pelo menos uns cinquenta metros ou mais, e eu me amaldiçoei por permitir que ele me levasse para tão longe da festa e de testemunhas.

— Você acha que é especial, não é? — As palavras saíram com veneno mal contido.

Balancei a cabeça e tentei parecer calma.

— Nem um pouco. Na verdade, é o contrário — admiti.

Ele fez uma careta e avançou até eu estender as mãos na frente do corpo. Ele continuou avançando e eu acabei pressionada contra a parede de concreto de uma área escura. Mais alguns passos e seu peito estaria encostado no meu. Pensei na melhor maneira de lidar com aquilo, mas o champanhe estava retardando meus reflexos.

— Aaron, você não quer fazer isso.

Seu nariz deslizou pela minha testa, provocando arrepios de medo em minha

coluna e nos cabelos da nuca.

— Claro que quero. — Empurrei seu peito, sem sucesso. Ele não era um cara pequeno, e aquilo impedia uma fuga. — Tentando escapar, putinha? — ele disse, enrolando as palavras.

— Eu não sou uma puta, Aaron. Você sabe disso.

Ele mordeu o ponto em que o ombro e o pescoço se encontram.

— Eu sei que o meu pai te contratou para ser a piranha dele na frente dos amigos ricos. Eu sei que você trabalha para uma agência de acompanhantes e é paga por mês. Está na hora de fazer o dinheiro do meu pai valer a pena — ele falou, parecendo um louco.

Foi quando comecei a lutar, mas não tive muito sucesso. Dei um soco em sua boca, cortando seu lábio, antes que ele segurasse meus braços com uma mão e apalpassem meu corpo com a outra. Ele me esmagou contra a parede com tanta força que pude sentir a pele das costas arranhando e sendo machucada conforme ele se esfregava em mim.

Comecei a gritar, mas ele colou a boca na minha. Tudo o que se podia ouvir era uma pessoa gritando como se estivesse embaixo d'água. Então, o som da sua calça sendo aberta e o barulho do zíper descendo, como minha própria sentença de morte. Gritei mais alto, mas ele mordeu meu lábio e bateu minha cabeça na parede de concreto. As coisas ficaram confusas e eu senti meu vestido deslizar para cima, até a cintura. O ar frio atingiu minha pele nua. Flashes de luz apareceram em minha visão, por causa do golpe na cabeça. Eu podia sentir dedos descendo pela minha barriga, segurando meu sexo com brutalidade. A bile subiu pela minha garganta, e eu quase vomitei.

— Vou te foder com força, te comer como a puta que você é. Seu lixo de merda — ele rugiu, saliva voando em meu rosto. Aaron não era o homem que eu havia imaginado quando cheguei. Não era a mesma pessoa com quem eu gostava de conversar e flertar. Não, este homem era muito parecido com o que me tocou enquanto eu dormia e não senti remorso. Aquele era o primeiro indício de que havia algo muito errado com o jovem senador.

Senti seu membro contra minhas pernas, se esfregando ao longo da minha coxa.

— Não — sussurrei e balancei a cabeça, apenas para receber um sorriso nojento em resposta. Ele colocou a mão sobre a minha boca para abafar o som enquanto eu gritava. Eu o mordi, e ele me xingou e bateu minha cabeça na parede de novo. Desta vez caí contra a superfície, meu corpo quase um peso morto. Eu estava perdendo a consciência e ele iria me tomar. Talvez fosse melhor. Não saber o que estava acontecendo seria melhor do que permanecer acordada, consciente das coisas repugnantes que ele faria comigo. Naquele momento, rezei para a escuridão me levar.



— Está pronta para ser abatida? — foi a última coisa que ouvi, dita com absoluto desdém. Nunca imaginei aquilo do jovem senador que o mundo adorava. Um homem que estava a caminho de se tornar, um dia, presidente dos Estados Unidos.

Esperei que ele me golpeasse. Em vez disso, uma rajada de ar frio cobriu minha pele. Meu corpo estava livre do peso que havia me pressionado contra a parede. Ouvi vagamente o ruído de uma briga, seguido por grunhidos e pés raspando o concreto, em meio ao som das batidas em minha cabeça e no meu coração. Meus joelhos atingiram a calçada quando caí, incapaz de me manter em pé.

— Quem vai te abater sou eu, seu merda! — Mason rugiu.

Olhei para cima, a mente confusa, como se estivesse cheia de abelhas furiosas, e vi Mason em uma espécie de luta livre com Aaron. Em algum momento, Aaron deve ter puxado a calça para cima. Aquela briga não envolvia homens com o peito nu, mas dois jovens muito atraentes usando smoking. Pisquei ao ver Rachel correndo pela multidão, os saltos triturando o cascalho e, em seguida, batendo bem alto nas escadas de pedra.

— Meu Deus! Mason, onde está a Mia? — ela gritou e eu tentei responder, mas minha voz não saía. Golpes muito fortes na cabeça tinham roubado temporariamente minha capacidade de falar.

Mason deu um soco no rosto de Aaron. O sangue espirrou da boca para o asfalto, tingindo-o de vermelho. Revirei os olhos e soube que iria vomitar. Engasguei e ouvi Mason dizer alguma coisa, mas não conseguia entender. Deitei no chão de pedra úmido e frio, pressionando a lateral do rosto e a têmpora, sentindo necessidade de aliviar a dor que tomava cada pedaço do meu corpo. O ácido em meu estômago apertou meu interior com violência e subiu até a garganta. Engasguei, incapaz de me mover ou levantar a cabeça.

— Mia... Ah, não. Meu Deus. — A voz de Rachel penetrou minha desorientação e eu a senti puxar a parte superior do meu corpo para seu colo, quando ela se ajoelhou. — Amor, ela está nua da cintura para baixo e machucada. — Ela ajeitou meu vestido, cobrindo a parte exposta. Seus dedos tocaram de leve os machucados nas costas e o líquido viscoso em minha cabeça. — Ela precisa ir para o hospital! — Rachel gritou com a voz trêmula. Um rugido poderoso e golpes ferozes de carne encontrando osso podiam ser ouvidos ao longe. Pingos grossos caíam em meu rosto.

Um deles deslizou e tocou meu lábio. Senti o gosto salgado e percebi que eram as lágrimas de Rachel. Ela se inclinou e beijou minha testa. — Vai ficar tudo bem. Vamos cuidar de você.

Em algum momento, a escuridão finalmente me levou.



O cheiro pungente de anestésico invadiu meu olfato. Umedeci os lábios secos e não senti nada além de algodão áspero. Depois que meus olhos se abriram, um canudo bateu em minha boca e eu bebi a água com avidez. O corte no lábio inchado — onde Aaron tinha mordido — ardia. Abri os olhos para encontrar Rachel perto de mim. Minha mão estava quente e havia um peso pressionando a lateral do meu corpo. Olhei para os cobertores e encontrei o cabelo acobreado e uma mão grande segurando a minha. As articulações estavam cortadas e manchadas de sangue. Mergulhei os dedos na maciez sedosa que era o cabelo de Mason.

Ele levantou a cabeça devagar. Seus olhos verdes estavam escuros e tristes. Abri o maior sorriso que meus lábios inchados permitiam. Ele segurou minha mão e a beijou.

— Como você está, gata?

Pisquei algumas vezes e fiz uma avaliação mental do meu corpo. Os joelhos estavam machucados, as costas doíam como se estivessem queimando, mas o bumbo martelando na cabeça era o pior.

— Ele...? — parei, incapaz de dizer as palavras.

Rachel acariciou meus cabelos várias vezes, assoprando sua franja, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Mason apertou a mandíbula e balançou a cabeça.

— Não, ele não chegou até o fim. Graças a Deus. Se ele tivesse... — Seu rosto endureceu num olhar maligno que eu jamais tinha visto. Era um misto de rancor e ódio puro. — Eu mesmo o teria matado. Mas saiba que ele está num estado bem ruim. Foi preso por tentativa de estupro. Ele pode dar adeus à maldita carreira.

Fechei os olhos e deixei as lágrimas caírem.

— Meu Deus, eu devia ter feito alguma coisa quando o peguei me acariciando enquanto eu dormia...

— O QUÊ?! — O grito de Mason foi tão alto que o bumbo em minha cabeça decidiu que era hora de aumentar o som e bateu com tanta força que tive de pressionar as mãos nas têmporas. As duas palmas estavam machucadas e doloridas.

— Mace... — Rachel o tocou para silenciá-lo. — A cabeça dela, amor — ela o lembrou. — A pancada foi forte, e ela está com dor. Dá pra ver no rosto dela.

Mason se inclinou e beijou minha testa. Eu tinha de admitir: aquilo era muito bom depois da noite de merda que tive. Eu não conseguia parar de chorar. As lágrimas corriam como um riacho pelo meu rosto e a pele ardia. Ele tentou me confortar,

sussurrando que ia cuidar de mim. Que aquela família cuidava um do outro.

Enquanto Mason me acalmava, ouvi Rachel falando:

— Sim, ela está bem. Teve uma noite difícil. Quem é? Ah, sim, ela estava com você no Havaí. É, um senador a agrediu, mas ela está bem agora. O quê? Você vai o quê? Alô?

— Ah, não. Quem era no telefone? — perguntei para Rachel.

Ela segurou o aparelho e olhou para a tela.

— Aqui diz Samoano Sexy.

Fechei os olhos e gemi.

— Você acabou de contar para o Tai que eu estou no hospital porque um senador me agrediu? — perguntei, a voz apertada como uma calça jeans quarenta no meu corpo quarenta e dois.

— Não era para contar? — Ela sorriu daquele jeito doce característico.

Rachel não fazia ideia da tempestade que tinha acabado de desencadear. Estendi a mão para o celular. Ela me entregou o aparelho, e, enquanto eu tentava ligar para meu samoano valentão, o zumbido aumentou, me fazendo ficar tonta e com vontade de vomitar. Pensando que poderia ligar para o Tai depois, desliguei.

— Nada de atender meu celular. Isso pode dar confusão.

As sobrancelhas dela se estreitaram.

— Por quê?

— Não importa. Eu vou resolver isso. — Fechei os olhos, incapaz de mantê-los abertos por mais tempo.

Por causa da concussão, fui acordada mais quatro vezes durante a noite. Finalmente acordei sozinha, sendo tocada por mãos muito grandes. Uma estava ao redor do meu pescoço, pressionando o polegar para tentar sentir meu pulso, e a outra segurava a minha. Senti seu cheiro antes de vê-lo. A mistura de fogo, madeira e oceano me trouxe uma incrível sensação de paz. Eu nem precisava abrir os olhos para saber o que veria.

— Estou sentindo você, garota. — Seu polegar acariciava o ponto de pulsação em meu pescoço. — Abra os seus belos olhos para mim. — A voz de Tai acalmou todos os meus nervos sobrecarregados. Lágrimas acompanharam o primeiro olhar, depois de três semanas, para o meu samoano sexy. Seus olhos negros estavam ferozes e ardiam de raiva. — Ninguém me disse o nome dele. Quem pôs as mãos em você sem ser convidado? — ele perguntou, com a voz sadicamente tranquila. Não era algo normal em Tai Niko. Quando ele falava, todo mundo ouvia. Ele era um cara grande com um timbre carregado.

Inspirei lentamente e fiz uma careta quando a dor ondulou pelas minhas costas e cabeça. Seu olhar ficou ainda mais escuro. Apertando a mão dele, tentei expressar o que não podia através de palavras. Ele fechou os olhos, se inclinou e me beijou de

leve.

— Ninguém machuca a minha *'aiga*. Minha família. — Ele bateu no peito como um macaco poderoso. Ouvi aquela palavra novamente. *Família*.

— Tai, que horas são? Você pegou um avião logo depois do telefonema?

Ele assentiu e eu abaixei a cabeça, com vergonha. Esses homens maravilhosos cuidando de mim. Era muito para absorver, somado ao inferno que eu tinha enfrentado na noite passada.

— Quero que você venha para o Havaí comigo. A Amy e eu vamos cuidar de você. *Tina* vai ficar feliz em mimar você. — *Tina* era a palavra samoana para mãe.

— Você sabe que eu não posso, Tai. Tenho que trabalhar. — Segurei minhas têmporas e as apertei. — Isso vai ser um escândalo. Merda, o que eu vou fazer? Os Shipley são ricos, e o Warren... Ah, meu Deus. É o filho dele. — Lágrimas caíram em meu rosto e eu cobri os olhos.

— O Warren vai garantir que o filho dele seja punido. — Ouvi a voz potente de Warren Shipley. — Menina... — ele disse, com a voz cheia de emoção, enquanto caminhava para o lado da cama. Kathleen estava logo atrás, embora sua mão tenha coberto a boca enquanto chorava em silêncio. — Sinto muito pelo que o Aaron fez. Nós queríamos ter vindo antes, mas fomos segurados pela polícia e pela loucura da imprensa. Foi tudo culpa minha.

Tentei clarear a voz da emoção que a deixou embargada, mas não funcionou.

— Não, Warren. A culpa é toda dele.

— Eu sabia que ele ficava instável quando bebia. É por isso que ele raramente bebe. O Aaron já teve problemas com a bebida e ficava violento quando estava alcoolizado, mas eu achei que tivéssemos tudo sob controle. Até, é claro, o momento em que contei para ele que a Kathleen e eu estamos juntos. Foi como se alguma coisa se quebrasse dentro dele.

— Definitivamente algo vai quebrar nele — Tai rosnou ao meu lado.

Os olhos de Warren se voltaram para ele e percorreram sua forma. Uma expressão atônita tomou o rosto do sr. Shipley. Aquilo sempre acontecia na presença de Tai. Ele era grande e imponente de uma forma extraordinária, tanto quanto era generoso.

— Seu amigo, eu suponho.

Tai bateu no peito em um movimento viril.

— Família.

Sorri e acariciei sua mão, puxando seu braço e o obrigando a sentar. Ele o fez calmamente, focado exclusivamente em mim, como se as outras pessoas no quarto fossem mosquitos insignificantes e irritantes por sua mera existência. Meu Deus, como eu o amava.

— Bem, nós vamos pagar todas as despesas médicas, oferecer o melhor tratamento possível e qualquer valor em dinheiro que você julgue necessário para a

sua plena recuperação. Como eu odeio tudo isso, Mia. Mais do que você pode imaginar — ele resmungou, franzindo a testa profundamente. As rugas em seu rosto nunca haviam aparecido tanto quanto agora. — Mas preciso pensar na vida das pessoas que eu estou trabalhando para salvar. Se isso vazar, não vai ser só um suicídio político para o meu filho e o meu projeto, mas também um desperdício para todas as pessoas que seriam beneficiadas... — Ele balançou e abaixou a cabeça com vergonha, incapaz de continuar.

— Uau. Eles querem varrer tudo isso para debaixo do tapete. Por causa de um político? — A voz de Tai tremia enquanto ele falava. — Garota, isso não está certo. A justiça deve ser feita... — ele continuou, mas eu o interrompi.

— Tai, tem mais coisas em jogo do que você sabe. Eu vou te explicar. Mais tarde. Quando estivermos sozinhos, prometo. — Meu olhar se fixou no dele, e eu implorei em silêncio que me ouvisse e se acalmasse. Sua boca estava apertada e uma sobrancelha se ergueu, mas ele permaneceu em silêncio e segurou minha mão um pouco mais forte. Em seguida, inspirando e expirando lenta e profundamente, falei as palavras que nunca, nem em um milhão de anos, me imaginei dizendo.

Eu daria a um potencial estuprador um passe livre da prisão. Fiz o máximo para pensar em todos os homens, mulheres e crianças de países pobres que jamais teriam acesso à medicina moderna que tínhamos nos Estados Unidos. Sem o projeto de Warren, eles nunca receberiam ajuda. Ele perderia todos os investidores, especialmente o sr. Benoit, se a verdade se tornasse pública. Por outro lado, a imprensa não precisaria pesquisar muito para descobrir quem havia me contratado e por quê. Isso afetaria de maneira negativa outras vidas além da dos Shipley ou da minha. Afetaria tia Millie, Wes, Alec, Tony e Hector, Mason, os D'Amico, que haviam me contratado no mês anterior para a campanha de moda praia, além de Tai e qualquer pessoa relacionada a eles.

Com a cabeça no lugar, falei com Warren da única maneira com que poderia manter alguma sanidade e ainda me olhar no espelho no dia seguinte.

— Warren, eu não vou contar nada nem prestar queixa, mas tenho algumas exigências. — Ele segurou minha outra mão e anuiu. Kathleen continuava chorando.

Lentamente, expus o que considerava justo:

— Ele vai se internar em uma clínica de reabilitação para se tratar do problema com a bebida. Não me importa se for num lugar privado, sem nome, e que ele tire uma licença alegando uma emergência familiar. Inventem alguma coisa. Seja o que for, ele precisa de ajuda. Também vai precisar de psicoterapia com um profissional qualificado.

— Considere feito — ele respondeu, sem hesitar.

— E eu quero uma carta de próprio punho assinada por ele, declarando que ele vai procurar essa ajuda. A via original vai ser entregue para mim. A carta vai ser um

compromisso de que ele vai fazer essas coisas, caso contrário eu vou levar isso para a imprensa, independentemente de existir ou não uma lei de prescrição por não ter dado queixa. Vou divulgar essa carta, detalhando a história toda. Entendeu?

Warren inclinou a cabeça e beijou minha mão.

— Mia... Eu sinto muito. Desculpe, minha menina. Obrigado, muito obrigado por ser tão generosa.

— Uma última coisa... o dinheiro.

— O que você quiser é seu. Milhões, qualquer valor.

Ofeguei com aquilo. Ele estava disposto a me dar milhões de dólares para manter o filho longe de problemas e salvar o projeto. Mas, quando uma pessoa tem a quantidade de dinheiro que Warren Shipley tinha, milhões eram uma gota no oceano. Fiquei enjoada ao pensar que ele tentaria me comprar, mas eu conhecia seu coração. O único objetivo era me ajudar, aliviar a dor de qualquer maneira que pudesse. O dinheiro era o caminho normal para alguém que nasceu em berço de ouro.

— Nem uma moeda. Não quero dinheiro. Não quero acordo nem suborno. Não sou uma prostituta. Sou uma mulher que ele agrediu. Ele deveria ir para a cadeia pelo que fez comigo, Warren, mas por sua causa, e por causa do que você está tentando fazer para ajudar o mundo, as pessoas carentes, eu vou deixar barato. Estou indo contra tudo em que acredito para ter certeza de que nada vai acabar com esse projeto. Não me faça me arrepender.

Algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto, e ele as secou rapidamente. Acariciei sua bochecha, e seus olhos disseram que ele entendia. Que sabia exatamente o que eu estava sentindo, o que estava sacrificando, e que respeitaria a gravidade de tudo isso. Ele se despediu. Kathleen me abraçou daquela forma maternal que eu adorava e chorou sobre minha camisola hospitalar, me agarrando firmemente. Minhas costas queimavam nos pontos machucados. Estoicamente, como um guerreiro recém-saído da batalha, cerrei os dentes e a abracei mesmo com dor. Ela precisava disso tanto quanto eu.



Depois da alta, fiquei alguns dias em Nova York sendo paparicada por Mason, Tai, Rachel e Kathleen. Warren manteve distância, apesar de me enviar flores duas vezes por dia. Levou todo aquele tempo para que Mason e Tai superassem a raiva. Curiosamente, os dois se deram muito bem e se divertiam como velhos amigos, implicando um com o outro por causa dos times do coração e das diferenças entre o continente e a ilha.

Acabei mandando Tai de volta para casa, para sua família e sua namorada. Amy foi extremamente compreensiva, enviando mensagens e e-mails engraçados para levantar meu astral. Ela era uma alma gentil, e amei saber que estava esperando por

Tai em casa.

No último dia com ele, nós nos sentamos na varanda do Four Seasons, apreciando a vista.

— Incrível, não é? — Fiz um gesto com o pé para o horizonte de Nova York.

Ele deu de ombros.

— Prefiro o mar e as palmeiras a estruturas maciças e luzes, mas entendo por que as pessoas gostam. Pra mim, é muito cheio, muito louco, muito tudo.

Absorvi o que ele disse. Muito tudo. Cara, ele estava certo.

Ajeitei os pés, cruzando um tornozelo sobre o outro. O olhar de Tai seguiu direto para a tatuagem, completamente cicatrizada agora. Ele abriu um largo sorriso desta vez, e não era seu sorriso sexy normal: era um sorriso aberto, que exibia os dentes e a gengiva. Sua mão gigante cobriu meu tornozelo e o puxou para o colo. Eu me ajeitei na cadeira para que ele pudesse inspecionar o desenho.

— Confie na jornada, hein? — Seus olhos observaram as palavras e depois se voltaram para mim.

— Sim.

Ele traçou a frase, o dente-de-leão e cada pétala com as letras. O polegar parou sobre o pequeno T em uma delas. O calor de seu dedo queimou minha pele e viajou pela perna para pousar no lugar que estava muito familiarizado com ele. Na verdade, tenho certeza de que em meu sexo estava escrito: “Ode a Tai”, poemas e cartas de amor, desejando que ele voltasse desde que parti. Ele, por outro lado, não tinha a mesma paixão no olhar. Percebi que aquilo agora pertencia a uma loirinha que o esperava no Havaí.

— O que essas letras significam? — ele perguntou.

Pensei em disfarçar, perguntando “que letras”, mas Tai nunca tinha mentido nem deixado de agir de forma verdadeira comigo, e eu o trataria com o mesmo respeito. Puxando o pé para perto, aponteí cada letra.

— Elas correspondem aos homens que marcaram a minha vida de uma forma que quero lembrar. Isso me faz recordar que cada experiência tinha que acontecer e que, por um tempo, eu me senti verdadeiramente amada. — Lágrimas se formaram em meus olhos, mas eu respirei fundo e as contive, engolindo ruidosamente.

Tai traçou o T solitário.

— Sou eu?

Incapaz de falar, assenti. O momento me encheu de emoção. Ele se inclinou e beijou a letra.

— Gostei, garota. Um pedaço de mim vai estar sempre com você.

Com isso, me inclinei para a esquerda e beijei a única tatuagem sobre seu ombro direito, que significava amizade na cultura samoana. A tatuagem que ele fez para mim e pelo que o nosso tempo juntos representou. Ele acariciou minha cabeça

quando eu me inclinei contra ele.

— Você precisa ir para casa — eu o lembrei.

— Tem muita coisa lá para mim — ele disse, com serenidade.

— Eu sei. Eu te amo, Tai. Obrigada por ter vindo.

— Nunca duvide de que você é amada, garota. A família é você quem faz, e eu sempre vou estar ao seu lado.

Ele partiu naquela noite. Pegou o primeiro voo de volta para Oahu. Levou mais um pedaço do meu coração consigo e solidificou a crença de que realmente estaria lá se eu precisasse.



Passei os dias seguintes em Boston com Mason e Rachel. Ele agia como se eu tivesse acabado de sobreviver a uma catástrofe e precisasse ser adorada, como se estivesse completamente quebrada. Eu não estava, mas tirei vantagem de qualquer forma. Estar com Mason, rever seus irmãos e os caras do time de beisebol foi ótimo. E, mais uma vez, provou a importância daqueles homens na minha vida. Eu tinha pessoas. Muitas, com quem poderia contar em qualquer situação. Aquelas que me levantariam, protegeriam, lutariam por mim e, acima de tudo, me amariam.

Enquanto eu arrumava a mala, encontrei meus artigos de papelaria e o bloco de anotações. Eu não estava mais com Warren e Kathleen, mas decidi que eles mereciam algo para comemorar nosso tempo juntos. Encontrei um envelope na gaveta da mesa e rabisquei na frente dele o endereço da mansão. Não coloquei um endereço de remetente, pois não estava no apartamento da Califórnia. Então, simplesmente escrevi “Mia Saunders” na parte de trás.

Warren & Kathleen,

Sinto muito pela forma como as coisas terminaram. Sei que vocês nunca desejariam o que aconteceu comigo e não os culpo. Obrigada por me enviarem os detalhes sobre a reabilitação do Aaron. Saber que ele está recebendo ajuda faz o que aconteceu, de alguma forma, ser um pouco mais fácil de lidar. Meu maior desejo é que ele encontre a paz de que precisa.

Christine Benoit me disse que a primeira remessa de mercadorias para o Reino Unido está prevista para o mês que vem. Dizer que estou emocionada nem começa a expressar minha felicidade por ouvir essa notícia. Saber que muitas pessoas carentes vão receber a ajuda de que necessitam para viver uma vida longa e feliz faz tudo valer a pena.

Quero que saibam que o período que passei com vocês foi realmente adorável. Ver o progresso do relacionamento de vocês foi inspirador.

Obrigada por me deixarem ser parte da vida de vocês.

Mia

Dobrei a carta, coloquei-a no envelope e perguntei a Rachel se ela poderia postar para mim. Desta vez não escapei enquanto eles estavam dormindo e permiti que os dois me levassem para o aeroporto. Era o mínimo que eu poderia fazer, depois de

terem me salvo e cuidado de mim pela última semana e meia.

Nós nos despedimos e prometemos manter contato, como de costume. Até agora, havia sido muito fácil continuar conversando com os novos amigos que eu tinha feito. Talvez porque eu não tivesse outros amigos além de Maddy e Ginelle em casa.

Quando me sentei na poltrona do avião, pensei no mês que tinha passado. Dei uma de cupido, fiz sexo por mensagem e tive sonhos eróticos. Fiz acordos de negócios secretos, ajudei países do terceiro mundo, conheci ninfomaníacos canadenses e fui atacada. Havia sido um mês e tanto. Com tudo aquilo, aprendi três coisas que não deixariam minha mente.

Primeiro: Wes era a minha kriptonita. Eu precisava tomar cuidado e me proteger se quisesse passar pelos próximos seis meses. Segundo: nunca julgue um livro pela capa, mesmo quando a capa tem um homem em um terno incrível com um patrimônio ilimitado. Terceiro: os amigos são a família que você escolhe, e eu tinha os melhores amigos e a melhor família do planeta.

Sim, a vida era estranha, mas eu a estava vivendo ao máximo. Aceitava cada dia como ele vinha e experimentava tudo que podia. Aceitava o bom, o mau e até mesmo o feio, porque tudo isso era parte do processo. Como minha tatuagem dizia, eu tinha que *confiar na jornada*.

E ela estava me levando para um cantor de hip-hop de pele morena chamado Anton Santiago para fazer um videoclipe. Dizem que homens brancos não sabem enterrar. Bem, essa garota branca aqui não sabe dançar.

Julho vai ser um mês interessante...

NÃO PERCA O PRÓXIMO PASSO DA JORNADA DE MIA.

A *garota* DO CALENDÁRIO



JULHO

CONHEÇA A SEGUIR O PRIMEIRO CAPÍTULO.



Loira. Olhos azuis. Alta. Uma deusa. Jesus. O universo ria de mim enquanto eu permanecia parada, olhando de cima a baixo a mulher que parecia uma top model. Ela poderia ser a irmã perfeita da Rachel, e olha que a Rachel já era bem impressionante.

A mulher estava ao lado de um Porsche Boxster preto, balançando a perna, como se estivesse muito ansiosa. Seus dedos batiam de forma contínua na placa com meu nome que ela segurava. O fato de ela apoiar o peso do corpo em uma perna e depois na outra sobre os saltos agulha — de forma não tão sutil — aumentava as ondas de ferocidade que emanavam dela. Mas também poderia ser culpa do calor de Miami. Meu Deus, era sufocante, e ainda assim aquela mulher estava perfeitamente composta, como se tivesse saído de um clipe de rock. Vestia um jeans skinny tão justo que deixava ver a bela curva do traseiro. Sua blusa regata me fez babar, com um texto em cima dos peitos grandes que dizia: “Me abrace e morra”. Havia pelo menos dez colares de contas, de tamanhos e comprimentos variados, ao redor de seu pescoço. O cabelo dela era demais, preso de um jeito complicado que lhe dava a aparência de uma roqueira chique.

Depois que eu a inspecionei por alguns minutos, ela fixou os olhos azuis em mim. Um sopro de ar deixou seus pulmões quando ela jogou a placa dentro do carro pela janela. Me olhou de cima a baixo, começando pelos cachos, passando pelo vestido de verão e pelas sandálias simples que eu usava.

— Isso nunca vai dar certo. — Ela balançou a cabeça, exasperada. — Vamos, tempo é dinheiro — disse, petulante, olhando para trás, em minha direção. O portamalas se abriu e eu joguei a bagagem lá dentro.

— Eu sou a Mia, a propósito. — Estendi a mão no momento em que ela colocava um par de óculos aviador superdescolado. Virou a cabeça e olhou para mim por cima deles.

— Eu sei quem você é. Fui eu que te escolhi. — Seu tom continha uma pontada de desgosto quando ela ligou o carro e pisou no acelerador, sem esperar que eu colocasse o cinto de segurança. Meu corpo foi jogado para a frente e eu apoiei a mão no painel de couro liso.

— Eu fiz alguma coisa que te irritou? — Coloquei o cinto e observei seu perfil.

Sua respiração saiu em um suspiro longo e lento antes que ela negasse com a

cabeça.

— Não — gemeu. — Desculpe. O Anton me irritou. Eu estava fazendo uma coisa superimportante quando ele pediu para eu vir buscar você, já que *ele* precisava do nosso motorista para que *ele* pudesse transar com umas groupies no banco de trás do Escalade.

Eu me encolhi. Que maravilha. Parecia que o meu novo chefe era um babaca que pegava todas. *Mais um, não.*

— Que péssimo.

Ela fez uma curva rápida para pegar a rodovia.

— A gente pode recomeçar? — A voz dela refletia sinceridade e um pedido de desculpas. — Sou a Heather Renee, assistente pessoal do Anton Santiago. O cantor de hip-hop mais famoso do país.

— É mesmo? — Uau. Eu não tinha me dado conta de que ele era tão importante assim. Não costumo ouvir hip-hop. Sou mais uma garota do rock.

Heather assentiu.

— Sim. Todos os álbuns que ele lançou ganharam discos de platina. Ele é “o cara” do hip-hop, e o bom é que ele sabe disso muito bem. — Ela sorriu. — O Anton quer te conhecer imediatamente, mas você não pode usar isso aí. — Seu olhar se concentrou no meu vestidinho verde liso. Ele destacava meus olhos e fazia meu cabelo parecer incrível. Além disso, era confortável para viajar.

— Por que não? — Puxei a bainha para baixo, me sentindo envergonhada.

— O Anton está esperando uma modelo gostosa, um mulherão. — Mais uma vez, seus olhos percorreram minha roupa. — Você tem curvas, mas esse vestido te faz parecer muito comum, tipo a Sandra Bullock. Você vai precisar usar uma das roupas que eu comprei. Na casa tem um closet cheio de peças para você. Não deixe de usá-las. Ele espera que você esteja estonteante em todos os momentos.

Carrancuda, concentrei a atenção do lado de fora quando o Porsche cruzou a Ocean Drive. Os edifícios art déco com vista para o Atlântico se alinhavam em uma enorme extensão de terra.

— Tem água dos dois lados? — observei quando passamos sobre uma das pontes principais.

Heather fez um gesto com a mão.

— A baía Biscayne e o Atlântico estão dos dois lados da faixa de terra, como você pode ver. — Ela apontou para cima, em direção a um conjunto de construções altas. — A maior parte dos prédios aqui são hotéis, como o Colony, e outros pontos turísticos. E tem as pessoas — as sobranceiras dela se ergueram — que podem se dar ao luxo de morar aqui, como o Anton.

Olhando para os edifícios enquanto o Porsche deslizava pela estrada, com o vento soprando pela janela e balançando meu cabelo, notei uma paleta de cores que eu não

via com frequência. Em Las Vegas, tudo parecia marrom ou terracota. Em L.A., as coisas iam do branco puro a uma variedade de tons suaves que se encaixavam na vibração da Califórnia. Aqui, porém, as cores pareciam explodir em laranjas pálidos, azuis e rosas misturados com branco.

— Está vendo esses lugares? — Ela apontou para os hotéis Colony e Boulevard com um movimento leve e rápido da mão contra o vento. Anuí e me estiquei para ver melhor. — Eles ficam todos iluminados de neon à noite. Como em Las Vegas.

Vegas. Tive certeza de que meus olhos se arregalaram quando um baque constante começou em meu peito. Uma pontada atingiu meu coração. Eu precisava ligar para Maddy e Ginelle. Cara, Gin ficaria tão puta da vida quando eu contasse o que aconteceu em Washington. Talvez eu não contasse. Iria pensar nessa possibilidade.

— Que legal. Eu nasci em Vegas. Vai ser bom ver os prédios iluminados. — Eu me ajeitei no banco do carro, apreciando a brisa e permitindo que se dissipasse a tensão que sofri em Washington e em Boston, quando tive de deixar Rachel e Mason para trás.

Atrapalhada, liguei o celular. Várias notificações chegaram, e eu verifiquei uma por uma: uma mensagem de Rachel me pedindo para avisar quando chegasse. Outra de Tai, perguntando se o novo cliente era um cavalheiro ou se ele precisaria pegar mais um avião. E uma de Ginelle. *Ah, droga.* Aquilo não era nada bom.

Meu estômago parecia um poço do tamanho do Grand Canyon, uma caverna sem fim de tanto medo, quando abri a mensagem de Gin.

Você foi atacada? Ficou no hospital? Por que caralhos eu tive que saber disso pelo irmão do Tai?
Se você ainda não estiver morta, eu mesma vou te matar!

Respirando fundo, digitei a resposta:

Foi só um pequeno incidente. Nada de mais. Estou ótima. Não se preocupe comigo. Te ligo mais tarde, quando me instalar com o Latin Lov-ah.

Latin Lov-ah? Não brinca! Ele é um dos maiores nomes do hip-hop e quente feito pimenta.

Ouvi falar que ele é um babaca.

Esse cara pode ser um babaca comigo quando quiser... de preferência, com a língua...

Eu queria ser o arroz com feijão pra acompanhar a mistura dele. O churro da sobremesa. O pudim quente que ele sopra e lambe.

Para! Vadia doida. Meu Deus do céu. Perto de você eu sou uma santa.

Pelo menos eu sei que, se for para o inferno, você vai estar lá para me dar carona!

Ri alto quando Heather perguntou:

— Trabalho? — e apontou para meu celular. Apertei um botão e o coloquei no modo silencioso antes de guardá-lo na bolsa.

— Desculpe. Era a minha melhor amiga. Ela queria saber se está tudo bem. — Suspirei e joguei o cabelo sobre o ombro. O calor estava incomodando. Eu me inclinei e ajustei a entrada de ar para me refrescar com o ar-condicionado. *Ah, bem melhor.* Obviamente, Heather não estava preocupada com o desperdício, já que mantinha as janelas abertas.

— Vocês são chegadas? — Seus lábios se contraíram quando ela entrou em uma garagem subterrânea.

Minhas sobrancelhas se franziram. Que parte do “melhor amiga” ela não tinha entendido?

— Sim, unha e carne. A gente se conhece desde sempre.

Ela bufou e estacionou em uma vaga.

— Você tem sorte. Eu não tenho nenhum amigo. — As palavras dela me atingiram como uma descarga elétrica.

— Como assim? Todo mundo tem amigos.

Heather balançou a cabeça.

— Eu não. Sou ocupada demais para cultivar relacionamentos. O Anton tem que ser o melhor. Mesmo que eu seja apenas a assistente dele, preciso manter as coisas em ordem. Além disso, a minha formação é na área de gestão empresarial. Talvez um dia eu seja responsável por tomar as decisões sobre a carreira de um artista. Se eu quiser que os meus sonhos se tornem realidade, preciso trabalhar muito.

— Acho que sim. — Dei de ombros e a segui enquanto ela caminhava rapidamente para o elevador, passando por uma fila de carros de luxo bastante

impressionante.

— Caramba — sussurrei baixinho, apreciando o Mercedes, o Range Rover, o Escalade, o BMW, o Bentley, a Ferrari e outros carros europeus que não consegui identificar. Mas o que realmente me fez parar e permanecer colada ao concreto foram as motocicletas, seis das coisas mais sexy que eu já tinha visto.

Havia uma BMW HP2 Sport branca, com aros azuis e motor de 1.170 cilindradas. Eu devo ter ficado molhada quando olhei. Depois, uma MV Agusta F4 1000, a única moto do mundo que tem o motor com um sistema de válvulas radiais. Eu me virei, soltei a mala e passei a mão no banco desbundante da terceira máquina. A Icon Sheene era toda preta com cromo brilhante. Eu a acariciei como um amante faria, com a ponta do dedo, traçando suas curvas arredondadas e o design de vanguarda das bordas audaciosas. Aquela moto custava mais de cento e cinquenta mil dólares. *Que foda. Sério, eu preciso de uma foda em cima dela.*

Ar! Eu precisava de ar! Engoli em seco e me agachei, ainda incapaz de tirar os olhos daquela belezura. *Bebezinho, venha para a mamãe!* Eu poderia viver feliz naquela garagem, só olhando para a moto dos meus sonhos.

— Hum, olá! Terra para Mia! O que é que você está fazendo?

A voz de Heather vibrou, mas eu não respondi. Era como um mosquito irritante que sempre voltava, não importava quantas vezes você tentasse afastá-lo.

Lentamente eu me levantei, respirei devagar e observei a fila mais uma vez. Uma KTM Super Duke laranja e preta estava na parte de trás. Provavelmente era a mais acessível de todas. Definitivamente estava na lista de motos incríveis que um dia eu poderia pagar.

— De quem são essas motos? — perguntei. Minha voz caiu alguns tons com aquela sensualidade sobre rodas.

— Do Anton. Este prédio é dele. Tudo fica aqui: o estúdio de gravação, a sala de dança, a academia e, é claro, a cobertura onde ele mora. Todos os membros da equipe têm apartamentos aqui. Você também vai ter um. Nós reservamos esse para as celebridades que vêm visitar o Anton ou para as pessoas que estão trabalhando na produção dos discos dele.

— Ele dirige todas essas motos?

Ela sorriu.

— Fanática por motos, hein?

— Digamos que sim. — Tive que forçar as palavras, mesmo tendo afastado o olhar daquelas tentações.

— Talvez ele te leve de carona num passeio.

Aquilo chamou minha atenção.

— De carona.

Ela assentiu, o sorriso tão bonito que poderia aparecer em anúncios de

publicidade no mundo todo.

— Nem pensar. Eu não vou de carona, meu bem. Eu mesma piloto.



Heather me deu quinze minutos para me refrescar antes de me levar para conhecer Anton. Entrei no chuveiro, tirei a poeira da viagem e vi a roupa que ela havia escolhido. “Roupa” era uma descrição muito generosa. O que estava em cima da cama era um pedaço de tecido, um short muito curto e uma sandália de salto agulha com tiras que cruzavam até os joelhos. Vesti o short e me olhei no espelho. A polpa do bumbum era visível para quem prestasse atenção. Merda. Eu me virei de frente. Era tão curto que o fundo do bolso aparecia. A blusa era bonita. Evidenciava os seios e ficava presa por duas alças finas em cada ombro. Fechando os olhos, contei até dez e tive uma conversa comigo mesma.

Você consegue, Mia.

Há pouco mais de um mês, você estava pra lá e pra cá de biquíni com o Tai e a equipe da campanha. Isso aqui é muito mais roupa que aquilo. Além disso, você não está aqui pela sua moral ilibada e sua decência. Você veio para ser sensual e fingir que é uma paquera dele em um clipe de rock. Digo, em um clipe de hip-hop.

Um gemido escapou da minha boca enquanto eu prendia o cabelo em um rabo de cavalo. O clima parecia insuportável de tão quente, ou talvez minha temperatura interna é que estivesse muito elevada.

Inspirando lentamente pelo nariz e expirando pela boca, saí para a sala de estar. Heather estava lá, falando ao telefone. Seus olhos observaram minha roupa, da ponta dos pés ao cabelo. Quando chegaram à cabeça, ela fez uma careta. Sem parar de falar, veio em minha direção, tirou meu elástico e deixou os fios grossos caírem ao redor dos meus ombros.

— Melhor — sussurrou enquanto afofava minha cabeleira, então estalou os dedos e caminhou até a porta.

— Você acabou de estalar os dedos pra mim? — O clima de camaradagem que conseguimos no caminho do aeroporto havia implodido.

Heather teve a decência de parecer envergonhada.

— Desculpe — ela murmurou. — Sim, Anton, eu estou com ela agora. — As palavras demonstravam irritação, como se fosse algo que se pode jogar no ar e pegar num impulso. — Vamos nos encontrar na sala de dança. Sim, em cinco minutos.

Ela desligou o telefone e se virou para mim.

— Mia, desculpe. Ele me deixa tensa. Hoje ele está daquele jeito. Eu não quis ser rude. Parece que os dançarinos estão péssimos, não conseguem se mexer nem se alguém colocar abelhas dentro da cueca deles.

Tentei rir com ela, mas não consegui. O medo atingiu minhas costelas e pousou

pesadamente em meu estômago. Com certeza ele não ficaria feliz quando descobrisse que esta garota aqui não sabe dançar. Pelo menos eu sabia que não haveria devolução. Ele pagou a taxa, independentemente de eu saber dançar. Isso não fazia parte do meu portfólio, e eu jamais afirmaria o contrário.

O elevador se abriu para um corredor ladeado por paredes de vidro. As luzes normais estavam apagadas na sala. Luzes negras cintilavam e holofotes brilhavam sobre corpos se contorcendo ao ritmo da batida obscenamente alta. Um homem usando short de corrida e camiseta fez uma contagem para os dançarinos, me fazendo pensar que era algo relacionado à posição dos pés ou das mãos, mas eu não tinha certeza.

Heather me levou para um canto. Foi quando dei a primeira olhada em Anton Santiago. Observei seu perfil elegante e seus músculos, e senti a boca secar. A sala ao meu redor parecia pulsar como um batimento cardíaco enquanto ele caminhava para a frente, bem devagar. Cada batida da música acentuava o movimento de seus ombros, um na frente do outro. Ele girava o quadril no ritmo. Seu corpo estava coberto de suor, na clavícula protuberante, sobre o peitoral musculoso e pelos vales do abdome tonificado. Ele não era apenas definido — seu corpo gritava “me abraça, me toque, cole seu peito nu no meu”.

Ele se virou, os bailarinos imitando seus movimentos, até que Anton bateu no chão... com o corpo. Fez uma série de flexões no ritmo da música e depois mais algumas, só com uma mão. Os músculos do antebraço incharam deliciosamente. Ele repetiu o movimento, mas com um balanço adicional do quadril, como se estivesse transando com o chão. Minha nossa... Eu queria me deitar ali e rebolar para que ele pudesse praticar aquele movimento com uma mulher de sangue quente. E eu estava quente. Muito. Me abanei enquanto observava seu corpo se contorcer, girar e se lançar no ar para depois cair em pé e repetir o giro e o impulso pélvico com a letra sexy da música.

“Monte em mim, baby, monte”... *giro de corpo*.

“Comigo, vou a noite toda”... *impulso*.

“Me deixe te fazer bem”... *giro de corpo*.

“E monte em mim, baby, monte”... *impulso*.

Ele segurou seu pacote com aquela mão grande, puxando-o para cima enquanto seu corpo se arqueava. Parecia um deus dourado que tinha acabado de devorar a garota dos sonhos e estava checando sua arma antes de voltar para a batalha do sexo.

A música chegou ao fim de repente.

— Certo, pessoal. Já chega por hoje. Anton, mandamos bem — o cara de short falou.

Anton não disse uma palavra, só fez um gesto com o queixo. Um bando de

meninas foi até ele com água e toalha.

— Ah, Anton, você foi incrível. Tão sexy.

Ele parou alguns metros a minha frente, os olhos nunca se afastando dos meus. Verde com verde. Os seus pegando fogo, os meus ficando excitados.

— Me deixem.

— Mas eu achei que depois do ensaio a gente ia se divertir. — As garotas clamavam por atenção.

Suas sobrancelhas se franziram.

— Anton não repete. *Vete al carajo* — ele disse e, com um movimento, as enxotou dali. Pela careta e pela tristeza em seus rostos, o que ele falou não era bom. Depois eu descobri que significava algo como “vá pro inferno”.

— *Lucita*. — Ele lambeu os lábios de um jeito que fez minha coluna formigar e meu centro apertar. Sim, ele fez meu sexo se *contrair* com uma única lambida nos lábios. — Agora que está aqui, o que nós vamos fazer com você? — O sotaque porto-riquenho despertou coisas malucas em meus sentidos, enquanto seus olhos me observavam de cima a baixo novamente. Era como se ele tivesse estendido a mão e passado em minha pele, tamanha a eletricidade que senti com aquele olhar.

Os olhos esverdeados estavam vidrados, plenos do que só poderia ser definido como luxúria. Ficamos ali, presos um no outro, como se estivéssemos numa guerra silenciosa. Minhas narinas inflaram, os olhos se apertaram, e eu finalmente falei:

— Você poderia me dar alguma coisa para comer. Estou morrendo de fome.

Heather, que estava muito mais perto do que eu pensava, bufou com uma risada, quebrando a tensão entre mim e Latin Lov-ah. Agora que eu o havia conhecido pessoalmente, fazia todo o sentido ele usar esse nome.

Sua cabeça se virou para ela.

— Desculpa, Anton — ela disse e desviou o olhar, falhando em esconder o sorriso no rosto.

Ele estendeu a mão para mim.

— Mia, vamos te satisfazer. — A maneira como ele disse isso me fez pensar em uma centena de coisas completamente inadequadas além de comida. Lambi e estalei os lábios.

— Sim, vamos.

AGRADECIMENTOS

À minha editora, Ekatarina Sayanova, da Red Quill Editing, LLC (www.redquillediting.net). Estou mais que feliz por tê-la encontrado. É difícil achar um editor que se encaixe com você. Você se encaixa comigo.

À minha assistente pessoal, Heather White. Você acredita que estamos no ponto em que cópias impressas estão sendo feitas em lotes enormes? Deve ser graças a todos aqueles excelentes teasers e à árdua promoção extra que você tem feito. Te amo, garota.

A Sarah Saunders, por estar sempre ao meu lado. Amo essa sua cara.

A Jeananna Goodall — adoro a maneira como você curte minhas histórias. Os e-mails, textos e comentários que recebo de você sempre melhoram o meu dia.

A Ginelle Blanch. Você é especialista em encontrar meus erros peculiares. Obrigada por ser você. Porque você é simplesmente maravilhosa!

A Anita Shofner. Você vai livrar o mundo de tempos verbais ruins e vírgulas erradas, um livro de cada vez. Por isso, não tenho nenhuma dúvida: você, Anita, tem um dom. Obrigada por compartilhá-lo comigo e por tornar meu trabalho muito melhor!

A Christine Benoit. Estou muito animada por ter uma especialista para checar o meu francês. Obrigada por ser um recurso vital para que o idioma do meu Alec Dubois saia tão bonito quanto eu desejo.

Às Audrey's Angels. Juntas, vamos mudar o mundo. Livro após livro. *Besos* para a vida, moças encantadoras.

Às leitoras do Audrey Carlan Wicked Hot Readers. Vocês me fazem sorrir todos os dias. Obrigada pelo apoio.

Por último, mas certamente não menos importante, à minha editora, a Waterhouse Press. Vocês são o *extra* no extraordinário. Eu não poderia estar mais feliz por vocês terem me encontrado e me dado uma casa para chamar de minha. Muito amor.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Star Books Digital

A garota do calendário – Junho

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/a-garota-do-calendario-junho-592460ed593594.html>

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>

Site da autora

<http://www.audreycarlan.com/>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/audreycarlan>

Vídeo sobre a série no Youtube

<https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw>

Instagram da autora

<https://www.instagram.com/audreycarlan/>

Table of Contents

[Rosto](#)

[Star Books Digital](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[A garota do Calendário | Julho](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)